

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JÚLIO DE MESQUITA FILHO – UNESP
INSTITUTO DE ARTES - IA**

ANGELO CAIO MENDES CORRÊA JUNIOR

**A LITERATURA COMO FIO DE ARIADNE:
a trajetória da professora Nelly Novaes Coelho**

São Paulo

2023

ANGELO CAIO MENDES CORRÊA JUNIOR

**A LITERATURA COMO FIO DE ARIADNE:
a trajetória da professora Nelly Novaes Coelho**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNESP para obtenção do título de doutor em Artes.

Área de concentração: Arte e Educação.

Linha de Pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luíza Helena da Silva Christov.

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e a divulgação totais ou parciais deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

C824l Corrêa Júnior, Angelo Caio Mendes, 1967-

A literatura como fio de Ariadne: a trajetória da professora Nelly Novaes Coe
Angelo Caio Mendes Corrêa Junior. -- São Paulo, 2023.
142 f.: il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luiza Helena da Silva Christov.

Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, Instituto de Artes.

1. Literatura - Estudo e ensino. 2. Literatura - História e crítica. 3. Ensaio. 4.
Coelho, Nelly Novaes, 1922-2017. I. Christov, Luiza Helena da Silva. II. Universidade
Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 8

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

ANGELO CAIO MENDES CORRÊA JUNIOR

**A LITERATURA COMO FIO DE ARIADNE:
a trajetória da professora Nelly Novaes Coelho**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Artes.

Tese aprovada em 30/06/2023

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luiza Helena da Silva Christov
Universidade Estadual Paulista

Prof^a. Dr^a. Ana Emilia Fajardo Turbin
Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Edna Alencar da Silva Rivera
Instituto Federal de São Paulo

Prof^a Dr^a Marlúcia Mendes da Rocha
Universidade Estadual de Santa Cruz

Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Demarchi
Instituto Federal de São Paulo

Dedico este trabalho à memória de minha mãe, Zilda de Oliveira Mendes Corrêa e de minha avó materna, Rosina Sommer de Oliveira, meus maiores pilares.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à minha querida amiga e diligente orientadora, a Prof^a Dr^a Luíza Helena da Silva Christov, responsável, quando me achava distante da continuidade dos estudos acadêmicos, por meu retorno a eles, no ano de 2018. Sua dedicação, carinho, disponibilidade de tempo e rara sensibilidade têm sido dos maiores presentes que recebi na vida, nesses últimos anos de existência.

A meu companheiro de vida e ideais, há 23 anos, Itamar Santos, que muito me estimulou para que voltasse às pesquisas acadêmicas e realizasse esta pesquisa sobre a trajetória da querida e inesquecível Prof^a Dr^a Nelly Novaes Coelho, sempre destacando a importância do presente trabalho, sobretudo pela preservação da memória da saudosa mestra.

A Nurimar Maria Falci, mestra em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, que, desde muito jovem, voltada para o universo do livro, conviveu estreitamente a professora Nelly Novaes Coelho, tornando-se sua amiga, orientanda e colaboradora, pelas preciosas informações e material bibliográfico que tanto contribuíram para a presente pesquisa.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Arte e Formação de Educadores, carinhosamente chamado de Rodalíngua por seus integrantes, criado pela amiga e orientadora Luíza Christov, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, pelas inestimáveis trocas de aprendizados e experiências, durante suas reuniões mensais, desde que passei a integrá-lo.

Às amigas e colegas de magistério, Edna Alencar e Rita Demarchi, que integraram a banca de meu exame de qualificação e cujas leituras dos primeiros capítulos do trabalho trouxeram-me valiosas luzes para que chegasse até esta etapa final.

A Ana Vitória Bella, Helena Cardoso e Victor Nóvoa, amigos da companhia de teatro A Digna, companhia de que me apresentaram a Prof^a Luíza Christov.

A Horacio Sancho, companheiro de vida da professora Luíza Christov, pelo carinho e paciência ao me receber na acolhedora casa em que moram, por diversas vezes, para longas conversas sobre os rumos deste trabalho.

A Rosani Abou Adal, poeta e editora do tabloide literário *Linguagem Viva*, que caminha para sua quarta década de publicação ininterrupta, graças ao idealismo e à paixão de sua editora pelas letras.

Ao romancista e editor Alexandre Staut, criador da revista de arte e cultura *São Paulo Review*, que desde seus primeiros números, uma década atrás, tem acolhido minhas colaborações.

Ao jornalista Raúl Reis, diretor do jornal *Bom Dia Europa*, editado em Luxemburgo e lido pelas comunidades lusófonas mundo afora, do qual sou colunista desde 2017.

Ao escritor Lima Trindade, que por mais de uma década esteve à frente da revista literária *Verbo 21*, da qual fui colaborador até a derradeira edição, em janeiro de 2014.

Ao escritor Carlos Pessoa Rosa, editor da revista literária *Meiotom Poesia e Prosa*, na qual assinei duas colunas, entre 2007 e 2018, quando encerrou sua circulação.

Ao editor Henrique Chagas, da revista literária *Verdes Trigos*, onde, no início dos anos 2000, tive vários trabalhos sobre literatura publicados.

A Domingos Rocha pelo apoio na formatação das fotos que ilustram o presente trabalho e à sua companheira, Kátia Cristina do Amaral, pelo carinho com que sempre me acolheram.

Ao amigo José Luiz Rivera pelas indicações quanto à formatação da tese pelas regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

A Solange Abate, mestra que tanto no curso ginásial quanto colegial tão bem me guiou no extraordinário universo de nossa língua e literatura. Devo às suas aulas exemplares muito de minha paixão pelas letras.

Ao professor Alcides Villaça, que nos anos 1990 orientou o mestrado que realizei em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Crítico literário e poeta dos melhores, sua convivência e lições até hoje ecoam para mim.

A Elisa Guimarães, de quem tive a alegria de ser aluno no curso de Letras da Universidade de São Paulo, cujas aulas eram sempre magnas e a quem eu disse, certa vez, que se conseguisse ter apenas uma fração do que ela tinha de talento para o magistério, me daria por realizado. Elisa Guimarães, que foi orientanda e amiga de toda a vida de Nelly Novaes Coelho.

A Gustavo Gasparani, que em diversas ocasiões, nas longas conversas que mantivemos, me instigou a ingressar no doutorado, mesmo quando eu dizia que era tarde demais para tanto.

A Clélia e André Caramuru Aubert, amigos cujas trocas de experiências no universo literário têm sido, ao longo dos anos, proveitosas e enriquecedoras.

A Marta Uber e David Oscar Vaz, amizades especiais, pelo constante diálogo em torno da literatura e da psicologia

A Remisson Aniceto, escritor e editor da revista literária Prottexto, em que colaborei até o número final, pelos tantos anos de amizade.

A Erika e Eduardo Bodstein, responsáveis pelo canal da Escola Livre de Artes (ELA), no qual tive a satisfação de apresentar, nos últimos dois anos, o programa Observatório, sobre arte e cultura.

A Ana Emília Fajardo Turbin, parceira de tantas jornadas no magistério, por ter aceitado participar da banca a que este trabalho foi submetido.

A Marlúcia Mendes da Rocha, por sua leitura minuciosa e atenta de meu trabalho, assim como pela ajuda imensa em sua formatação final.

A Yara Camillo, escritora e tradutora de talento incomum, pela convivência e belas prosas literárias.

Aos meus filhos felinos, Chaninha, Lola, Luísa, Chaninho e Valentina, que tantas noites e madrugadas foram companheiros fiéis e dedicados, acompanhando-me nas tarefas, nem sempre fáceis, de pesquisa e escrita deste trabalho. Lola, Chaninha e Chaninho, infelizmente, partiram para outras dimensões cósmicas antes do término de minhas pesquisas, deixando saudades imensas pelos bons, embora poucos anos em que fizeram, lindamente, parte de minha vida. Luísa, companheira fiel, madrugadas adentro, por meses seguidos, enquanto escrevia este trabalho, permaneceu junto a mim, ora em meu colo, ora na cadeira ao lado da minha, diante da escravinha e do computador, na solidão de meu escritório, reiterando seu amor irrestrito e despretensioso.

À memória de minha mãe, Zilda de Oliveira Mendes Corrêa, que desde os meus primeiros anos de vida me colocou em contato com o universo rico e mágico dos livros.

À memória de minha avó materna, Rosina Sommer de Oliveira que, quando eu tinha menos de três anos, lia para mim, em voz alta, as fábulas de La Fontaine e do Irmãos Grimm, em bela edição, cujas ilustrações me encantavam profundamente, até hoje guardada com carinho em minha biblioteca.

À memória de meu avô paterno, Angelo Pio Mendes Corrêa, leitor infatigável, até o final de seu século de vida, que descobrindo meu amor pela leitura e pelos

livros, passou a me presentear, desde tenra infância, com obras importantes, formadoras de minhas bases intelectuais.

À memória de Antonio Olavo Pereira, cuja convivência foi privilégio impagável e que acabou me conduzindo à obra de Nelly Novaes Coelho.

À memória de Cacy Cordovil, amiga e escritora de prestígio, pelas tantas conversas sobre nossa paixão comum: os livros.

À memória de Cassiano Nunes, amigo com quem tive correspondência de mais de duas décadas, intelectual brilhante, professor de Literatura, crítico literário, dramaturgo e poeta, que muito me ensinou, também ele amigo de uma vida inteira de Nelly Novaes Coelho.

À memória de Ruy Affonso, amigo com quem tive convivência de vários anos, intelectual brilhante, ator consagrado e poeta festejado pelo público e pela crítica de seu tempo, também amigo estimado de Nelly Novaes Coelho.

À memória de Maria Augusta e Rosaura de Escobar, amigas cuja presença em minha vida foi um raro presente. As constantes visitas a casa em que viveram por mais de 60 anos, na capital paulista, repleta de livros e de histórias, sempre recheadas por conversas riquíssimas sobre arte, literatura e cultura, significaram um dos pontos mais altos de determinado período de minha existência. Ali também pude conhecer e conviver com nomes de destaque de nossa literatura.

À memória de Caio Porfírio Carneiro, escritor valoroso, cuja amizade foi para mim vibrante aprendizado literário e humano. Nossos encontros na sede da União Brasileira de Escritores, da qual foi secretário por quase cinco décadas, eram verdadeiras aulas de literatura.

À memória de José Bento Faria Ferraz, amigo e secretário do escritor Mário de Andrade, pelos muitos encontros que selaram nossa amizade e paixão comum pela literatura.

À memória do médico e poeta Wanderley Francisconi Mendes, que da medicina fez verdadeiro apostolado a favor dos menos favorecidos e da poesia um canal que materializou lindamente sua rara humanidade. Nossas longas conversas telefônicas eram para mim aulas de sensibilidade e erudição.

À memória de Julieta de Godoy Ladeira, escritora consagrada que deu contribuição inestimável à moderna literatura brasileira, com quem tive, no decorrer de mais de uma década, rica correspondência que significou aprendizado literário e de vida.

À memória de Zica Bergami, compositora que marcou fortemente a música popular brasileira, pela amizade e por tantas boas lembranças.

À memória de Jorge Rizzini, escritor de jornalista, cuja vida foi dedicada às letras e ao exercício do jornalismo independente.

À memória de Etty Fraser, atriz que durante mais de cinco décadas deixou seu talento imenso registrado nos palcos e nas telas, pela amizade e prosas enriquecedoras.

Por fim, à memória da querida e saudosa mestra Nelly Novaes Coelho, a quem tanto devo em minha formação acadêmica, bem como por sua inestimável amizade que atravessou quase três décadas.

“Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que ler o mundo e ler palavra se constituam um movimento em e não há ruptura, em e você vai e volta. E ler mundo e ler palavra, no fundo, para mim, implicam ‘reescrever o mundo’. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, e provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo do mundo.”

Paulo Freire

“Dar a ler, então, é dar as palavras sem dar ao mesmo tempo o e dizem as palavras. Ou, melhor, interrompendo todas as convenções que nos fazem dar a ler o que já temos como próprio, o que já sabemos ler. Temos lido que as palavras são sempre as mesmas e o que dizem não é nunca o mesmo. Por isso, há que se dar as palavras retirando ou interrompendo ao mesmo tempo o que dizem as palavras para dar assim o infinito durar das palavras, sua possibilidade de dizer sempre de novo mais além do que já dizem.”

Jorge Larrosa

RESUMO

Para o estudo de doutoramento, materializado na presente tese, revisei memórias do meu encontro com a professora Nelly Novaes Coelho, bem como sua obra e elaborei um ensaio para destacar a importância de sua presença na história do ensino da literatura no Brasil. Nelly Novaes Coelho, por mais de cinco décadas exerceu suas atividades como professora e pesquisadora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. As contribuições de Nelly Novaes Coelho, centrais para aqueles que se debruçam sobre a teoria da literatura e da linguagem, a literatura brasileira e portuguesa contemporâneas, a literatura infantil e juvenil brasileira e portuguesa e a representatividade feminina na história literária do Brasil e de Portugal, levaram-na a produzir extensa bibliografia, com quase quatro dezenas de títulos, bem como intensa colaboração na imprensa especializada, nacional e estrangeira. Sua visceral dedicação às letras contribuiu na formação de milhares de alunos, permitindo que orientasse dissertações de mestrado e teses de doutorado de quase uma centena deles. As mais de duas dezenas de livros que escreveu, alguns deles referências em suas áreas, bem como sua extensa colaboração na imprensa especializada, até hoje norteiam os estudiosos de literatura brasileira e portuguesa. Ao percorrermos a trajetória intelectual de Nelly Novaes Coelho e os autores que a formaram, estabelecemos diálogo com três nomes essenciais do pensamento filosófico contemporâneo: Edgar Morin, Jorge Larrosa e Paulo Freire, haja vista seus pontos comuns e intersecções.

Palavras-chave: literatura; ensino; Nelly Novaes Coelho.

ABSTRACT

This PhD research made me revisit all the precious moment I spent with professor Nelly Novaes Coelho as well as re-reading her work. I wrote a thesis to highlight the importance of her presence in the history of literature teaching in Brazil. The contributions of Nelly Novaes Coelho, central to those who study the theory of literature and language, contemporary Brazilian and Portuguese literature, Brazilian and Portuguese children literature and youth literature and female representation in the literary history of Brazil and Portugal, led her to produce an extensive bibliography, with almost four dozen titles, as well as an intense collaboration in the national and foreign specialized press. Her visceral dedication to literature contributed to the education of thousands of students. She had also supervised almost a hundred students master's degree and PhD's thesis. Her two dozen books, some of them references in their areas, as well as her extensive collaboration in the specialized press, have guided scholars in the Brazilian and in the Portuguese literature to this day. As we go through the intellectual trajectory of Nelly Novaes Coelho and the authors who formed her, we establish a dialogue with three essential names in contemporary philosophical thought: Edgar Morin, Jorge Larrosa and Paulo Freire, given their common points and intersections.

Keywords: literature; teaching; Nelly Novaes Coelho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - capa do livro <i>A voz de professores de artes: encontro entre universidade e ensino fundamental</i>	23
Figura 2 - capa do livro <i>Narrativas de educadores: metáforas e sentidos</i>	26
Figura 3 - capa do livro <i>Fio de prumo</i>	29
Figura 4 - capa do livro <i>Ronda de fogo</i>	34
Figura 5 - capa do livro <i>Dicionário crítico de escritoras brasileiras</i>	39
Figura 7 - Nelly Novaes Coelho aos seis meses de idade	43
Figura 8 - Nelly Novaes Coelho aos dois anos de idade	44
Figura 9 - Nelly Novaes Coelho aos três anos de idade.....	45
Figura 10 - Nelly Novaes Coelho com sua turma na escola primária	45
Figura 11 - capa do livro <i>Mário de Andrade para nova geração</i>	49
Figura 12 - casamento de Nelly Novaes Coelho	51
Figura 13 - formatura em Letras de Nelly Novaes Coelho.....	53
Figura 14 - capa do livro <i>Aquilino Ribeiro</i>	57
Figura 15 - capa do livro <i>Tempo solidão e morte</i>	59
Figura 16 - defesa do doutorado de Nelly Novaes Coelho.....	60
Figura 17 - capa do livro <i>Ramalho Ortigão – trechos escolhidos</i>	61
Figura 18 - capa do livro <i>Três tempos poéticos</i>	62
Figura 19 - capa do livro <i>Lygia Fagundes Telles seleta</i>	63
Figura 20 - capa do livro <i>Cassiano Ricardo seleta em prosa e verso</i>	64
Figura 21 - capa do livro <i>Escritores portugueses</i>	65
Figura 22 - capa do livro <i>Escritores portugueses século XX</i>	66
Figura 23 - capa do livro <i>Presença do Brasil na obra de Ferreira de Castro</i>	67
Figura 24 - capa do livro <i>A literatura infantil</i>	70
Figura 25 - capa do livro <i>Panorama histórico da literatura infantil/juvenil</i>	71
Figura 26 - capa do <i>Dicionário de literatura infantil/juvenil brasileira 1882-1982</i>	72
Figura 27 - capa do <i>Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira</i>	73
Figura 28 - capa do livro <i>Guimarães Rosa</i>	76
Figura 29 - capa do livro <i>10 contos escolhidos Caio Porfírio Carneiro</i>	77
Figura 30 - capa do livro <i>Linhas e entrelinhas homenagem a Nelly Novaes Coelho</i> ...	79
Figura 31 - capa do livro <i>O conto de fadas símbolos – mitos – arquétipos</i>	80
Figura 32 - capa do livro <i>Romance, da nuvem, pássaro</i>	81
Figura 33 - capa do livro <i>Literatura e linguagem</i>	82
Figura 34 - capa do livro <i>A literatura feminina no Brasil contemporâneo</i>	84
Figura 35 - capa do livro <i>O ensino da literatura</i>	90
Figura 36 - capa do livro <i>Erotismo ficção misticismo</i>	97
Figura 37 - capa do livro <i>Criança feliz</i>	98
Figura 38 - capa do cd <i>Criança feliz</i>	99
Figura 39 - Nelly Novaes Coelho e Ariano Suassuna.....	100
Figura 40 - capa do livro <i>Escritores brasileiros do século XX</i>	101
Figura 41 - Nelly Novaes Coelho aos 86 anos de idade.....	104
Figura 42 - capa do <i>Memorial concurso para professor</i>	106
Figura 43 - capa do livro <i>Artes e pantemporaneidade</i>	117
Figura 44 - capa do livro <i>Literatura arte, conhecimento e vida</i>	124

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 MEU ENCONTRO COM NELLY NOVAES COELHO.....	28
3 A TRAJETÓRIA DE NELLY NOVAES COELHO.....	42
4 A METODOLOGIA DE NELLY NOVAES COELHO COELHO.....	105
4.1 A nova ordem de compreensão textual proposta por Nelly Novaes Coelho.....	111
4.2 A construção de uma ciência da literatura.....	117
4.3 A Base Nacional Curricular (BNCC) no ensino de literatura e o pensamento de Nelly Novaes Coelho.....	131
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS.....	139

1 INTRODUÇÃO

Minha jornada no magistério, como professor de língua e literatura, iniciada há mais de três décadas, começou aos 20 anos de idade, quando, em caráter excepcional, fui contratado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para dar aulas numa escola da periferia do município de Taboão da Serra. Naquele momento, cristalizou-se em mim o desejo de seguir, vida afora, a difícil, porém, desafiadora carreira docente.

Era o ano de 1987 quando, descontente com os rumos do curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no qual ingressara três anos antes, com apenas 17 anos de idade, prestei novo vestibular na mesma instituição, desta vez para o curso de Jornalismo.

A carga horária de Língua Portuguesa e Linguística que o curso de Jornalismo oferecia me permitiu assumir, na condição de professor substituto, as aulas de Português na escola do Taboão da Serra. No entanto, após dois anos no curso de Jornalismo, o desencanto com seus rumos levou-me a trancar a matrícula e a optar por não concluí-lo.

Em 1991, ano em que concluí o curso de Direito, na verdade, por imposição familiar, mas sem o propósito de seguir qualquer que fosse da imensa gama de carreiras jurídicas, prestei vestibular para o curso de Letras, na Universidade de São Paulo, obtendo aprovação.

Na inscrição para o vestibular, optei pela área de Letras Clássicas, tal meu interesse pelas bases de nossa cultura, as línguas e literaturas grega e latina. Ao longo do curso de graduação e licenciatura em Letras, na Universidade de São Paulo, não pude, infelizmente, realizar cursos com a professora Nelly Novaes Coelho, pois no ano de 1992, ela se aposentou, ao completar 70 anos de idade. Continuou, todavia, a ministrar suas aulas em nível de pós-graduação.

Em 1994, ao concluir a graduação e a licenciatura em Letras Clássicas, concorri a uma vaga do mestrado em Literatura Brasileira, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, obtendo êxito ao conquistá-la.

Meu projeto de pesquisa visava mergulhar na trajetória do escritor Graciliano Ramos, um dos maiores mestres da prosa nacional, cuja obra inteira eu havia lido ainda muito jovem e aprendera a admirar, esmiuçando, ao lado do fundo

memorialístico, a sua militância no Partido Comunista Brasileiro e a escritura de suas *Memórias do Cárcere*, publicadas após a sua morte, no ano de 1953, um verdadeiro libelo contra a ditadura Vargas.

Durante a realização do mestrado em Literatura Brasileira, cursei diversas disciplinas que em muito complementaram minha formação, até então alcançada na graduação em Letras. Dentre elas, uma oferecida pela professora Nelly Novaes Coelho, intitulada *A Literatura Infanto-Juvenil Contemporânea: do Período Pós-Lobadiano à Atualidade*. Reencontrava, com alegria imensa, naquele momento, a amiga e correspondente, àquela altura, de mais de uma década.

O curso ministrado pela professora Nelly foi excepcionalmente valioso, abrindo-me fronteiras e reflexões extraordinárias. Ao longo dele, percebi o quanto a mestra, cuja presença nas salas de aula somava, até ali, cinco décadas ininterruptas, tinha-me a ensinar.

Ao final das aulas, haja vista a proximidade anteriormente estabelecida entre nós, sempre travávamos rica palestra, a discutir os rumos de nossa educação, da literatura e do país. Foi um momento inesquecível de minha vida acadêmica, pelo tanto que significou e me fez crescer humana e intelectualmente.

Certa feita, numa dessas conversas pós-aula, a professora me declarou que, infelizmente, na vida acadêmica, havia uma tendência a valorizar mais aqueles que se dedicavam às pesquisas, em detrimento dos que se preocupavam com a formação de professores, o que em muito prejudicava os resultados da formação escolar de crianças e jovens.

Naquela época, prestes a chegar aos 30 anos de idade, pude compreender o que a mestra desejava dizer, pois completara uma década de labuta no magistério, com algumas poucas alegrias e muitas decepções. Decepções, inclusive, com várias posturas vislumbradas na universidade, alheia, não raras vezes, à difícil realidade dos docentes, especialmente daqueles vinculados à escola pública.

Em várias ocasiões, havia refletido sobre o divórcio existente entre o aprendizado acadêmico, de ordem, no mais das vezes apenas teórica, e o exercício do magistério, especialmente aquele desenvolvido em escolas públicas, por docentes mal formados, desestimulados e mal pagos. Universos que deveriam caminhar juntos e, lamentavelmente, estavam distantes, quase incomunicáveis.

Todavia, apesar de diagnosticar os graves problemas educacionais em nosso país, Nelly Novaes Coelho sempre teve na esperança por novos tempos a força

motriz de sua vida.

Noutro diálogo que tivemos, percebendo-me amargurado com os percalços que vinha enfrentando no exercício do magistério, pela ausência de projetos educacionais consistentes e renovadores por parte dos colégios em que era docente e também pelo elevado número de alunos muitas vezes desinteressados, justamente pela educação mecanicista que recebiam, disse-me que sempre era possível fazer a diferença, que mesmo chegando a apenas uma parte dos alunos, não deveria me esquecer do tão falado “efeito formiguinha”, ou seja, se mesmo parcela diminuta de meus alunos conseguisse aproveitar o que eu transmitia sobre o mundo multifacetado que é o literário, deveria me dar por satisfeito, pois teria cumprido minha missão como professor, até porque, certamente, esses alunos acabariam por se tornar leitores críticos e sensíveis pelo resto da vida.

Como lucidamente afirmou o professor Adílson Avansi de Abreu, por ocasião dos 70 anos da fundação da Universidade de São Paulo, quando a instituição promoveu uma série de seminários para avaliar sua história e seus rumos futuros:

Da França vem o modelo para Universidade de São Paulo, a partir de um projeto iluminista da elite do estado de São Paulo, que, de certa forma, retoma o ideal de progresso pelo conhecimento. Instala-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1934, que reproduz um pouco o que aconteceu na Universidade de Berlim. O conhecimento é especializado, aprofundado, mas a preocupação com a sociedade, o desenvolvimento regional e a justiça social está longe de ser colocado como meta. (Abreu, 2005, p.8)

Aqui cabe também recordar o mestre Paulo Freire, em seu fundamental livro *Pedagogia da autonomia*, no qual defende que “ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade”, observando que:

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. (Freire, 1996, p.91)

Pertinente ainda, sobre a difícil, porém tão elevada tarefa de ensinar, a evocação de um dos maiores pensadores da educação na contemporaneidade, o filósofo e professor Jorge Larrosa, da Universidade de Barcelona, que em seu

alentado trabalho *Esperando não se sabe o quê – sobre o ofício do professor*, discute a vocação que deve nortear aos que abraçam o magistério:

A palavra vocação não pertence nem pode pertencer ao nosso mundo, não faz parte de nossa linguagem, mas talvez não fale muito bem nem do nosso mundo nem da nossa linguagem. [...] Como se o mundo em que a vocação tinha sentido estivesse a anos-luz de distância e houvesse que fazer um esforço enorme para aproximá-lo e torná-lo minimamente inteligível. (Larrosa, 2018, p.39)

Aprofundando seu pensamento sobre a vocação profissional, acrescenta o professor Larrosa:

[...] Toda vocação é uma chamada, mas uma chamada que designa o sujeito que a recebe para qualificá-lo, para inclusive defini-lo. A vocação, portanto, adquire uma entidade na medida em que é ouvida e seguida, na medida em que dá uma entidade ao sujeito que a ouve e que a segue. A vocação também é uma oferta 'do que se faz e do se é'. Por isso, a vocação é o que faz com que a vida se substancie e se realize, saindo de seu enclausuramento e vertendo-se no mundo. Uma vida que não encontrou sua vocação seria uma vida 'dessubstanciada', solipsista. (Larrosa, 2018, p.39-40)

Em 36 anos de carreira docente, confesso meu desalento com os rumos que a educação continua a tomar em nosso país, apesar de iniciativas heroicas de alguns idealistas para que tal realidade seja revertida. Iniciativas, cabe-me lembrar, muito mais de ordem individual, pois as omissões do poder público em promover uma educação pública de qualidade têm colocado o país, anos após ano, em situação vergonhosa, se compararmos nossa qualidade de ensino com aquela oferecida em boa parte dos países desenvolvidos.

O histórico desdém de nossas elites econômicas e políticas com a educação pública de qualidade são, sem a menor dúvida, as causas maiores de nossas mazelas sociais. E uma vez mais recorro ao professor Paulo Freire, agora ao seu clássico *Pedagogia do oprimido*, no qual diagnostica a perversa dialética que norteia os detentores do capital e do poder em nosso país:

É que, para eles, pessoa humana são apenas eles. Os outros, estes são "coisas". Para eles, há só um direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos. E isto ainda, porque, afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam generosos. (Freire, 1987, p.45)

Promovendo um salto cronológico, creio interessante contar como cheguei até a presente tese de doutoramento, no Instituto de Artes da Universidade Estadual

Paulista, quando havia superado meio século de existência e fora de minhas cogitações estava, naquela altura, meu retorno ao mundo acadêmico, do qual me despedira duas décadas antes.

No ano de 2016, fruto do acaso, se é que ele existe realmente, fui apresentado pelos amigos da companhia teatral A Digna, Ana Vitória Bella, Helena Cardoso e Victor Nóvoa à professora Luíza Helena da Silva Christov, numa reunião promovida por eles.

Nessa reunião, travei conversa rica e proveitosa com a professora Luíza, cuja vida acadêmica havia sido toda ela voltada à formação de professores. Lembrei-me, naquele momento, das questões envolvendo a sincronicidade, tão lucidamente abordadas na obra de C. G. Jung, para quem:

A sincronicidade designa o paralelismo de espaço e de significado dos acontecimentos psicofísicos, que nosso conhecimento científico até hoje não foi capaz de reduzir a um princípio comum. O termo em si não explica; expressa apenas a presença de coincidências significativas, que, em si, são acontecimentos casuais, mas tão improváveis, que temos de admitir que se baseiam em algum princípio ou em alguma propriedade do objeto empírico. Em princípio, é impossível descobrir uma conexão causal recíproca entre acontecimentos paralelos, e é justamente isto que lhes confere o seu caráter casual. [...] Ela se baseia, não em pressupostos filosóficos, mas na experiência concreta e na experimentação. (Jung, 2014, p.122)

O fato é que, ocasionalmente (ou não), acabara de conhecer uma docente com mais de quatro décadas dedicadas integralmente à educação, de modo revolucionário e idealista. Em seu discurso, vislumbrei muito do que ouvira, tantas vezes, da professora Nelly Novaes Coelho sobre o meio acadêmico e a formação de professores. Ambas, mesmo nunca tendo se conhecido pessoalmente, comungavam dos mesmos ideais e lutavam, embora em frentes diversas, pelas mesmas reformas na educação.

Perguntado pela professora Luíza sobre o desejo de realizar doutoramento na área da educação, num primeiro momento afirmei que me achava com idade ultrapassada para tanto e que aquilo que me havia sido um ideal, quando mais jovem, naquele momento, estava adormecido. Estabelecia-se, entretanto, naquele encontro, uma amizade carinhosa entre mim e a professora Luíza Christov, com desdobramentos muito ricos e significativos em minha trajetória humana e profissional.

Em meados do ano de 2018, marcado pela trágica eleição do nefasto antecessor do atual Presidente da República e por debates ideológicos sobre educação completamente desvinculados de nossa realidade, liderados pelos seguidores daquele que buscou criminosamente destruir nossa frágil educação pública, a professora Luíza Christov me informou que o Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista abria vagas para novos alunos de pós-graduação e que ela abria uma vaga para doutorado. Sugeriu-me que participasse do concurso e, quem sabe, se aprovado, iniciasse o doutorado em Arte e Educação. A semente estava, portanto, lançada.

Publicado o edital, me inscrevi e apresentei meu projeto de pesquisar a biografia e a trajetória intelectual e acadêmica da professora Nelly Novaes Coelho, àquela altura falecida há menos de um ano. Fui, então, afetuosamente acolhido pela professora Luíza Christov, após a apresentação formal do projeto de pesquisa e a entrevista com a banca de docentes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, a avaliar as minhas intenções acadêmicas.

Quase 20 anos após a conclusão do mestrado, iniciava-se novo momento em minha jornada no campo da pesquisa acadêmica. Com mais de meio século de existência, via-me, uma vez mais, na condição de estudante, instigado a revelar, àqueles que não a conheceram, a vida e a obra da professora Nelly Novaes Coelho, cuja concretização aqui está presente.

Além do dever de cumprir os créditos necessários para composição da carga horária do doutoramento, fui convidado a integrar o Grupo de Pesquisa Arte e Formação de Educadores, carinhosamente chamado por seus integrantes de Rodalíngua, liderado pela professora Luíza Christov, cujas reuniões, mensais, com quatro horas de duração e a companhia de colegas professores e pesquisadores, passaram a ser verdadeiro alento a um professor que acumulara muitas decepções, mas também algumas alegrias, no exercício da carreira.

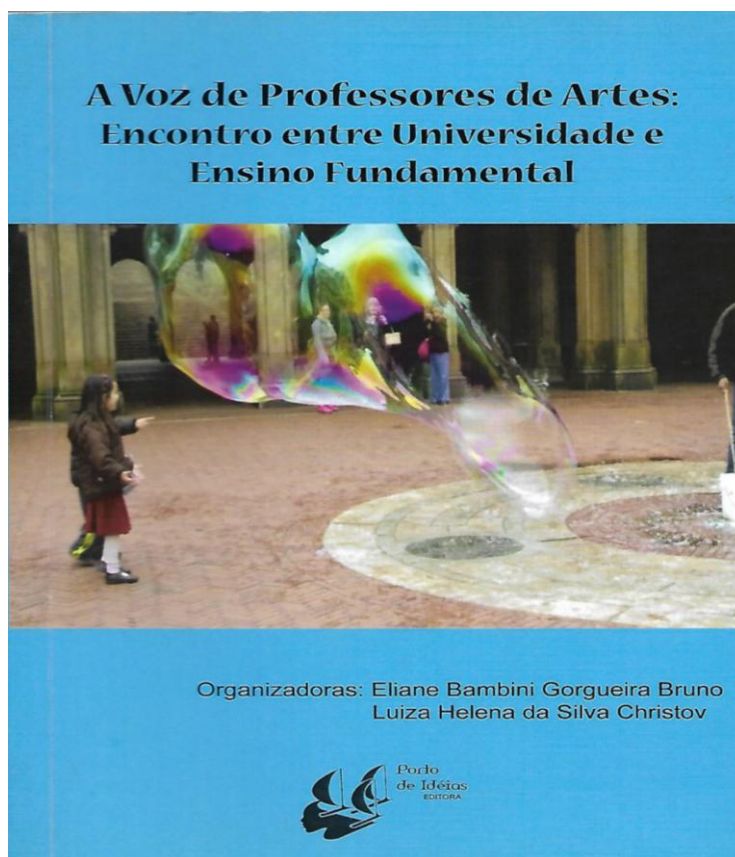
Percebi que não estava sozinho e que tinha encontrado companheiros valorosos na luta por uma educação democrática e de qualidade. Colegas que se punham a pensar novas estratégias para as tão necessárias mudanças educacionais em nosso país. A cada novo encontro com os colegas do Rodalíngua, minhas esperanças num porvir melhor na esfera educacional do país reforçavam-se imensamente, haja vista o compartilhamento de experiências inovadoras no campo educacional por eles desenvolvidas.

Falávamos, nós e os colegas do Grupo de Pesquisa liderado pela professora Luíza Christov, a mesma língua. E, sobretudo, tínhamos os mesmos sonhos. Um conforto imenso. Um alento. Os ideais da professora Nelly mantinham-se vivos.

Presenteado pela professora Luíza com um exemplar do livro *A voz dos professores de Artes: encontro entre universidades e ensino fundamental*, de autoria dela e dos integrantes do Rodalíngua, logo em suas primeiras páginas, no prefácio por ela assinado, intitulado “Exposição para uma introdução”, tive firme convicção de que encontrara os companheiros certos, agrupados pelos mesmos valores. Diz-nos, nesse prefácio, a professora Luíza:

O grupo pesquisa narrativas de educadores que contam a si mesmos. Pesquisa como se pode transformar experiência em palavras. Pesquisa o que as linguagens das artes ensinam aos educadores em geral. Pesquisa educação a partir de discursos diferentes campos: da filosofia, da psicologia, da antropologia, da educação musical, [...] da literatura em geral. Em suma, esse grupo pesquisa educação a partir de paradigmas que transcendem o discurso estritamente pedagógico. (Christov, 2016, p. 9)

Figura 1: capa do livro *A voz dos professores de artes: encontro entre universidade e ensino fundamental*



Acervo pessoal

Noutro livro, igualmente resultado das contribuições do Grupo de Pesquisa Arte e Formação de Educadores, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, intitulado *Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos*, que também me foi oferecido generosamente pela professora Luíza, descobri que seus alicerces fincavam-se solidamente nas seguintes indagações, todas elas a dialogar profunda e intensamente com meus ideais de educação:

Como se apresentam as narrativas dos educadores sobre suas experiências?

Somos produtoras de sentidos para esses educadores?

Conduzem a eles mesmos ou os aprisionam com chaves que levam a falas Sentidos alheios?

Qual o potencial da linguagem artística e da linguagem metafórica em geral para a construção de novos dizeres em educação?

Novos discursos podem ser produzidos a partir de novas linguagens?

A gramática das artes, por incluir a metáfora, tem maior potencial para favorecer o pensar? (Christov, 2012, p.7)

Ainda nas páginas introdutórias de *Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos*, li, maravilhado:

Iniciamos nossos encontros com a leitura de um conto de Jorge Luís Borges denominado 'A Rosa de Paracelso'. Neste conto, Paracelso pede a seu Deus um discípulo. Após este pensamento, um jovem desconhecido bate à sua porta e os dois travam um diálogo no qual o jovem insiste para que o mestre demonstre o milagre de fazer surgir uma rosa. Quão mais enfática a insistência do jovem, maior a força da negativa do mestre Paracelso. O jovem vai embora decepcionado, concluindo que o mestre não é capaz de realizar a alquimia que faria surgir a Rosa. Paracelso, entregue à sua solidão, longe dos olhos aflitos do discípulo que perdeu, faz surgir a Rosa. (Christov, 2021, p.8)

Ao narrar sobre como a leitura do conto de Jorge Luis Borges impactou os integrantes do Grupo de Pesquisa, Luíza Christov ponderou:

A primeira reação dos participantes de nosso grupo, à leitura deste conto, foi de silêncio. De perplexidade.

A segunda reação foi fazer perguntas:

Por que Paracelso se recusou a demonstrar a exigida transformação?

Por que Paracelso rejeita a possibilidade de aquele jovem ser seu discípulo?

O que nos ensina este conto?

Quais os estranhamentos que ele provoca? (Christov, 2012, p.8)

Logo a seguir, completamente seduzido pela leitura, encontrei mais algumas sensatas constatações, a partir da leitura de "A Rosa de Paracelso":

Respondemos com hipóteses, isto é, com tentativas de aproximação. Um primeiro pensamento propunha que a referida demonstração de Paracelso diante do jovem nada ensinaria. Não traria a explicação dos mistérios envolvidos no processo alquímico de fazer surgir a Rosa. Ainda que ele viesse a exhibir técnicas diante do provável discípulo, não conseguiria transmitir-lhe a capacidade de fazer surgir a Rosa. Formulamos a hipótese de que um gesto imediato de surgimento da Rosa não seria suficiente para garantir o aprendizado desejado pelo jovem. Por quê? Talvez, porque a demonstração contemple um caráter transitivo com o mestre, exibindo-se diante do provável discípulo, sem a atuação deste último. Talvez. (Christov, 2021, p.8)

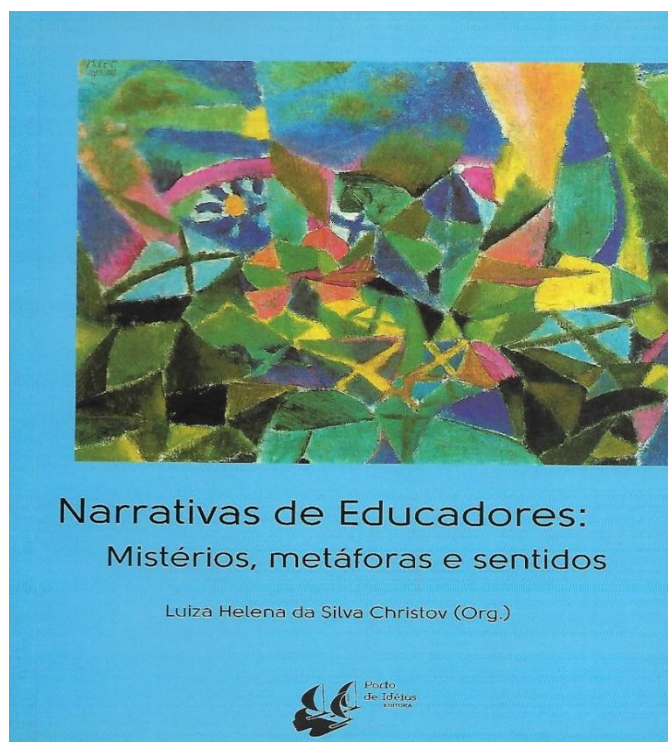
Ainda a pensar sobre o extraordinário conteúdo filosófico do conto de Borges, continuou a professora Luíza:

Sempre por hipóteses, permitimos que nosso pensamento seguisse inspirado por Jorge Luis Borges. Pensamos que não interessava a Paracelso um discípulo desconfiado, exigindo provas e demonstrações. Não lhe interessava um discípulo que entendia ser capaz de aprender apenas diante de uma comprovação, que se via capaz de aprender unicamente por transmissão, por observação de uma técnica. Talvez. (Christov, 2012, p.8)

Finalizando a importância da leitura do conto borgeano, a professora Luíza Christov chegou às seguintes conclusões:

Este conto tornou-se nossa referência por inspirar indagações fundamentais sobre a relação mestre-discípulo. Atraiu-nos especialmente a metáfora encontrada por Borges para anunciar a confiança como fundamento desta relação. Atraiu-nos ainda a fascinante capacidade do mestre de colocar em risco sua reputação, mas não cair na armadilha de mostrar-se superior ao jovem que implorava a demonstração. A metáfora provocou a reflexão sobre as dificuldades que encontramos quando nossa vaidade, nossa boa imagem de mestre que tudo sabe é ameaçada.” (Christov, 2012, p.9)

Figura 2 – capa do livro *Narrativas de educadores: metáforas e sentidos*



Acervo pessoal

No capítulo final de *Narrativas de educadores, mistérios, metáforas e sentidos*, em perfeita síntese aos ensaios presentes na obra, a professora Luíza Christov afirmou:

Ao fim de uma experiência, uma pergunta se impõe: o que aprendemos com ela?
 A conversa com as narrativas ofertadas nesse livro ensinaram o que, afinal, Pará nós, educadores e pesquisadores em educação?
 Que concessões fizemos aos narradores para nos deixarmos influenciar pelas histórias que contam?
 Concedemos a escuta. E nosso corpo nela. Um corpo capaz de se deixar levar e tombar sem resistências diante da inventividade garimpada em cada uma das experiências ofertadas.
 Concebemos silêncio. Nosso empenho foi maior em fazer do caminho um arruamento de perguntas que um arruamento de julgamentos e sabedorias externas a cada uma das intensas relações travadas em cada jogo. E esse silêncio é coisa difícil de conceder. Nossas referências estão sempre prestes a explodir de nossas bocas para classificarmos, categorizarmos, enquadrarmos e reduzirmos o que ouvimos e jogamos. Trata-se de esforço. E de uma dinâmica em gangorra que vai e vem permanentemente. A gangorra pendeu para o silêncio todas as vezes que nos permitimos admitir os mistérios ou lugares nos quais ficamos

guardados segredos das ações bem sucedidas na direção do estabelecimento de diálogos entre os participantes de cada experiência. Não nos esqueçamos que a gangorra pendeu para nossas referências quando resgatamos de nossas trajetórias as palavras aceitação, contribuição, e intervenção. (Christov, 2012, p. 169)

Ao elencar os sete aprendizados obtidos a partir das reflexões dos autores, pontuou a professora Luíza Christov:

Concebemos palavras em profusão. E aqui começamos a jogar também, a aprender.

Aprendizado 1: transformar a experiência em palavra é um risco sempre. Risco de não dizer, de dizer mais, de dizer torto, de dizer o que não se queria dizer. Risco de se expor e se mostrar sem volta, sem chave de se esconder novamente. Risco de encontrar o que era bem mais bonito no que se viveu e nem se tinha percebido. Risco de descobrir um problema que poderia e não foi solucionado. Risco de descobrir um sentido. Ou vários para o que se realizou. Risco de ensinar algo e aprender de novo com ele.

Aprendizado 2: todo mundo gosta de ser ouvido. Ou não?

Aprendizado 3: nada sabemos sobre as concessões que nossos estudantes ou pessoas em geral, com as quais nos encontramos para aprender e ensinar, poderão fazer. A concessão é sempre propriedade do outro, de quem convidamos para o jogo.

Aprendizado 4: como nada sabemos sobre concessão, nenhuma garantia temos sobre a contribuição que almejamos quando sugerimos uma intervenção.

Aprendizado 5: o que nos resta, então, na condição de mestres? Conceder nossa curiosidade, colocar em jogo nossa curiosidade: pelo pensamento alheio, pela invenção alheia, pelos saberes alheios.

Aprendizado 6: nos resta, ainda, resumir o risco de nossa exposição. Contar nossa história, nosso caminho de aprender, os autores que amamos e os que não gostamos também.

Aprendizado 7: em uma experiência de conhecimentos, em jogos de educação, o único que nos resta é sermos “todo ouvidos” e narradores também. (Christov, 2012, p. 170)

Debruçando-se sobre a importância do estudo do texto literário em sala de aula, a professora Luíza Christov (2012, p. 62) tão bem sintetizou: “[...] a filosofia mais autêntica está escrita por meio do discurso literário, pois somente a literatura pode dar conta do movimento real e da intuição que se faz presente nas relações entre os homens.”

2 MEU ENCONTRO COM NELLY NOVAES COELHO

Foi nos anos 1980, que travei, pela primeira vez, contato com a professora Nelly Novaes Coelho, logo após a leitura do romance *Fio de prumo*, escrito por Antonio Olavo Pereira, que, pouco tempo depois, também viria a se tornar meu querido amigo, verdadeiro mestre que muito me ensinou sobre literatura e a arte de viver, ao longo dos anos em que com ele tive fraternal convívio, através de encontros semanais.

Além de escritor premiado, autor de obras ficcionais com viés psicológico, foi Antonio Olavo Pereira editor, braço direito de seu irmão, José Olympio, na editora que leva seu nome, certamente a mais importante casa editorial de nosso país, ao longo no século XX.

Coube a José Olympio, com a colaboração preciosa de Antonio Olavo Pereira, quem editou praticamente todos os principais autores modernistas brasileiros, desde Mario e Oswald de Andrade, passando por Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Jorge de Lima, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Pedro Nava, para citar apenas alguns nomes de relevo da literatura nacional moderna.

Nelly havia escrito um substancioso estudo sobre o romance *Fio de prumo*, de Antonio Olavo Pereira, após debruçar-se sobre o trabalho que, sem exagero, é uma das obras primas da literatura de cunho psicológico produzida em nosso país, na segunda metade do século passado.

Em crítica publicada no *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, do qual Nelly Novaes Coelho por vários anos foi colaboradora, ao lado de nomes de relevo da crítica literária nacional, como Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Sérgio Buarque de Hollanda, Sábato Magaldi, Brito Broca, Eugênio Gomes e Wilson Martins, transcreveu pequeno trecho do romance, que aqui reproduzimos: “Sou parte de uma ordem, não de uma ordem isolada [...] Sou uma fração de tempo dotada de substância própria. Fração ordinária, um avo que me confunde com o comum das criaturas. Mas sou parte de alguma coisa.” (Pereira, 1965, p.34)

A citação acima caracteriza, sinteticamente, a densidade da prosa psicológica contida em *Fio de prumo*, terceiro livro de Antonio Olavo Pereira, tão bem compreendida por Nelly Novaes Coelho, que em seu ensaio crítico salientou:

Eis a nova dimensão do ser humano, que este novo romance de Antonio Olavo Pereira veio trazer à ficção brasileira de linhagem intimista. Aquela que, na esteira de Machado de Assis, chega aos nossos dias, sempre debruçada no drama que se desenrola por detrás das ações, das palavras ou gestos de personagens que se veem envolvidas por uma série de atos imprevistos ou lançadas numa existência, cuja real significação é totalmente velada.

[...]

Enquadra-se ele na linha ficcionista que expressa o processo de uma evolução interior (espiritual ou existencial), no sentido de superar o estágio do homem fechado em sua angústia, bloqueado pelo não sentido de um mundo (pós-guerra 45), onde tudo é equívoco, solidão e fatal destruição. (Coelho, 2013, p.73)

Ainda a percorrer o enredo do romance de Antonio Olavo Pereira, Nelly Novaes Coelho, tendo penetrado na complexidade psicológica de seu protagonista, pontuou:

Com este seu recente romance, Antonio Olavo ilumina o árduo caminho da conquista interior. Termômetro da experiência humana, a arte acusa as febres violentas ou os estados febris... O “descer do mercúrio”, acusado por *Fio de prumo*, é mais um elementos a nos fazer acreditar que o auge da crise do homem contemporâneo já está passando...o que nos resta ainda são sequelas, removíveis com o tempo e dependendo das circunstâncias de cada um (Coelho, 2013, p.80)

Figura 3 - capa do livro *Fio de prumo*



Acervo pessoal

Empolgado com o romance e a leitura crítica que a professora Nelly fizera, tomei a liberdade de escrever-lhe uma carta. Vale lembrar que ainda era tempo em que as pessoas se comunicavam através de cartas, tempo em que soaria ficção científica comunicar-se por *e-mails* ou por redes sociais, algo que, 20 anos depois, seria corriqueiro.

Na carta enviada à professora Nelly, mencionei o quanto seu texto tinha-me dado conta da densidade psicológica das personagens do romance de Antonio Olavo Pereira, a ponto de me influenciar a ler os demais trabalhos do autor no campo da ficção, a novela *Contramão*, o romance *Marcoré* e a emocionante fábula *Uma certa borboleta azul*, destinada ao público infantil, o último trabalho que publicou.

Dias depois, tive a grata surpresa de receber atenciosa carta de Nelly, o que, confesso, não imaginava pudesse acontecer, pois sabia de suas múltiplas ocupações como professora da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, onde orientava diversas pesquisas de mestrado e doutorado, além de colaborar, como articulista, em importantes suplementos literários nacionais e estrangeiros, sendo ainda autora de mais de duas dezenas de livros. Seu envolvimento com novos projetos acadêmicos, palestras e bancas de pós-graduação, no Brasil e fora dele, era intenso e fazendo uso de seu tempo de modo extremamente disciplinado, Nelly dava conta de sua imensa gama de compromissos.

Na carta que me encaminhou, selava-se, por suas palavras generosas e amistosas, nossa sólida amizade de quase três décadas, interrompida por sua morte, em novembro de 2017. Período que me trouxe aprendizado significativo e no qual pude conviver com uma intelectual investida de rara humanidade e sensibilidade.

Relembrando aquela fase de minha vida, através das cartas trocadas com a professora Nelly, vem-me à memória um escritor que foi central em minha formação literária, Eça de Queirós, certamente o maior de todos os prosadores portugueses, que em seu delicioso romance *A correspondência de Fradique Mendes* sintetizou: “[...] as cartas de um homem, sendo produto quente e vibrante da sua vida, contém mais ensino que a sua filosofia – que é apenas a criação impessoal de seu espírito.” (Queiroz, 1945, p.32)

A 15 de novembro de 1993, falecia, em São Paulo, o escritor e amigo, de convivência inestimável, Antonio Olavo Pereira. Poucos dias depois, a 4 de dezembro de 1993, publiquei, no extinto *Jornal da Tarde*, da capital paulista, um artigo para homenageá-lo, intitulado “Um vigoroso talento”, cuja cópia, xerografada, encaminhei, pelos Correios, à professora Nelly, que me retornou, com sensíveis palavras, até hoje guardadas com carinho e que tomo a liberdade de transcrever:

São Paulo, 28 de março de 1994

Prezado Angelo,

Recebi o xerox de seu texto sobre nosso querido e saudoso amigo comum, Antonio Olavo Pereira, e muito agradeço pela lembrança. Não só comoveu-me a sua leitura, pelo muito que evoca da grande figura que foi ele, mas para meu projeto “Escritores Brasileiros”, vai-me se útilíssimo pelos dados que você ali reuniu. Realmente você tem razão quando afirma que o convívio com Antonio Olavo foi um “privilegio”. Há poucas pessoas com a grandeza interior que ele tinha...

Fraternalmente,

Nelly Novaes Coelho

No ano de 1998, por ocasião da Semana Euclidiana, realizada anualmente em São José do Pardo, cidade em que Euclides da Cunha escreveu seu clássico *Os Sertões*, publiquei, na *Gazeta do Rio Pardo*, extenso artigo sobre Francisco Escobar, amigo e correspondente de Euclides da Cunha e, logo em seguida, encaminhei cópia xerografada à professora Nelly, que ao acusar recebimento, me escreveu:

São Paulo, 18 de setembro de 1998

Caro Angelo,

Só há pouco voltei à Faculdade e encontrei no meu escaninho o seu artigo sobre Francisco Escobar, com excelentes informações que, sem dúvida, um dia poderão ser úteis em meu trabalho de garimpagem nos meandros da cultura e literatura brasileiras.

Da mesma forma, os dados sobre o seu bisavô, Pio Corrêa, mandados em carta, já há tempos, juntamente com o artigo sobre Graciliano Ramos e o Partido Comunista Brasileiro. Fico-lhe muito grata pela atenção.

Nesta carta estou também escrevendo à Cacy, agradecendo os xerox com notícias sobre ela e que vão ajudar a compor o verbete a ser incluído no “Dicionário de Escritoras Brasileiras” que venho escrevendo a passos de tartaruga, pois faço mil coisas ao mesmo tempo...Mas um dia sai!

Com fraternais cumprimentos da

Nelly

Na carta que ora reproduzo, refere-se a professora Nelly, dentre outros autores, à Cacy, ou seja, à escritora Cacy Cordovil, nome que alcançou grande repercussão quando surgiu literariamente, no início dos anos 1930 e que, pouco mais de uma década após, abandonou a literatura.

Creio valer a pena relatar como descobri a obra de Cacy Cordovil e o tanto que ela me surpreendeu, a ponto de ser um dos responsáveis por relançá-la, na segunda metade dos anos 1990, quando a autora se aproximava dos 90 anos de vida.

Quem pela primeira vez me trouxe o nome de Cacy Cordovil foi o escritor Antonio Olavo Pereira, pois a Livraria José Olympio Editora pertencente, conforme mencionei, a seu irmão mais velho, do qual era sócio, publicara, em 1941, um dos livros dela, a coletânea de contos intitulada *Ronda de fogo*.

Obra de fôlego em nossa literatura regionalista, *Ronda de fogo* mereceu, assim que lançada, unânime consagração de crítica e público. Álvaro Lins, um dos críticos literários brasileiros mais respeitados de seu tempo, escreveu:

[...] A Sra. Cacy Cordovil parece conhecer muito de perto os costumes do interior e as paixões que movimentam os seus homens. Ela retoma, por isso, a tradição regionalista que parecia se haver interrompido em Afonso Arinos. As suas páginas sobre os 'Tropeiros' e um conto como 'O Ferrador' constituem uma representação intensa e admirável de certos aspectos da vida do interior. Mas todo esse material – que a autora transmite como uma obra realmente sentida e transfigurada pela sua personalidade – nada mais seria sem o estilo adequado para o exprimir. E o que há de mais importante no livro da Sra. Cacy Cordovil é esta harmonia entre o seu estilo e os seus temas. (Lins, 1943, p.77)

Ronda de fogo, que tivera sua única edição publicada, àquela altura, há mais de cinquenta anos, era considerada raridade bibliográfica. No entanto, em minhas frequentes idas aos alfarrábios do centro da capital paulista encontrei, com alegria, um exemplar da obra, cuja graciosa edição tivera a capa desenhada pelo talentoso Tomás Santa Rosa, nome que é uma referência não só como ilustrador, mas também como cenógrafo em nosso país, desaparecido ainda muito jovem, no auge de sua produção artística.

A leitura de *Ronda de fogo*, feita de uma só tirada e com agradável surpresa, por nela descobrir uma estilista brilhante, fez com que eu telefonasse, no dia seguinte, à autora, para comentar sobre minhas impressões e sugerir que fosse reeditada.

Ao ouvir minhas considerações, Cacy Cordovil agradeceu pelo carinho, mas insistiu que não acreditava na possibilidade de algum editor se interessar pela reedição do livro, tantos anos depois de lançado. Propus, então, ajudá-la a buscar por esse editor e, como era de se imaginar, pouco tempo depois, a reedição de *Ronda de fogo* saiu pela editora Musa, de São Paulo e estava distribuída pelas principais livrarias de todo país.

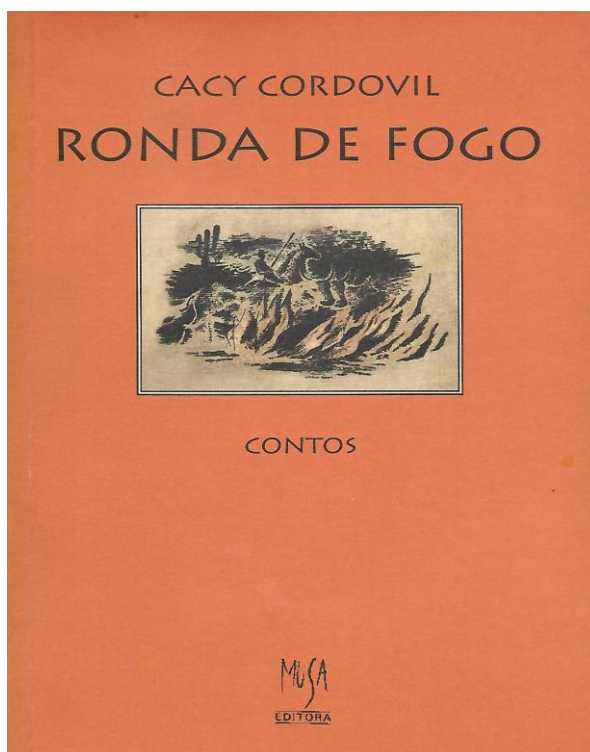
Cacy Cordovil ressurgia literariamente, com várias resenhas em jornais e revistas, além de conceder entrevistas a importantes veículos de imprensa. O escritor Bernardo Ajzenberg (1998, p.45), então colunista da *Folha de S.Paulo*, ressaltou que: “[...] o relançamento de Ronda de Fogo”...é mais do que um resgate histórico oportuno e merecido. É também um evento que ilustra com nitidez a ideia que a literatura não evolui em linha, mas em círculos. Nada fica para trás. Ou faz parte ou não faz parte.

Dois anos mais tarde, em julho de 2000, poucos meses antes de completar 89 anos, Cacy Cordovil faleceu e um de seus filhos, o médico psiquiatra e psicanalista Vicente de Carvalho Neto, narrou-me o quanto o ressurgimento da obra literária de sua mãe havia significado positivamente para ela, o quanto, até mesmo os delicados problemas de saúde por que passava, foram atenuados a partir desse ressurgimento de Cacy no universo das letras, de seu convívio com seus pares nos meios literários.

Assim que republicado *Ronda de fogo*, sugeri à Cacy Cordovil que enviasse um exemplar à professora Nelly Novaes Coelho e, conforme previsto, a receptividade em relação ao livro foi plena. Em seu *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, publicado em 2002, assim se expressa Nelly sobre a autora de *Ronda de fogo*:

Após um silêncio de 57 anos, a autora decide reeditar *Ronda de fogo*. E o faz com grande sucesso de público e de crítica. Sua matéria ficcional não envelheceu. Escritos na década de 1940, quando o romance regionalista estava no apogeu (Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e outros), os contos de Cacy Cordovil são, na maioria, de húmus rural. Mas longe de se limitar ao registro do regional, Cacy vai amalgamando em palavras e silêncio o tosco, o rudimentar e principalmente a densidade existencial oculta nos seres que ali vivem a saga anônima e heroica da terra”. (Coelho, 2002, p.99)

Figura 4 - capa do livro *Ronda de fogo*



Acervo pessoal

A 11 de novembro de 1998, falecia, exatamente um mês antes de completar cem anos de vida, meu avô paterno, cujo nome herdei e que grande influência exerceu em minha formação intelectual, sobretudo nos primeiros anos de minha existência.

Ativo participante da Coluna Prestes e da Revolução de 1930, foi servidor público, jornalista, empresário de teatro, advogado e leitor infatigável, até os últimos dias de sua longa existência.

Juntamente com minha mãe, foi meu avô Angelo quem me estimulou, desde muito antes de ser alfabetizado, ao convívio com os livros. Como morasse em Campinas, no interior de São Paulo, sempre que eu o visitava, levado por meus pais, pedia-me que lhe passasse a relação de títulos que gostaria de ler. Na visita seguinte, entregava-me os livros que eu havia mencionado, além de outros, com títulos sugeridos por ele. Ouvi-lo, sobretudo pela memória prodigiosa que possuía, era aprendizado constante, pela rica vida que tivera.

Eu planejava publicar um artigo em sua homenagem, por ocasião de seu centenário de nascimento, todavia, sua inesperada morte, motivada por uma

pneumonia, trinta dias antes, me impossibilitou de homenageá-lo em vida. Entretanto, a homenagem foi realizada, embora póstuma, com a publicação, no tabloide literário *Linguagem Viva*, do qual há tempos me tornara colaborador, do artigo intitulado “Um homem de dois milênios e três séculos”, em que busquei fazer uma síntese de sua longa e produtiva existência.

O título do artigo fora dado a partir de conversa que, tempos antes, eu havia tido com o avô Angelo, na qual, otimista como sempre fora em relação à vida, dissera-me que como nascera em 1898, portanto, no século XIX e estava atravessando integralmente o século XX, esperando por chegar ao XXI, que se aproximava, seria um homem de três séculos e dois milênios. Como já era de costume, encaminhei cópia do artigo à professora Nelly Novaes Coelho, que, por sua vez, me respondeu com a carta que segue:

São Paulo, 01 de dezembro de 1998

Caro Angelo,

Só agora estou tendo vagar para agradecer os textos que me tem mandado com comentários e informações sobre Cora Coralina, Julieta de Godoy Ladeira e a bela homenagem que você prestou a seu avô e, infelizmente, ele não pode ver em vida. Mas, sem dúvida, ele a viu lá do outro lado...foi realmente uma pena que ele não tivesse tido a alegria de se sentir “um homem de três séculos”. Mas que sabemos nós dos misteriosos caminhos da vida e da morte?

Pelo seu texto, vejo que grande herança de família você recebeu... que grandes exemplos de vidas dedicadas aos outros, ao país. Então, você é bisneto do João Mendes de Almeida? Inclusive, as evocações que você faz de seu avô me fizeram lembrar do quanto aproveitei, sem saber, das realizações feitas por ele no Clube Pinheiros, que eu frequentei assiduamente durante muitos anos...

Realmente um dos grandes dramas do nosso tempo é o enfraquecimento ou desaparecimento da família como ponto de ligação entre os indivíduos, como exemplo a ser seguido...É uma pena e isso explica, sem dúvida, o grande desmoronamento em que vive hoje a maioria dos jovens. Estamos em fim de era...e eu me pergunto: que tempos virão depois que tiver passado o atual apocalipse? Não dá para imaginar!

Já agora aproveito para lhe desejar Felizes Festas e Novo Ano pleno de realizações, saúde e harmonia interior.

Com o abraço amigo da

Nelly

Alguns anos mais tarde, em março de 2005, eu viria a me despedir de outro querido amigo, José Bento Faria Ferraz, cuja convivência me fora um grande presente.

José Bento Faria Ferraz, ainda muito jovem tivera o privilégio de secretariar o escritor Mário de Andrade. Era detentor de extensa ficha de serviços prestados à

nossa educação e cultura, pois pertencera aos quadros do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, ao Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e à Universidade de Campinas.

Em nossos encontros, ouvir José Bento narrando episódios relativos aos 12 anos em que esteve ao lado do intelectual múltiplo e único que foi Mário de Andrade, era de impagável valor.

O reconhecimento nutrido por Mário de Andrade em relação a seu dedicado secretário levou o autor de *Pauliceia desvairada* a dedicar-lhe o poema “Marco de viração”, que integra o livro *Remate de males*, publicado em 1930. Nele, encontramos muito da leitura de mundo do autor, como no trecho a seguir, denominado “Aspiração”, que transcrevo:

Aspiração
(9-IX-1924)
Doçura da pobreza assim
Perder tudo o que é seu, até o egoísmo de ser seu,
Tão pobre que possa apenas concorrer pra multidão...
Dei tudo o que era meu, me gastei no meu ser,
Fiquei apenas com o que tem de toda gente em mim...
Doçura da pobreza assim...
Nem me sinto mais só, dissolvido nos homens iguais!
Eu caminhei. Ao longo do caminho,
Ficava no chão orvalhado da aurora,
A marca emproada dos meus passos.
Depois o Sol subiu, o calor vibrou no ar
Em partículas de luz doirando e sopro quente.
O chão queimou-se e endureceu.
O sinal dos meus pés é invisível agora...
Mas sobra a Terra, a Terra carinhosamente muda,
E crescendo, penando, finando na Terra,
Os homens sempre iguais...
E me sinto maior, igualando-me aos homens iguais
(Andrade, 1987, p. 253)

Com o propósito de homenageá-lo, poucos dias após seu falecimento, publiquei, no tabloide literário *Linguagem Viva*, o artigo intitulado “O homem que sempre foi menino” e, uma vez mais, tomei a liberdade de encaminhar cópia à professora Nelly, dela recebendo nova correspondência:

São Paulo, 09 de julho de 2005

Caro Angelo Caio,

Aproveito o descanso do feriado paulista para por em ordem a correspondência aqui acumulada. Nela o seu artigo “O homem que sempre foi menino”, fraternal homenagem a um amigo e leitor voraz, despidido de ambições mundanas (hoje, “avis rara”). Artigo que vejo ampliado no *Linguagem Viva* que a fortaleza de Rosani Abou Adal mantém, apesar de todas as dificuldades que qualquer iniciativa cultural enfrenta.

É sempre um prazer receber notícia de amigos que mantêm o trabalho de sementeira indispensável para que os homens evoluam em cultura e consciência de si mesmos.

Com votos de que seus projetos continuem sendo realizados, com sucesso, aqui me despeço.

Cordialmente,

Nelly

Retrocedo agora ao ano de 2002, ano do lançamento de um dos trabalhos mais extensos e importantes da professora Nelly Novaes Coelho, o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. Obra de imenso fôlego, com 750 páginas e 1400 verbetes, a comprovar, uma vez mais, a capacidade hercúlea de trabalho da grande mestra, que passou alguns anos a redigi-lo solitariamente, quando seria empreitada para uma grande equipe de estudiosos.

Nas primeiras páginas, com o título de “À guisa de informação”, Nelly explicou o que desejou realizar com a obra:

Este dicionário resulta de um minucioso levantamento da produção literária feminina brasileira, de ontem e de hoje, e foi organizado com o objetivo maior de oferecer um painel abrangente desta literatura e que pudesse servir de fonte para futuros estudos e pesquisas nesta área.

As origens deste dicionário estão nos primeiros estudos sobre literatura contemporânea, iniciados na década de 1960, como colaboradora do *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* (dirigido por Décio de Almeida Prado), época em que ingressei, como docente, no curso de Letras da USP. A geração de 1960 começava a se impor, com suas múltiplas faces e com o desafio de um novo ainda informe. A esse novo literário, junta-se o desafio do novo feminino. Foi aceitando esse desafio, que nos entregamos à pesquisa, trabalhando simultaneamente com escritores e escritoras do Brasil e Portugal.

Devido à crescente importância que, na segunda metade do século XX, a literatura feminina começa a assumir no contexto geral da literatura e da cultura, e também pelo desinteresse do público e da mídia em relação a ela, em 1988, surgiu-nos a ideia de elaborar um dicionário que reunisse poetas, ficcionistas, memorialistas, cronistas e dramaturgas.

O projeto foi aprovado pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e foi-nos concedida uma Bolsa de Auxílio à Pesquisa (1989-1991). Teve início, então, uma longa e paciente busca em dicionários, enciclopédias, antologias, anais de academias, etc., e a mais importante: a comunicação direta com escritoras de todas as regiões do País.

Para essa difícil pesquisa, foi decisiva a colaboração solidária de colegas e

companheiros de todos os Estados. Sem eles, este dicionário não teria sido possível.

A previsão de publicação em 1991 (conforme o projeto inicial) frustrou-se. Mil e uma circunstâncias intervieram. Contudo o que foi atraso em tempo, teve como contrapartida a ampliação do panorama visado. [...] (Coelho, 2002, p.15)

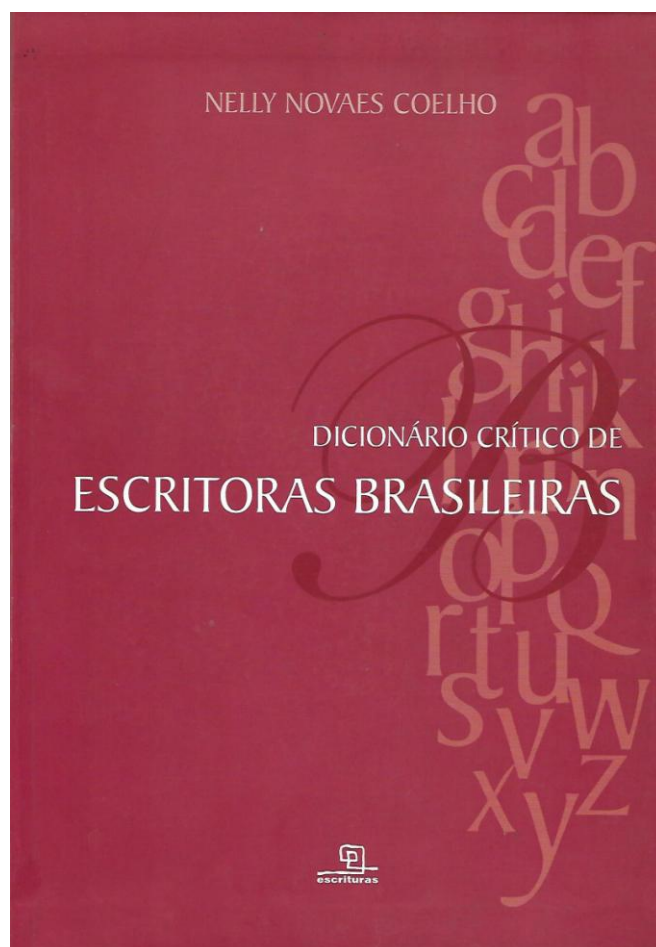
Convidado pela professora Nelly a comparecer à cerimônia de lançamento do *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, fui obrigado a declinar do convite, pois naquela época ministrava cerca de 50 aulas por semana, distribuídas nos turnos da manhã, da tarde e da noite. No entanto, no contato telefônico no qual havia-lhe explicado o motivo de minha ausência na festiva noite, a professora Nelly informou-me que tinha um exemplar da obra reservado em sua casa para me oferecer. Marcamos, então, um encontro, para dali a alguns dias, no qual recebi o exemplar da bela edição do *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, com afetuosa dedicatória da autora.

De volta à minha casa, ao folhear a obra que, sozinha, a professora Nelly levava anos elaborando, emocionado vi meu nome impresso na página sete, na qual a autora nomeou a quem designou “[...] generosos colaboradores da pesquisa, minha fraternal gratidão”. Na relação de nomes, algumas personalidades do mundo das letras e do jornalismo, como Heloísa Buarque de Hollanda, Antonio Bivar, Assis Brasil, Ilka Brunhilde Laurito, Olga Savary, Heloísa Maranhão, Miguel Jorge, Cyro de Mattos e José Alcides Pinto.

Bastante sensibilizado pela surpreendente homenagem, da qual não me via merecedor, telefonei à professora Nelly para expressar meus agradecimentos e dela ouvi, com emoção, que todos aqueles recortes de artigos que lhe enviara, ao longo de vários anos, haviam subsidiado as suas pesquisas, contribuindo de modo decisivo na redação de alguns verbetes de seu *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*.

O gesto de Nelly Novaes Coelho, uma vez mais, reiterava a grandeza e generosidade da mestra, sobretudo quando se sabe da fogueira de vaidades, movida pela exacerbação do ego, tão comum nos meios acadêmicos, nos quais atitudes como a dela são raras.

Figura 5 - capa do *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*.



Acervo pessoal

Em 2015, aos 93 anos, Nelly aceitou a empreitada de participar, como uma das organizadoras, ao lado de suas colegas da disciplina de Literatura Infantil e Juvenil da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, Maria Zilda da Cunha e Maria Auxiliadora Fontana Baseio, da elaboração do livro *Tecendo literatura: entre vozes e olhares*, publicado em homenagem à professora e escritora Lúcia Pimentel Góes que, décadas antes, havia sido uma de suas primeiras orientandas, assim como se tornado sua colega na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, onde também se aposentou como professora titular de Literatura Infantil e Juvenil.

Convidado pelas organizadoras a colaborar na obra, escrevendo um capítulo, imediatamente acolhi o honroso convite e aproveitei para homenagear a professora Lúcia Pimentel Góes com um ensaio sobre a obra do amigo e escritor Antonio Olavo Pereira, intitulado “Um estilizador sóbrio e intenso de dramas familiares”.

Na apresentação ao extenso volume, com mais de 500 páginas, a professora Maria Zilda da Cunha, assim se manifestou:

Em tempos, como o nosso, em que vivemos um presente efêmero, em que as experiências de passado se esvaem e as perspectivas de futuro, se existem, estão fortemente nubladas, tempos em que nossos referenciais estão desaparecidos, torna-se cada vez mais difícil nos orientarmos na complexa dinâmica do pensamento. Em um contexto como este, uma das possibilidades de que dispomos é nos colocarmos próximos dos artistas, “eles sabem sem saber o quanto sabem”. Assim, em tempos de barbárie, vale recorrer aos poetas e suas cosmogonias, afinal poesia e pensamento são formas de interrogar o mundo, uma espécie de ciência das coisas do homem no mundo, no sentido de experiências sensíveis e invenção, movimento de inteligência da relação homem, mundo, sociedade, palavras. Assim, poetas propõem matrizes de compreensão e crítica, matrizes de ideias.

As artes são modos de investigação, mas não pretendem explicar o mundo por meio de teses ou conceitos, mesmo em sua inalienável vinculação com a realidade, as artes pretendem – e o fazem – falar de experiências de mundo. (Coelho, 2015, p.22)

Além de organizadora do volume de estudos em homenagem à colega Lúcia Pimentel Góes, nele a professora Nelly publicou instigante ensaio, intitulado “Cultura e arte em tempo de mutação, apocalipse ou gênese?”, cujo parágrafo final transcrevo, haja vista sua atualidade pelos questionamentos trazidos, de ordem filosófica:

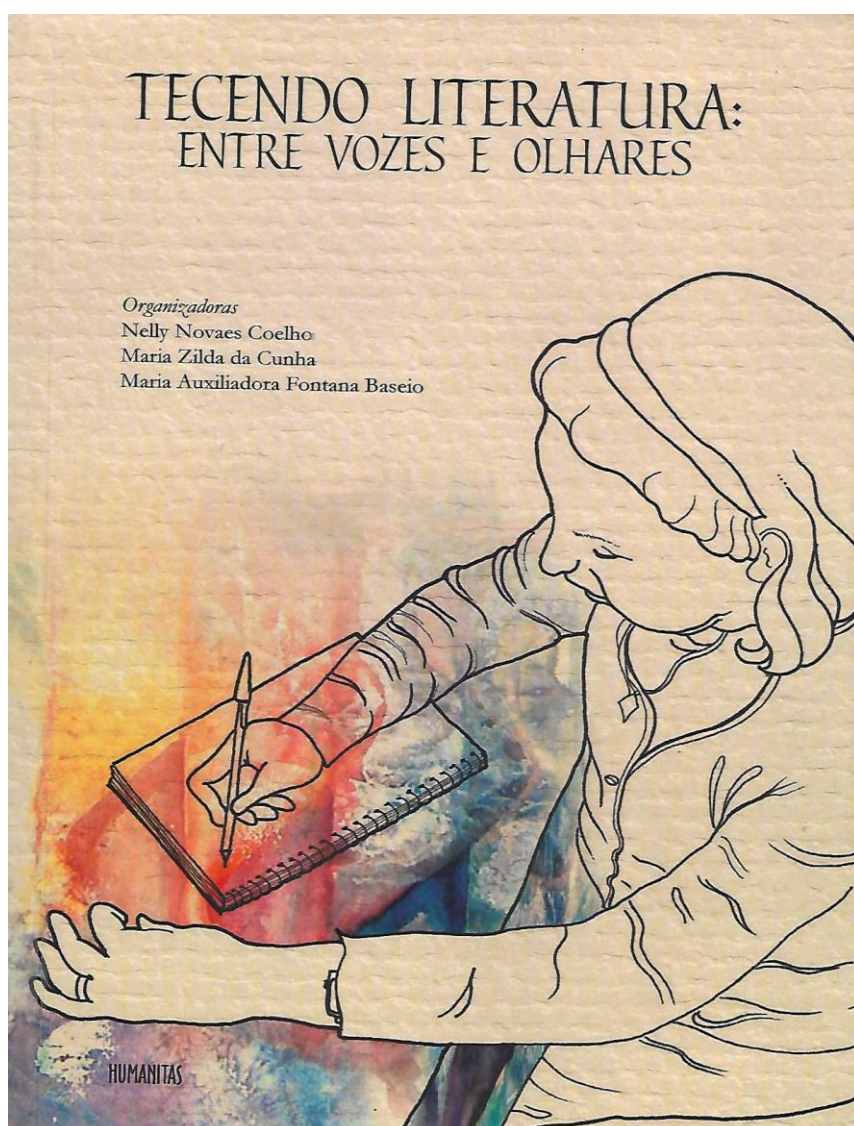
É esse o momento em que vivemos. No vazio deixado pela Palavra de Deus, faz-se ouvir a palavra do homem que pergunta por si mesmo: “Quem é o Homem?”, “Quem sou eu?”, “Quem é o outro”. Sem dúvida, é essa a questão radical que energiza toda a criação artística /literária/poética/teatral... nestes “tempos de cólera”...É também o eixo-motriz da filosofia existencial e leva Heidegger a concluir: “Nunca se conheceram tantas e tão diversas coisas sobre o homem, como em nosso tempo. [...] Entretanto, em época nenhuma se soube menos sobre o que o homem é. Em tempo algum o homem foi tão problemático como no atual.” Heidegger teria razão absoluta ao considerar o nosso tempo como exceção? Lembramos, por acaso, que Sófocles, em *Antígona* (séc. V a.C.), exclamava: “Muitos são os grandes enigmas que povoam a terra, porém nada mais enigmático que o homem.” (Sófocles, 1970) E à Grécia, não faltavam deuses...

Talvez não seja absurdo afirmar que, desde que o homem se descobriu como “ser-no-mundo”, ele anda em busca de si mesmo...e de um “deus” que o justifique...

E la nave vá...

(Coelho, 2015, p.331)

Figura 6 - capa do livro *Tecendo literatura: entre vozes e olhares*



Acervo pessoal

3 A TRAJETÓRIA DE NELLY NOVAES COELHO

Dias após seu falecimento, ocorrido na cidade de São Paulo, em 29 de novembro de 2017, escrevi singelo artigo em homenagem à professora Nelly Novaes Coelho, intitulado “Mestra de várias gerações” e o publiquei nos veículos de imprensa em que sou colunista, a revista de arte e cultura *São Paulo Review*, o tabloide literário *Linguagem Viva* e o jornal português *Bom Dia*. Nele busquei sintetizar um pouco da vida e obra da admirável intelectual e educadora, o que desejo, em rápidas pinceladas, reproduzir nas linhas que seguem.

Nascida no tradicional bairro do Brás, na casa de seus avós maternos, no Largo da Concórdia, na capital paulista, a 17 de maio de 1922, portanto, menos de três meses após a Semana de Arte Moderna, cujo centenário foi comemorado ano passado, assim como no ano em que se comemorou o centenário da Independência do Brasil, Nelly Novaes Coelho vinha de uma família com antigas raízes no Vale do Paraíba, interior de São Paulo.

Em depoimento que concedeu ao Museu da Pessoa, da capital paulista, em 2008, mencionou a importância do legado que recebeu da família, sobretudo de seus pais:

Meus pais: papai era Gastão Novaes e a mamãe Silvina Novaes, duas pessoas maravilhosas, foram grandes pais, grande mãe, grande pai. Eu nasci...eu sou paulistana, nasci no Largo da Concórdia, que hoje é um cimentado, cheio de ambulantes vendendo coisas. O Largo da Concórdia era pertinho da estação do Norte, era um largo lindíssimo [...] ele tinha um teatro onde se apresentavam as grandes companhias de ópera, era o teatro Colombo, um teatro lindíssimo que foi derrubado. Tinha um bebedouro, porque na ocasião, nos anos 1920, as mudanças eram feitas por carroça, então puxadas por cavalos e havia, portanto, no Largo da Concórdia, um bebedouro enorme, lindíssimo, com desenhos em “art nouveau” a volta toda, sabe? [...] Um menino, nós estávamos brincando perto e um menino disse um palavrão e a vovó, que estava perto, ficou brava e disse “só quem lida com cavalo pode dizer palavrão.” É curioso que isso ficou marcado. Sabe, eu tenho horror de palavrão, eu acho que é uma coisa que atinge fundo, [...] é uma coisa muito feio, guardei isso muito, sabe? Minha avó era uma mulher sábia, tinha mil histórias sempre. [...] nasci ... em pleno Brás, num momento em que as indústrias começavam [...] onde de vez em quando aparecia um carro [...] Para ter um carro precisava ser milionário, né? A gente andava de bonde e, em geral, eu preferia o cara dura, que ficava atrás e balançava muito, porque o bonde era o dos réis e o cara dura era um real [...]. (Coelho, 2008)

Figura 7 - Nelly Novaes Coelho aos seis meses de idade.

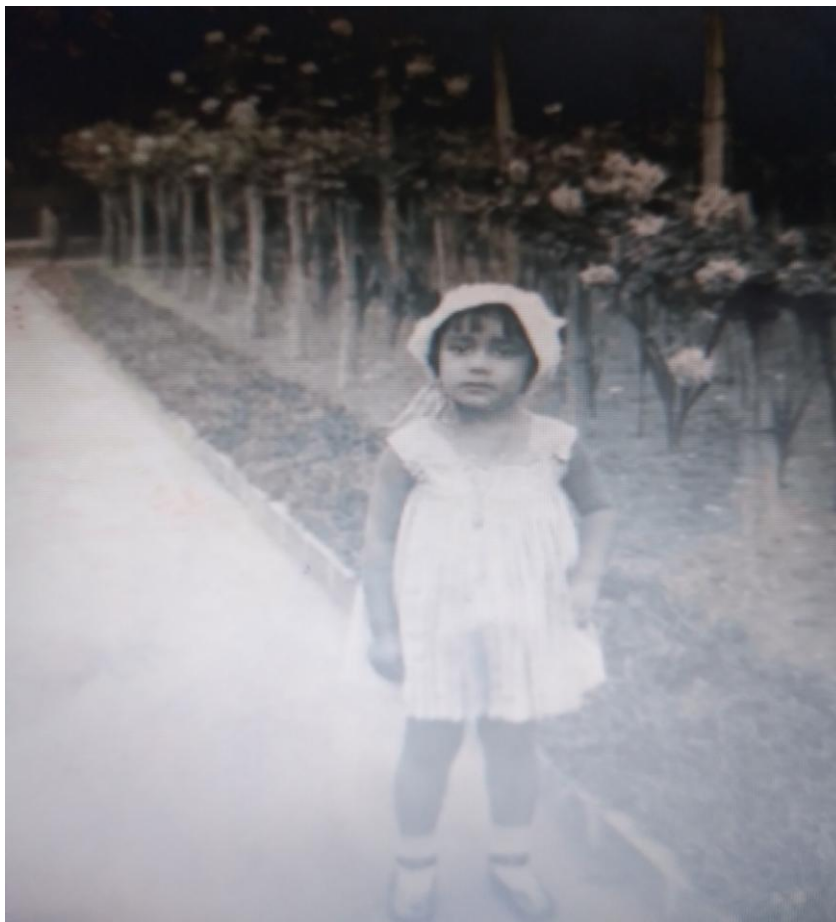


Fonte: Coelho, (2008)

Teve uma infância feliz, vivida numa família numerosa e unida, com adultos carinhosos e dedicados à sua volta, conforme disse em seu depoimento ao Museu da Pessoa:

[...] a minha infância foi uma infância privilegiada, porque nós morávamos todos no casarão da vovó. Eram casarões enormes no Largo da Concórdia, tinha coreto aos domingos, ficava a banda tocando e a gente brincando. E eram tias e tios que estavam solteiros, duas filhas casadas, uma mamãe e outra que foi minha segunda mãe, que era a tia Elvira. E eu cheguei numa hora muito triste para a família, porque duas crianças, em dois anos, tinham morrido, porque não havia antibiótico e a mortalidade infantil era muito grande. [...] eu vi o que significou meu nascimento, o medo que a família toda tinha de que eu também fosse embora [...] essa circunstância dolorosa fez com que, no fim, eu tivesse duas mães e dois pais, porque a tia Elvira e o tio José, que tinham perdido os dois filhos, ficaram assim, então havia, até o fim da vida (risos), entre mamãe e tia Elvira, certa disputa em relação a mim [...] (Coelho, 2008)

Figura 8 - Nelly Novaes Coelho aos dois anos de idade.



Fonte: Coelho (2008)

Merece nota o fato de Nelly ter aprendido a ler antes de ingressar na escola, tal o fascínio que a palavra escrita lhe trazia. O universo da arte estava bastante presente em sua casa, pois suas tias maternas tocavam violão e cantavam no coro da Igreja do Brás. Os livros fizeram parte, desde muito cedo, de sua rotina:

[...] era comum ler em voz alta, enquanto as tias bordavam [...] eram aqueles folhetins do rocambole que o Lobato fala, [...] O Rocombole era o grande personagem, um bandido bom, eram as aventuras de Rocombole. [...] Lobato disse que estava escrevendo um rocambole, era porque ele estava pensando naquela personagem cujas aventuras não acabavam [...] Eu me lembro bem desses folhetins, que chegaram impressos em azul ou em rosa e cada semana vinha um menino que entregava de porta em porta para assinar [...] muito cedo eu aprendi a ler, porque eu queria saber como é que era, como é que eram aqueles desenhos que tinham dentro deles uma história [...] minhas tias, por brincadeira, eu tinha meus cinco anos, elas cortaram um papel de embrulho, cortaram os quadrados e eu lembro, então, elas punham todo o abecedário, daí iam fazendo “ba, bala”, um método que depois, [...] mudou [...] (Coelho, 2008)

Figura 9 - Nelly Novaes Coelho aos três anos de idade.



Fonte: Coelho (2008)

Realizou parte de seus estudos primários Grupo Escolar Padre Anchieta, no Brás, do qual guardava boas recordações:

[...] gostava muito da escola, sentava na primeira fila, eu sempre fui Caxias [...] Sempre estudei muito, prestava muita atenção em tudo... [...] Minha primeira escola foi o Grupo Escola Padre Anchieta, na avenida Rangel Pestana [...] a minha primeira professora foi Dona Zuleica [...] nunca tive nenhuma dificuldade na escola, eu sempre fui muito estudiosa, muito comportada [...] a segunda professora, eu só guardei essas duas, era da Dona Gertrudes, ela era muito feia, [...] muito gorda e falava duro para impor a autoridade. Eu fiquei com uma impressão muito negativa, eu tinha medo de Dona Gertrudes...Porque, pelo tom com que ela falava, [...] bem alto para todo mundo, [...] eu guardei uma lembrança triste (Coelho, 2008)

Figura 10 - Nelly Novaes Coelho e sua turma da escola primária.



Fonte: Coelho (2008)

No terceiro ano primário, passou a estudar no Externato São José, colégio católico para meninas, no bairro da Liberdade, pois a família mudou-se para o bairro do Cambuci, próximo dali.

[...] nós mudamos do Largo da Concórdia para a rua Estéfano. E daí eu passei a ser aluna do Externato São José, o que adorei. [...] a ida para a escola era um paraíso, as irmãs, ótimas. A Irmã Marta, a Irmã Etelvina, a Irmã Faustina, que era brava, ela dava as aulas de Português, por isso eu fiquei afiadíssima na língua portuguesa. A Irmã Etelvina dava Francês. Então, eu comecei a aprender francês muito cedo [...] no terceiro ano primário tinha francês. (Coelho, 2008)

Sobre sua forte ligação com o mundo dos livros, desde muito pequena, registrou: “[...] com seis, sete anos, eu já lia, eu não me vejo sem um livro na mão, não me vejo. Até hoje, eu estou sempre lendo [...] é um segundo mundo, eu não sei, eu não saberia viver sem leitura.” (Coelho, 2008)

Ainda criança, iniciou seus estudos de piano, com professores particulares, cabendo lembrar que seu pai era primo, em primeiro grau, da grande pianista Guiomar Novaes, uma das mais célebres pianistas brasileiras de todos os tempos. Sobre tal fato, relembrou:

[...] o primeiro ideal foi eu ser pianista, não só pianista, porque uma prima do papai era a grande pianista, era a maior pianista do mundo, então eu achava uma coisa maravilhosa eu aprender aquele instrumento [...] quando eu entrei para o conservatório, eu decidi, vou ser concertista. Foram anos maravilhosos [...] Eu não fazia outra coisa, de manhã à noite, eu só tocava ou estudava [...] (Coelho, 2008)

Ao ler o depoimento da professora Nelly sobre suas antigas mestras, nos dois primeiros anos de escola, Dona Zuleica e Dona Gertrudes, recordei-me, uma vez mais, de algumas sensíveis ponderações de Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da autonomia*:

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e cinzento me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetivos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (Freire, 1996, p.141)

Como em todo colégio para meninas daquele tempo, o Externato São José, além das matérias curriculares, ensinava bordado e costura, estando à frente de tal tarefa a Irmã Marta.

Nas aulas de bordado e costura, havia, porém, um momento dedicado à leitura. Uma aluna era escolhida para ler, em voz alta, trechos de obras literárias, enquanto as demais seguiam em suas atividades manuais. Nelly, pela facilidade e fluência que tinha ao ler em voz alta, era a preferida das colegas e da professora. Isto, entretanto, fazia com que se atrasasse nas atividades manuais, nos bordados e costuras, situação resolvida, quando passou a adiantá-los em casa. Com isso, o papel de leitora preferida de suas colegas pode ser desempenhado prazerosamente, sem qualquer obstáculo:

E essa minha inclinação para a literatura, não para escrever, mas para ler, se manifestou logo. Por exemplo, nós tínhamos aula de bordado, então, dia sim, dia não, tinha aula de bordado. Ficava uma meia hora, quarenta minutos, não me lembro bem e alguém ficava lendo [...] não lembro exatamente, mas o livro que eu lembro que o pessoal gostava muito e ria muito, era um livro que havia uma personagem inglesa [...] então, eu imitava o fulano, não sei como imitava, pois eu ainda não sabia inglês naquela ocasião, mas eu imitava (risos). E daí as meninas pediam: “Deixa a Nelly, deixa a Nelly ler...” E Irmã Marta dizia assim: “Não, ela tem de fazer o seu dever de bordado também, não pode ficar lendo todo dia”. Então, eu fazia minha tarefa de bordado em casa [...] e passei a ser leitora. Isso foi uma coisa que realmente sempre me deu muito prazer. (Coelho, 2008)

Na adolescência, aprofundando seus estudos de piano, iniciados na infância, estudava de seis a oito horas diárias, passando, por sugestão materna, a dar aulas para crianças, o que não durou muito, pois incomodava-lhe o desinteresse dos pequenos alunos, obrigados, muitas vezes, por seus pais, a aprender a tocar o instrumento, sem, no entanto, gosto e aptidão para tanto.

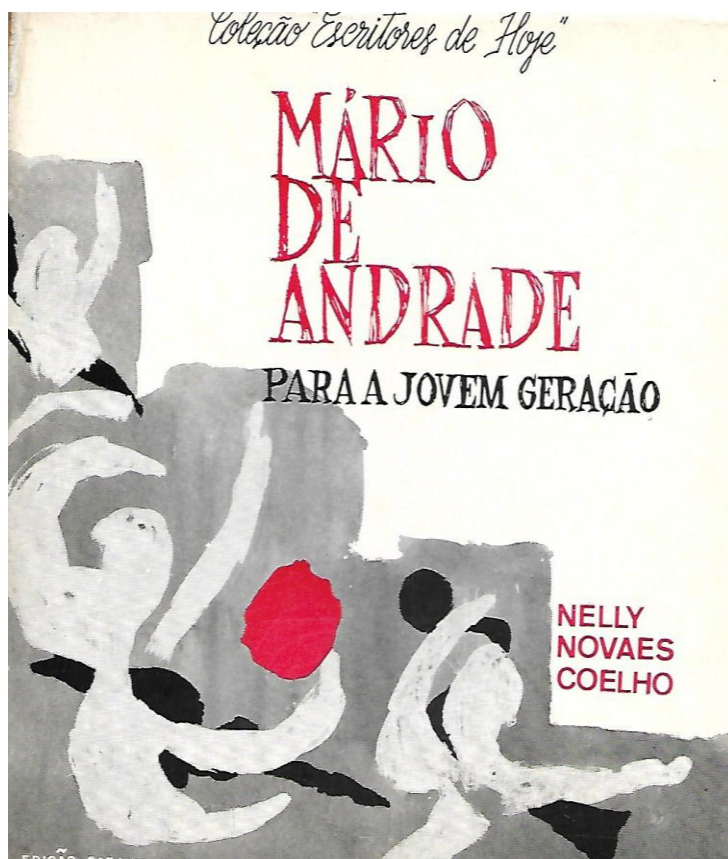
Por essa época, ingressou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde foi aluna de Mário de Andrade, na disciplina de História da Música. Sobre o professor, figura central no Modernismo brasileiro, disse:

[...] eu não sabia quem era Mário de Andrade, eu adorava as aulas dele, só muito mais tarde fui saber quem ele era [...] eu não sabia que ele era poeta [...] quando se referiam à Semana de Arte Moderna, diziam assim: “Ah, aqueles loucos que fizeram, você lembra aqueles loucos que fizeram uma semana de arte lá no Theatro Municipal, tudo doido!” Esses eram os comentários de gente da família. E todos alfabetizados [...] todos liam muito, mas esta era a ideia que eu vi [...] a Semana de Arte Moderna, [...] realmente foi um choque para uma cidade provinciana como São Paulo, vinha aquela avalanche de talento, uma coisa fantástica [...] (Coelho, 2008)

Anos mais tarde, em 1970, homenageou o autor de *Pauliceia desvairada*, seu antigo professor, ao escrever uma obra até os dias de hoje fundamental sobre sua obra, *Mário de Andrade para a jovem geração*, em cujo capítulo introdutório escreveu:

[...] nesta sondagem analítica só nos vai interessar o poeta Mário de Andrade. Por óbvias exigências do campo de pesquisa, obrigamo-nos a deixar de lado as outras faces do seu extraordinário e multifacetado espírito de intelectual que simultaneamente foi poeta e crítico; investigador apaixonado da música e das artes plásticas; mestre e revelador de novos talentos criadores; ficcionista e, acima de tudo, um escritor consciente do papel e da responsabilidade de sua geração na abertura dos novos caminhos para a renovação da literatura brasileira. (Coelho, 1970, p.7)

Figura 11 - capa do livro *Mário de Andrade para a jovem geração*



Acervo pessoal

Em 1939, aos 17 anos, após ter concluído seus estudos no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, venceu o Concurso Maestro Cantu, recebendo do governo italiano uma bolsa para aperfeiçoar seus estudos de piano na Itália. Porém, a eclosão da II Guerra Mundial, naquele mesmo ano, acabou por impedi-la

de usufruir da bolsa, obrigando-a a permanecer no Brasil e a traçar novos rumos profissionais.

Com a impossibilidade de usufruir da bolsa que conquistara para estudar piano na Itália, começou a trabalhar num banco, como secretária, taquígrafa e datilógrafa. Era o Banco Paulista do Comércio, na rua XV de Novembro, no centro de São Paulo, cujos donos eram amigos de um de seus tios:

[...] eu não conseguia emprego [...] todo mundo queria uma pessoa com prática [...] Doutor Fleury, me lembro dele de colete, aquele colarinho duro, corrente, [...] aquela corrente de ouro com relógio, o homem parecia do século XIX, muito sério [...] ele me mandou para um outro para eu fazer exame: datilografia, taquígrafia. Eu tinha estudado taquígrafia, tinha estudado datilografia, então passei [...] Daí me levaram outra para o Doutor Fleury, que disse: “Ah, mas é uma pena, porque nós precisamos de gente com prática, nós estamos abrindo e a senhora nunca trabalhou”. Ai me deu um desespero, sabe, eu digo: “Olha, em todos os empregos que eu fui ver, todos disseram a mesma coisa que o senhor. Então, se ninguém me der oportunidade para eu ter meu primeiro emprego, eu não vou nunca ter o meu primeiro emprego!” Tive coragem e foi isso mesmo. [...] E eu me lembro que daí ele ficou olhando para o papel uns segundos assim, depois virou e disse: “Seu Ernani [que era o chefe da pensão] dê uma oportunidade de três meses para essa moça e vamos ver como é que dá resultado”. Pronto, daí fui bancária, eu fiquei como secretária da secretária, porque como eu era taquígrafa, eles ditavam as cartas. Depois de algum tempo, eu vi que era sempre a mesma coisa, a resposta, daí eu disse: “O senhor não quer que eu redija?” [...] E daí eu passei a fazer a correspondência do banco. Eles só escreviam o que era para responder e eu redigia, eu sempre redigi muito bem, eu gostava de escrever, até hoje, né? (risos) Não faço outra coisa senão escrever, eu escrevo de dez a doze horas por dia. Pronto. (Coelho, 2008)

Permaneceu em suas funções no Banco Paulista do Comércio por dois anos, do qual se demitiu para trabalhar na agência de publicidade que fora aberta pelo seu pai, também no cargo de secretária.

[...] papai trabalhava em publicidade, mas depois abriu uma agência de publicidade na Praça do Patriarca, era a Pau Brasil. Ele e meu tio. Então, eu saí do banco, depois de uns dois anos, e fui trabalhar em publicidade [...] ali fiquei até quando a guerra terminou, eu estava noiva e pronto, virei dona de casa (risos). (Coelho, 2008)

Sobre sua atuação na agência de publicidade de seu pai, recordava-se, decorridos 60 anos, com exatidão:

[...] eu não trabalhava direto para pedir anúncio não, eu trabalhava na agência, nos serviços internos da agência, de escolher cores, fazer correspondência, escrever, fazer, enfim, serviço de escritório [...] Mas também foi um tempo assim muito agradável, porque a convivência era muito boa [...] não tinha correria, não tinha briga, sabe, não sei se na minha vida tudo correu (risos). Parece Alice no País das Maravilhas (risos) (Coelho, 2008)

Iniciou, por aquele tempo, os estudos da língua inglesa, na Sociedade Cultura Inglesa, onde se diplomaria poucos anos mais tarde. Pouco tempo antes, diplomara-se em língua francesa, na Aliança Francesa.

Em 1946, casou-se com Carlos Mário Coelho, português, nascido em Lisboa, em 1916 e que chegara ao Brasil em 1937, fugindo da ditadura salazarista. Carlos era balconista de uma das mais importantes livrarias paulistanas da época, a Acadêmica, localizada na rua José Bonifácio, no centro de São Paulo. A Acadêmica era de propriedade da editora Saraiva, uma das casas editoriais mais importantes de nosso país no século XX. Segundo Coelho (2008, p.) “[...] eu conheci meu marido na Sociedade Cultura Inglesa [...] era na rua José Bonifácio [...] eu o conheci num momento em que tinha rompido com outro namorado, eu estava sofrendo muito e deu certo (risos) [...] ele foi um grande marido.”

Figura 12 - casamento de Nelly Novaes Coelho



Fonte: Coelho (2008)

O ano de 1947 registrou o nascimento de seu único filho, Márcio Novaes Coelho. Nesse período, abandonou completamente a vida profissional para dedicar-se à família e à atividade de costureira, mesmo sem nunca deixar de lado as leituras de livros de ficção e poesia, que continuavam a ser parte integrante de sua rotina. Sobre o período, lembrou em seu depoimento ao Museu da Pessoa, Coelho (2008, p.) diz: “[...] gostava muito de costurar, então, comecei a costurar para a família. Eu fiz os vestidos de noiva para as primas. Três primas que casaram naquele período, [...] foram com vestidos de noiva que eu fiz [...]”

Em 1952, decidiu retomar os estudos, ingressando no curso clássico, do tradicional Colégio Bandeirantes, na capital paulista, equivalente ao ensino médio dos tempos atuais, para o qual fora incentivada pelo marido, sobre quem diz, no depoimento ao Museu da Pessoa:

[...] meu filho estava com cinco, seis anos, e eu achei que faltava alguma coisa, [...] faltava por dentro. Eu gostava de ler, por que eu não volto a estudar? [...] fui fazer o Colégio Bandeirantes, porque eu morava num apartamento a um quarteirão do colégio [...] fui fazer o colegial, porque como eu tinha feito Secretariado, faltava o colegial [...] E, por isso, digo que eu tive um marido maravilhoso que, além de ter me deixado, ele achou ótimo. (Coelho, 2008)

No ano de 1956, prestes a completar 34 anos de idade, deu aquele que seria, certamente, seu maior passo na construção de uma das mais brilhantes carreiras acadêmicas da Universidade de São Paulo, ao ingressar no curso de Letras Neolatinas.

[...] quando eu entrei para a faculdade, que eu encontrava amigos ou pessoas que não via há algum tempo e dizia que estava estudando, que tinha entrado na faculdade, perguntavam; “Você se separou do Carlos?”. E eu dizia: “Não, não me separei e ele me deixou estudar”. Estão percebendo a diferença de mentalidade? Na minha geração, mulher não ia trabalhar, a não ser que tivesse necessidade de dinheiro [...] E era uma vergonha para o marido, se a mulher tivesse que ir trabalhar e estudar. Nem pensar! [...] era muito raro saber de tal moça que foi fazer faculdade. (Coelho, 2008)

Sobre os exames para ingresso na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo e sua rotina como aluna, lembrou-se:

Ainda tinha exame oral, os professores eram severíssimos, eu me lembro do Silveira Bueno, eu detestava o Silveira Bueno, [...] voz dura, arrogante, mandão, ninguém entrava na sala depois que ele entrasse. Chegou tarde, fica fora. E ninguém saía antes dele sair. [...] de todos, o único que guardei

uma imagem negativa foi o Silveira Bueno, que era um grande gramático, [...] , mas devia ser um homem muito infeliz, [...] nunca vi o Silveira Bueno sorrir. Tive grandes professores e, entre eles, eu tive o privilégio de ser aluna em francês de quatro grandes mestres franceses, foi o final dos professores estrangeiros que vieram montar a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Desde os anos 1930, quando foi fundada, eram sempre professores estrangeiros. Eu peguei o fim [...] já tinham professores preparados, era só um ou outro estrangeiro que vinha para lecionar. E hoje eu vejo que foi realmente fundamental na minha cultura, foi com esses, principalmente com os mestres franceses. Não é à toa que a França sempre foi o foco, é através dela que os autores todos foram conhecidos [...] Dostoievski, Goethe, todos os grandes escritores, foi através da tradução francesa que foram conhecidos por todo lado. O francês, na ocasião, era como o latim no Império Romano, como é o inglês hoje. (Coelho, 2008)

Em 1959, concluiu o bacharelado e a licenciatura em Letras Neolatinas pela Universidade de São Paulo. Dois anos depois, em 1961, prestou concurso para professora efetiva de Português da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, no qual obteve a honrosa primeira colocação.

Figura 13 - formatura em Letras de Nelly Novaes Coelho



Fonte: Coelho (2008)

No ano de 1960, a mais importante revista jornalística da época, *O Cruzeiro*, com circulação semanal de mais de setecentos mil exemplares, promoveu, em parceria com o Ministério da Educação e Cultura, um concurso literário para universitários e Nelly inscreveu-se, apresentando o ensaio intitulado “A presença da morte na obra de Álvares de Azevedo”, sobre um dos maiores poetas do Romantismo nacional, autor de “Noite na taverna”. Com 2152 inscritos, obteve a segunda colocação, na categoria crítica literária.

Em 1961, a convite do professor Luiz Amador Sanchez, da cadeira de Literatura Espanhola e Hispano-Americana, da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, tornou-se sua assistente. Todavia, meses depois, falecia, abruptamente, o professor Luiz Amador, assumindo sua cadeira o professor Julio Garcia Morejón, de quem também viria a se tornar assistente.

O ano de 1961 marcou ainda a publicação de seu primeiro artigo, sobre a poesia lírica espanhola, numa revista acadêmica, a *Revista Bibliográfica e Informativa*.

Como precisasse ler, durante as aulas, textos de autores hispânicos no original, disciplinada como sempre fora, passava horas em casa a treinar a pronúncia das palavras, pois nunca estudara formalmente a língua espanhola.

Daquele período de desafios e conquistas, costumava lembrar da satisfação que foi o seu encontro com a obra do escritor argentino Jorge Luís Borges, àquela altura muito pouco conhecido em nosso país, mesmo tendo recebido importantes prêmios mundo afora, como o Formentor de Las Américas e a Ordem do Comendador na Itália.

Dada a impossibilidade de obter, junto aos livrheiros nacionais, as obras de Jorge Luís Borges, encomendou-as a um amigo que viajaria, por aqueles dias, a Buenos Aires.

[...] eu procurei nas livrarias, não tinha, mas um amigo meu ia a Buenos Aires e eu pedi: “Vê se você me traz um livro do Jorge Luis Borges, porque aqui eu não encontro realmente.” [...] ele me trouxe a obra completa, que foi comprada em 1961, livros pequeninos, cor cinza [...] então mergulhei naquilo, metade eu não entendia, foi muito difícil o Borges, foi assim um desafio entender a problemática dele [...] (Coelho, 2008)

Paralelamente às funções que exercia na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, assumiu, na condição de professora regente, a cadeira de Didática de Francês, no curso de Letras da Universidade Mackenzie, na capital paulista.

Certamente dos mais produtivos e significativos, pelos saltos que foram verificados em sua carreira como docente e escritora, o ano de 1962 marcou o ingresso de Nelly como colaboradora do *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, a convite de seu colega e também professor da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, Décio de Almeida Prado:

O Décio de Almeida Prado, que dirigia o *Suplemento Literário* do *Estado*, aquela maravilha de suplemento que você mandava a página inteira e eles publicavam, [...] era uma equipe de críticos muito boa, era um suplemento realmente muito bom, e isso é coisa que desapareceu, não é? O Décio de Almeida Prado telefonou para o professor Amora e pediu com urgência alguém que escrevesse um artigo sobre Jorge Luis Borges e ninguém conhecia Jorge Luis Borges. Ai o professor Amora lembrou que eu tinha lido [...] Eu disse: “Não, pelo amor de Deus!” Eu fiquei morrendo de medo. [...] morrendo de medo, eu acabei escrevendo [...] O Décio gostou muito, então, volta e meia ele me telefonava direto: “Olha, tem um livro que eu quero que você faça a resenha.” [...] Comecei a escrever sobre os escritores portugueses e, de repente, eu percebi que era crítica literária. Nunca me passou pela cabeça ser crítica literária [...] (Coelho, 2008)

E a 11 de março de 1962, escreveu no *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo* extenso trabalho sobre o escritor argentino Jorge Luis Borges, até aquele momento pouquíssimo conhecido em nosso país, cuja envergadura percebera no primeiro contato com sua obra:

Em Jorge Luis Borges podemos avaliar bem a importância daquela “perspectiva” do artista na visão de mundo, de que fala Lukács, e verificar concretamente “que é ela que determina o conteúdo e a forma do projeto, que dela é que dependem, em cada época, as linhas diretoras que orientam a criação artística, que ela só, por conseguinte, constitui, em última análise, o princípio universal de seleção entre o essencial e o superficial, entre o decisivo e o episódico, entre o importante e o anedótico.” (Coelho, 1962, p. 40)

Naquele ano de 1962, Nelly Novaes Coelho conheceu pessoalmente o escritor Jorge Luis Borges, que esteve no Brasil para participar do III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado na capital paraibana, João Pessoa.

Pouco tempo antes, a 15 de outubro de 1961, sob o título “Literatura e cultura superior”, Nelly se propusera a refletir sobre os excessos da especialização universitária entrevistados no século XX, o confinamento das fronteiras do saber e seu decorrente isolamento das relações humanas e das articulações com a cultura verdadeiramente viva. Pautando suas reflexões no pensamento do filósofo espanhol Ortega y Gasset, que concebe a cultura como vasto e profundo sentido de

conhecimento do homem e da vida, escreveu:

Não sorriam os profissionais superiormente cultos que dela vivem desligados ou se lhe aproximam apenas por mero passatempo. [...] Literatura, em seu puro sentido, é a alma humana expressa em palavras, é a mais profunda representação da vida, através de seu reflexo no espírito do homem [...] Daí o caráter humano e vital da literatura e essa força de verdade que ilumina e fecunda os espíritos que se lhe acessam. Assim, por seu poder de depuração e síntese dos valores humanos, acreditamos que é ela o caminho mais acessível ao homem culto moderno, no sentido de assimilar aquela visão total do homem e do universo que lhe é indispensável para viver fecundo, através do exercício das mais altas qualidades de seu espírito. (Coelho, 1961, p.84)

Entre os livros resenhados no decorrer de seu primeiro ano como colaboradora do *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*, empreendeu a bela tarefa de resenhar outro livro importante, cuja tradução para nossa língua fora publicada à época, *A orientação profissional e as carreiras liberais*, do psicólogo russo Léon Walter, obra que se propunha a discutir o ensino profissionalizante e as suas deturpações. A par de suas contribuições no campo da crítica de obras de poesia e ficção, uma vez mais fazia-se sentir a preocupação da educadora com as questões pedagógicas de seu tempo.

Resenhou igualmente o livro *A professora, o aluno e seus problemas*, da psicóloga alemã Charlotte Bühler, obra que em seu tempo foi traduzida para diversas línguas e significou importante reflexão no relacionamento entre professores e alunos e as suas implicações no cotidiano escolar, tema que falava bastante de perto à professora Nelly.

Também no ano de 1962, convidada por seu ex-professor e, àquela altura, amigo, Antonio Soares Amora, tornou-se sua assistente, na cadeira de Literatura Portuguesa, na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, desligando-se da disciplina de Literatura Espanhola e Hispano-Americana.

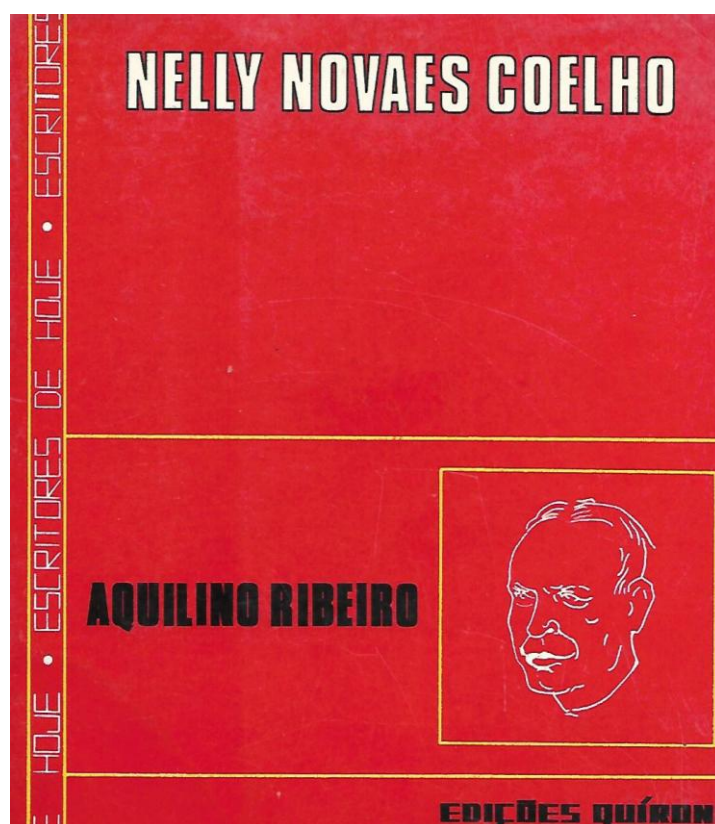
Entre os anos 1963 a 1971, foi professora titular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, anos depois incorporada à Universidade Estadual Paulista (UNESP). Ali, lecionou Didática Geral e Teoria da Literatura.

Em 1964, ingressou no doutorado em Literatura Portuguesa, com orientação do professor Antonio Soares Amora. Concluiu o doutorado em 1967, com a apresentação da tese intitulada “Jardim das Tormentas: gênese da ficção de Aquilino Ribeiro”, escritor de sua máxima admiração, falecido em 1963. Sobre o

escritor Aquilino Ribeiro, declarou:

[...] Tal como seus companheiros neo-naturalistas, Aquilino Ribeiro tinha uma verdade a oferecer. Sua denúncia não se volta contra o sistema estabelecido pela civilização racionalista/burguesa (como o fizeram os arautos da ruptura, no início do século), mas sim contra a mistificação e a fraude a que os homens o reduziram. Em sua obra encontramos a valorização do homem em face das forças negativas de uma sociedade, cujo progresso material não correspondia ao progresso interior do próprio homem. Daí a exaltação do humano que é uma das características marcantes do escritor. (Coelho, 1973, p.15)

Figura 14 - capa do livro *Aquilino Ribeiro*.



Acervo pessoal

Contemplada com uma bolsa de estudos oferecida pela Fundação Calouste Gulbenkian, sediada em Lisboa, viajou para lá, travando contato próximo com nomes de destaque da ficção portuguesa do século XX, como Fernando Namora, José Cardoso Pires, Augusto Abelaira, Vergílio Ferreira e Assis Esperança.

Enquanto dava andamento à sua tese de doutoramento, Nelly Novaes Coelho continuava a aprofundar seus estudos sobre os autores mais importantes de seu tempo, tanto na literatura brasileira quanto na portuguesa. Em 29 de fevereiro de

1964, no *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*, publicou o ensaio “Solidão e luta em Graciliano Ramos”, naquele mesmo ano republicado em seu livro *Tempo solidão e morte*, no qual realizou a impecável síntese:

A solidão da inteligência humana frente ao problema da vida é, cremos, a força geradora que em Graciliano produziu toda sua obra de ficção ou memorialista. Todas suas personagens estão sós com suas almas, cujas queixas ou anseios não encontram eco nos outros; permanecem isolados entre si, sem comunicar-se. A personalidade de cada um guarda zelosamente o seu segredo e no seu isolamento os impulsos negativos nascem, crescem, agigantam-se destruindo tudo.

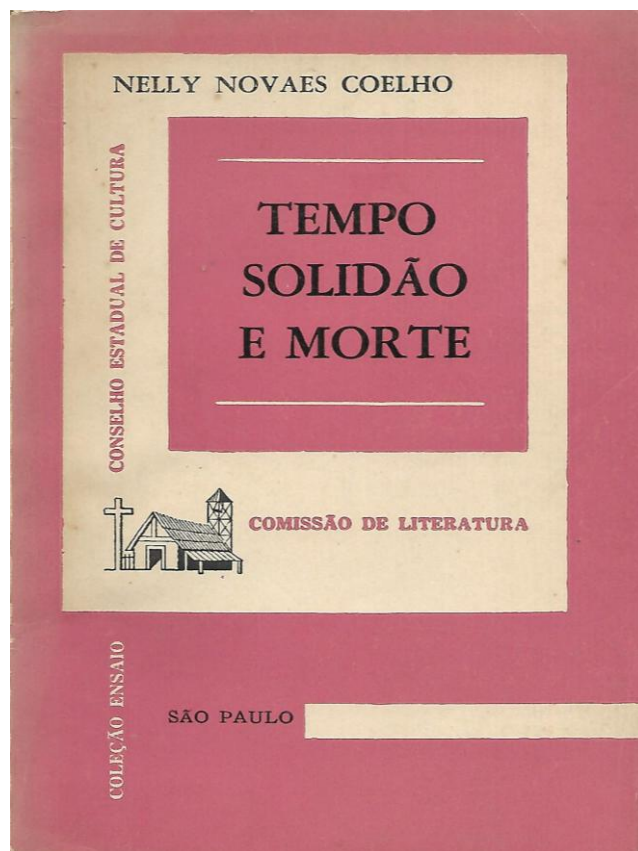
Graciliano deveria sentir na própria carne que, embora queiramos, não podemos jamais entregar-nos totalmente, porque todos os sinais exteriores da nossa entrega surgem deturpados: toda palavra trai o pensamento, as lágrimas não mostram senão a superfície da dor, o riso não consegue mostrar a alegria da alma. Por isso, numa coletividade, os homens parecem misturar-se, ligar-se, mas não se misturam, não se ligam. Permanecem isolados e no meio dessa solidão, a alma do homem que pensa, analisa e reflete deve ser ainda mais isolada do que as outras [...] (Coelho, 1964, p.39)

Também em seu primeiro livro publicado, *Tempo solidão e morte*, debruçou-se sobre a obra do poeta português Antonio Nobre, no capítulo intitulado “O tempo e a morte: duas constantes na poesia de António Nobre”, no qual, ao tratar da popularidade do autor entre os leitores, ponderou:

Entre as vozes líricas mais queridas do grande público encontra-se a melancólica figura de António Nobre, cujos dolorosos versos transmitem, ainda hoje, [...] atualidade marcante [...]

Clara e espontânea em sua mensagem, a poesia de Nobre nada oculta ou disfarça; até mesmo sua simbologia é transparente e cristalina: vai simplesmente de sensibilidade a sensibilidade, sem os jogos ou artifícios da inteligência. (Coelho, 1964, p.41)

Figura 15 - capa do livro *Tempo solidão e morte*



Acervo pessoal

Obra que reúne ensaios preciosos sobre nomes do primeiro time das literaturas brasileira e portuguesa, *Tempo solidão e morte* trouxe igualmente denso ensaio sobre a produção poética de Cecília Meireles, intitulado “O eterno instante na poesia de Cecília Meireles”, em que observou:

[...] desde sua aparição, em seu livro mais representativo, *Viagem* (1929-1937), até seu recente *Solombra* (1963), passando por *Vaga música* (1942), *Mar absoluto* (1945), *Retrato natural* (1949), *Canções* (1956) e *Romanceiro da Inconfidência* (1953), para falarmos apenas nos principais, Cecília Meireles segue uma trilha poética toda sua, adotando desta ou daquela estética literária, aquilo que mais fundamentalmente contribuísse para o enriquecimento de sua arte, continuamente empenhada em atingir a perfeição.

É interessante notarmos que, a despeito de não seguir a linha iconoclasta do Modernismo paulista, o seu valor poético foi de imediato captado pela intuição aguçada de um dos mais revolucionários mentores do movimento: Mário de Andrade, que reconheceu desde logo que “dentro de sua grande técnica, eclética e energeticamente adequada, se move a alma principal de Cecília Meireles.” (Coelho, 1964. p.11)

Entre os anos de 1965 a 1967, permaneceu na condição de professora assistente, como docente de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo.

Figura 16 - defesa do doutorado de Nelly Novaes Coelho



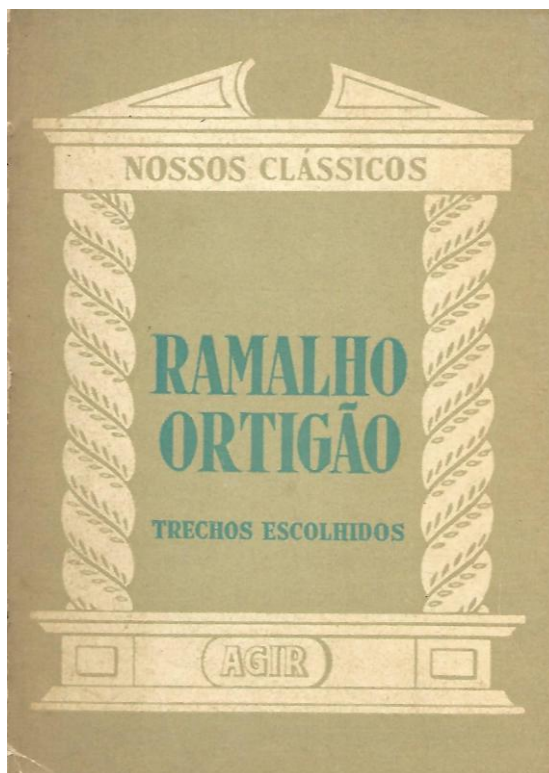
Fonte: Coelho (2008)

Estudiosa incansável da literatura portuguesa, em 1968, Nelly Novaes Coelho organizou, para a coleção Nossos Clássicos, da editora Agir, uma antologia comentada do escritor português Ramalho Ortigão, na qual destacou sua importância para a consolidação do Realismo no território lusitano.

Na introdução à obra, sinalizando Ramalho Ortigão como figura central do Realismo português, escreveu:

Realmente Ramalho foi um mestre no encontrar e aprisionar o detalhe denunciador da realidade oculta, da verdadeira significação dos gestos mais insignificantes. O mais inexpressivo dos fatos oferecia-se a ele como o desencadeador de reflexos sempre esclarecedores, no sentido de melhor conhecer os homens e a vida. (Coelho, 1968, p.17)

Figura 17 - capa do livro *Ramalho Ortigão trechos escolhidos*



Acervo pessoal

Em 1970, a convite da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ministrou o curso Cultura e Literatura Brasileira aos alunos daquela instituição.

Ainda no ano de 1970 Nelly Novaes Coelho deu a lume mais um livro de ensaios, *Três momentos poéticos*, no qual ofereceu ao leitor três estudos, o primeiro deles sobre o poeta português Bocage, intitulado “As raízes existenciais da poesia bocagiana”, ganhador do Prêmio Bocage, em 1965, oferecido pelo Ministério da Educação de Portugal, o segundo sobre o poeta santista Vicente de Carvalho, intitulado “Integração e dualismo na poesia de Vicente de Carvalho” e o terceiro sobre seu antigo mestre no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, Mário de Andrade, sob o título “A plenitude vital da poesia andradina”. Na Introdução à obra, pontuou:

Os ensaios reunidos neste volume, embora focalizem poetas tão díspares entre si (como Bocage, Vicente de Carvalho e Mário de Andrade), apresentam uma certa unidade interna, que será facilmente percebida numa simples leitura. Provém essa unidade do fato de nossa pesquisa analítica ter sido orientada, predominantemente, por duas atitudes básicas frente ao fenômeno literário. A primeira, a atitude didática (disciplinadora

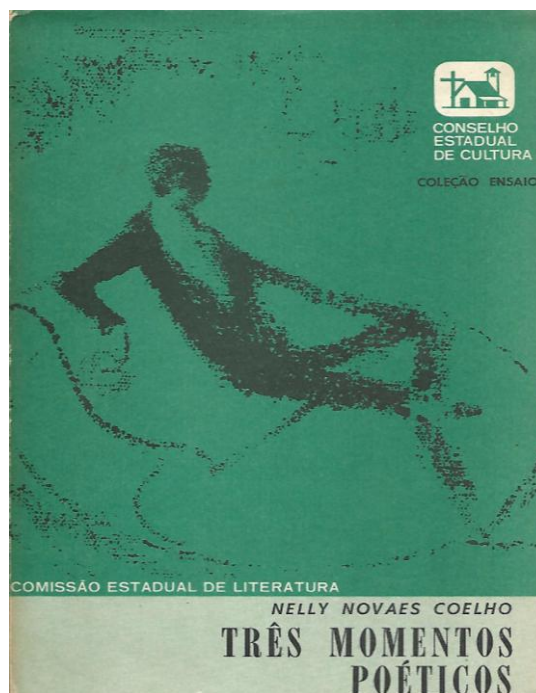
dos fatos e essências) decorrente de nossa tarefa docente; e a segunda, a atitude crítica que vê a poesia (ou a obra literária em geral) como exteriorização estética dos valores éticos que alicerçam a cosmovisão do artista.

Daí a nossa visível preocupação em analisar as soluções estéticas apontadas em cada poesia, relacionando-as não só com as coordenadas histórico-estético-culturais da época que as viu nascer; como também com os valores éticos que teriam conformado a visão do mundo de seu autor. (Coelho, 1970, p.4)

No ensaio que abre o livro, trouxe eruditos apontamentos em torno da obra de Bocage, certamente o maior nome da poesia portuguesa no século XVIII:

Transpondo os duzentos anos de distância que os separam de nós, [...] os versos de Bocage nos alcançam com toda a força do conflito interior que os gerou (a precariedade da matéria versus a imortalidade do espírito) e calam fundo em nossa alma, a despeito de todas as inabarcáveis diferenças que separam o nosso século, a nossa realidade civilizacional, daquela em que viveu o atormentado poeta. (Coelho, 1970, p.11)

Figura 18 - capa do livro *Três momentos poéticos*.



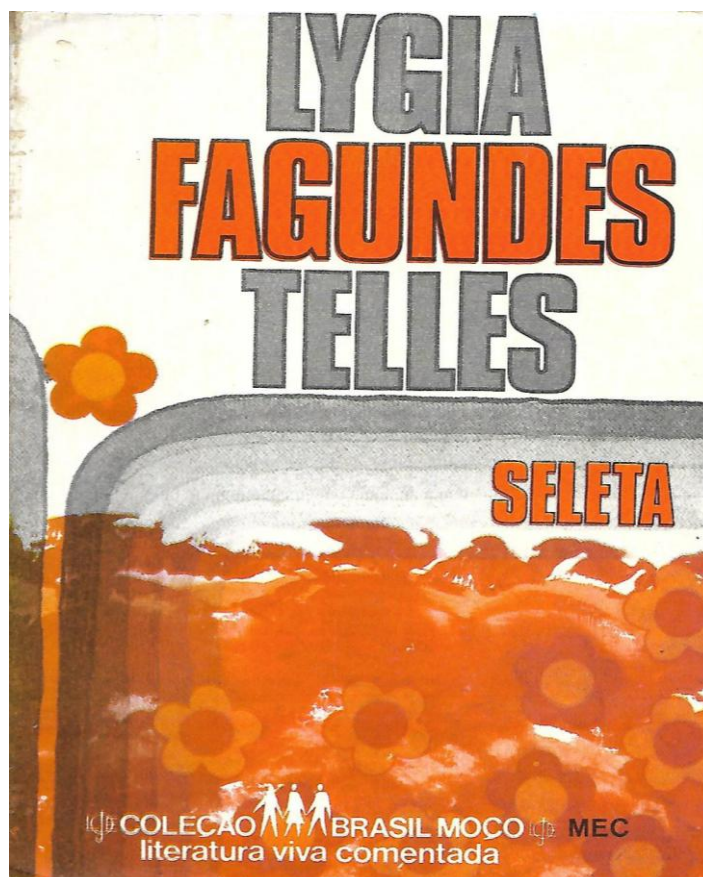
Acervo pessoal

De volta a Portugal, em 1971, realizou, na Universidade de Lisboa, seu pós-doutoramento sobre a obra do escritor português Branquinho da Fonseca.

A pedido da editora José Olympio, no ano de 1972, organizou duas coletâneas: a *Seleta em prosa e verso de Cassiano Ricardo* e a *Seleta de Lygia Fagundes Telles*. Sobre a autora do romance *Ciranda de Pedra*, tão bem observou:

Escritora que há muito ultrapassou as fronteiras nacionais, sendo traduzida no exterior com significativo sucesso, Lygia Fagundes Telles vem sendo, nos quadros da literatura brasileira contemporânea, uma das mais lúcidas, agônicas, apaixonadas e apaixonantes escritoras deste nosso mundo em crise. (Coelho, 2002, p.389)

Figura 19 - capa do livro *Lygia Fagundes Telles seleta*

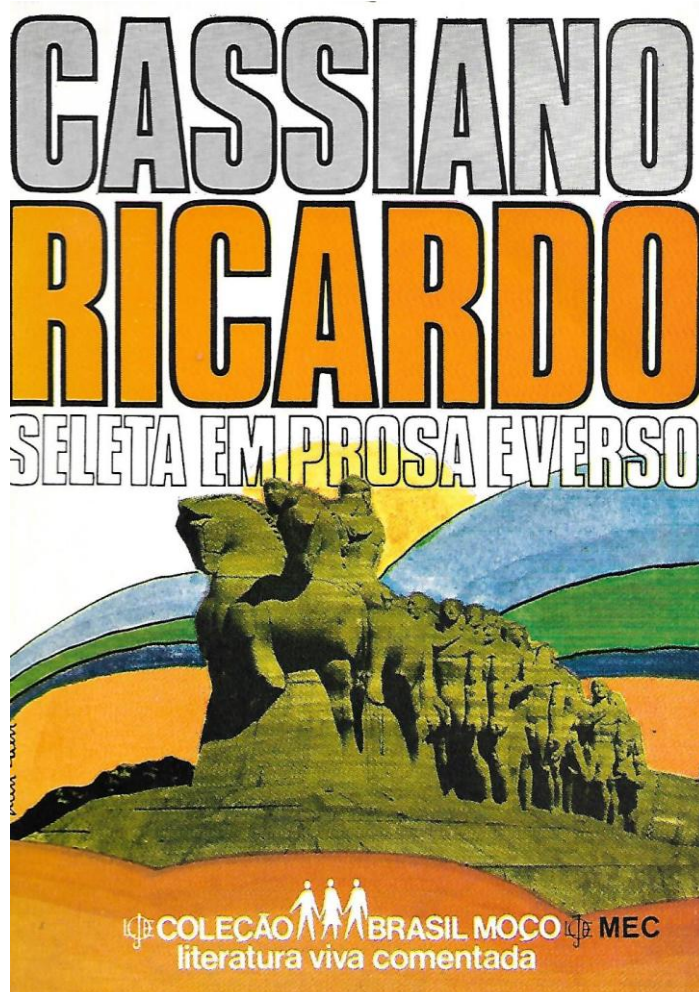


Acervo pessoal

Ao tratar da poesia de Cassiano Ricardo, que em 1971 publicara a coletânea de poemas intitulada *Os sobreviventes*, na qual questionou o tecnicismo do mundo moderno, destacou:

[...] aproximando-se do alerta lançado pela filosofia contra os perigos que espreitam o homem, a partir do momento em que o pensamento matemático, tecnicista suplantam totalmente o pensamento contemplativo ou, mais amplamente falando, o pensamento poético. (Brayner, 1979, p.277)

Figura 20 - capa do livro *Cassiano Ricardo seleta em prosa e verso*



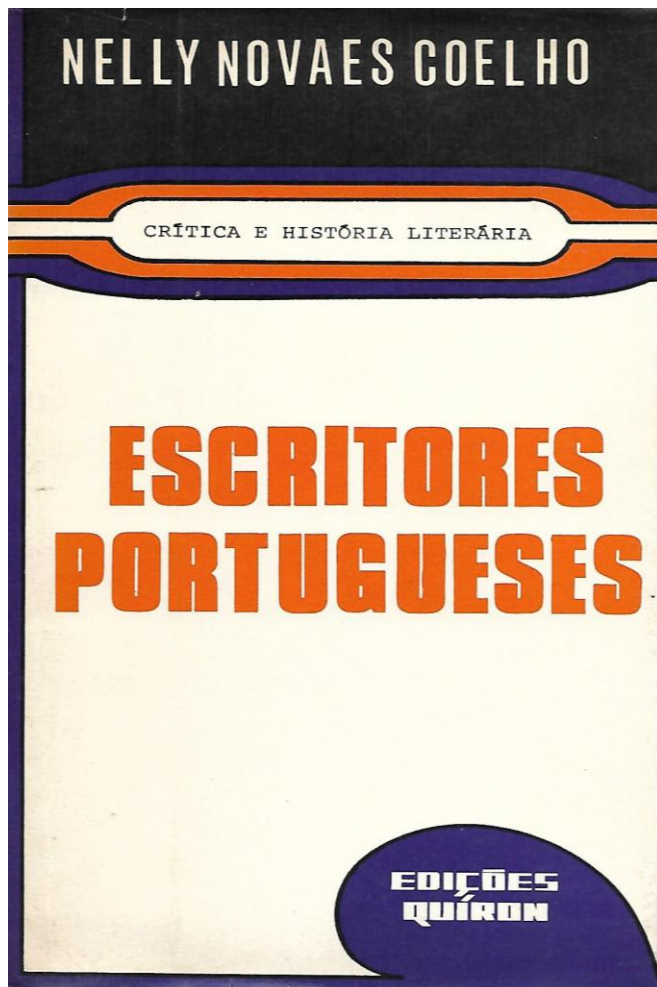
Acervo pessoal

Atenta ao processo criativo da prosa portuguesa no século XX reuniu, em 1973, num só volume, a que intitulou *Escritores portugueses*, uma série de ensaios que produzira a partir dos anos 1960, nos quais, além de Aquilino Ribeiro, sobre cuja obra se debruçara em seu doutorado, apresentou substanciosos estudos sobre Assis Esperança, Augusto Abelaira, Fernando Namora, José Cardoso Pires, Ruben A. e Vergílio Ferreira. No prefácio ao volume, explicitou:

Em todos os autores aqui selecionados encontramos, de maneira latente ou ostensiva, as dramáticas consequências que a perda da antiga imagem de mundo veio acarretar ao artista. A literatura tradicional alimentava-se espontaneamente da visão global do mundo que as ideologias vigentes ofereciam em cada momento da história. Porém, a partir do momento em que as ideologias vigentes naufragam e se dá a fragmentação que C. P. Snow chamou de “cisão das duas criaturas” (=a cisão entre ciência e arte), a interpretação científica do mundo põe em questão a legitimidade da visão poética, sempre ligada profundamente à visão metafísica. Nesse momento, uma pergunta angustiada ou perplexa se coloca para o escritor: se

somente a linguagem científica pode com legitimidade dizer a verdade sobre o homem e sobre a vida, o que caberá a ele dizer? Em meio ao caos, vários caminhos são tentados... [...] (Coelho, 1973, p.12)

Figura 21 - capa do livro *Escritores portugueses*



Acervo pessoal

Três décadas mais tarde, em 2007, republicou *Escritores portugueses*, desta feita com o título *Escritores portugueses do século XX*, pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, em Lisboa, em edição bastante ampliada, em cujo prefácio atentou:

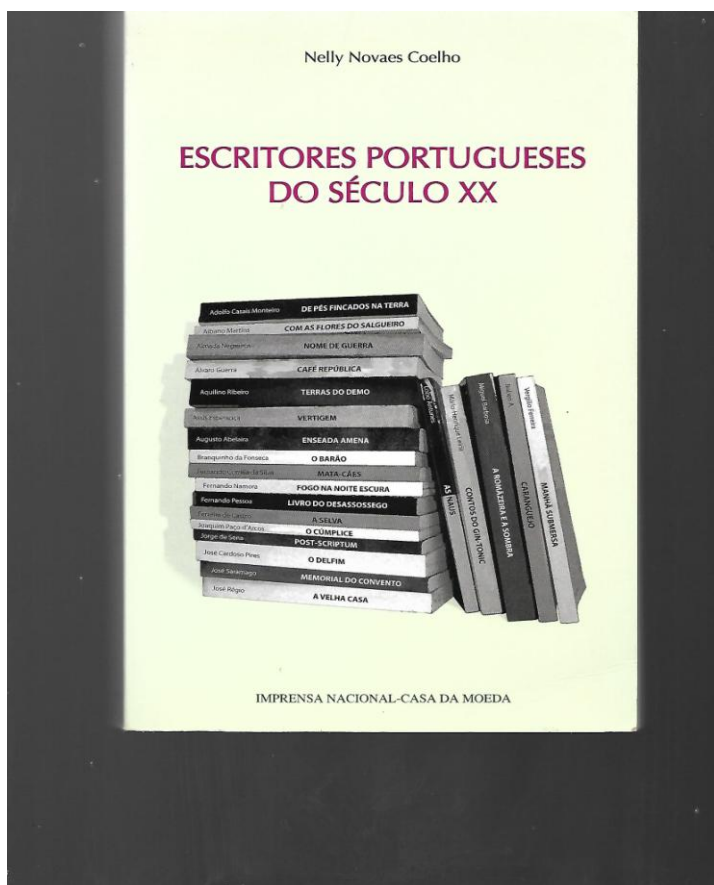
Os estudos aqui reunidos resultam de uma reformulação (ou fusão) de artigos escritos no decorrer da década 1962-1972 e divulgados na imprensa especializada do Brasil e Portugal. Ao fim desta primeira década de atividade crítica, dedicada à literatura em língua portuguesa (Portugal e Brasil), sentimos necessidade de proceder a um balanço do trabalho fragmentado que, ao longo destes anos, fomos realizando mais ou menos ao sabor das circunstâncias (ou das exigências de nossa tarefa docente, que lhe corre paralela). Desse balanço surgiu esta recolha.

Ao selecionarmos o que parecia de maior interesse para esse registro em livro, demo-nos conta de que, embora a matéria ali constante tivesse resultado das mais variadas circunstâncias (e visando a divulgação rápida

e precária de periódicos), na maioria das análises predominavam dois temas nucleares: a consciência histórica que define a literatura portuguesa e a consciência estética que a singulariza entre as demais literaturas e que revela sua profunda e vital sintonia com as mais recentes transformações da literatura ocidental.

Indo de Aquilino Ribeiro a Vergílio Ferreira (passando por Assis Esperança, Augusto Abelaira, Fernando Namora, José Cardoso Pires e Rubn A.), temos aqui alguns testemunhos da crise que o mundo contemporâneo vem vivendo desde o entre-século (XIX-XX), quando a própria imagem da condição humana (a da longa tradição cristã) se desintegra sob o impacto das conquistas científicas e o mundo mergulha no caos nos valores herdados. (Coelho, 2007, p.11)

Figura 22 - capa do livro *Escritores portugueses do século XX*



Acervo pessoal

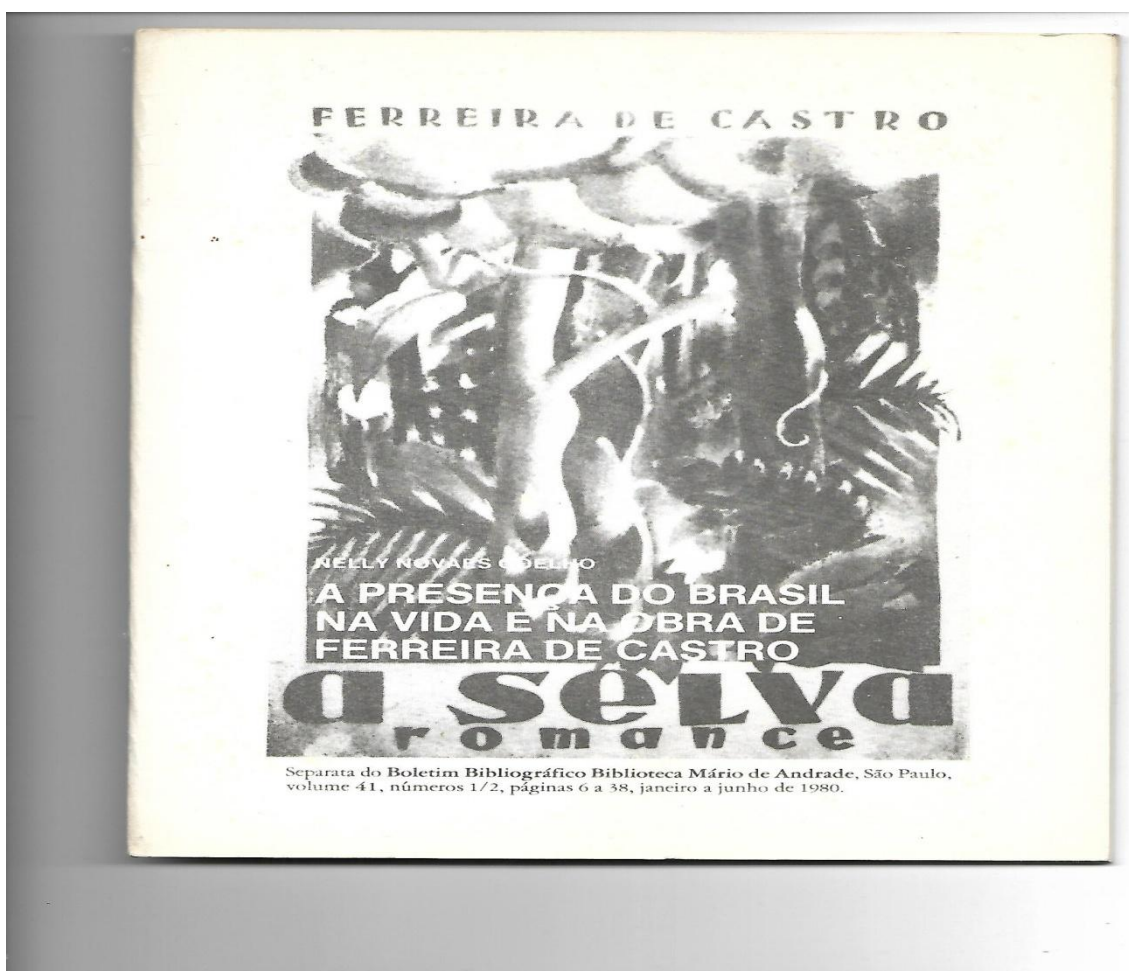
Convidada pelos editores alemães do *Léxico literário Kindler*, redigiu mais de uma dezena de verbetes sobre autores de língua portuguesa para a prestigiosa publicação em língua alemã, referência até os dias de hoje para os estudiosos de literatura.

O interesse em mergulhar na obra dos autores portugueses do século XX fez com que publicasse, em 1980, o ensaio intitulado *A presença do Brasil na vida e na*

obra de Ferreira de Castro, autor extremamente popular no Brasil e em Portugal, entre as décadas de 1930 e 1960. Captando a essência do pensamento de Ferreira de Castro, observou:

Seu espontâneo interesse pelos caminhos não trilhados, sua atração pelo que ainda é mistério ou desconhecido nas terras e nos homens, sem se deter diante das dificuldades, tem nas raízes aquele espírito renascentista que levou os portugueses a alargarem os horizontes do mundo. Espírito que pode parecer de pura aventura ou de pura ambição, mas que, no fundo, se identifica com um interesse visceral por tudo quanto diz respeito ao homem: o espaço que o situa e que ele pode dominar; os outros com quem ele convive ou que ainda lhe são desconhecidos; o tempo que corre célere, alterando seres e coisas e que, por isso, não pode ser desperdiçado...Daí a vontade obstinada que caracteriza o português ao se atirar ao trabalho, onde quer que este lhe acene, com possibilidades maiores de realização" (Coelho, 1980, p.9)

Figura 23 - capa do livro *A presença do Brasil na vida e na obra de Ferreira de Castro*



No ano de 1979, na condição de professora convidada pela Universidade da Califórnia (UCLA), em Los Angeles, ministrou, em nível de pós-graduação, as disciplinas intituladas A Literatura Brasileira no Século XIX e suas Variantes Ideológicas e A Ficção e o Ensaio Crítico no Brasil Atual.

Dois anos antes, em 1977, Nelly havia se tornado professora livre docente pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ao apresentar a tese intitulada “A dimensão mítica da ficção de Branquinho da Fonseca.

Em 1981, tornou-se professora adjunta da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde, quatro anos tarde, em 1985, por concurso público, tornou-se professora titular de Literatura Portuguesa.

No decorrer de sua permanência na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, em mais de cinco décadas, lecionou, além de Literatura Portuguesa, as seguintes disciplinas: Literatura Feminina em Portugal – Consciência Histórica e Experimentalismo; Literatura Infantil e Juvenil Brasileira Contemporânea; Literatura Feminina no Brasil e em Portugal – Tradição e Transgressão; Ficção Portuguesa Contemporânea – do Neo-Realismo ao Experimentalismo; Literatura Infantil e Juvenil Portuguesa.

O ano de 1980, certamente dos mais importantes em sua carreira docente, foi marcado pela criação, na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, do curso de Literatura Infantil e Juvenil, após árida oposição de muitos de seus pares no universo acadêmico, desconhecedores da importância dos estudos superiores das manifestações literárias para crianças e jovens.

[...] meados dos anos 1970, que me telefonaram um dia convidando para uma reunião, pois seria fundado um centro de estudos de literatura infantil e juvenil e eu fiquei meio chateada: “Ih, meu Deus, o que é que eu vou fazer com literatura infantil! [...] a reunião era na casa da Madame Dupré. Pronto, a Madame Dupré é a culpada de eu ter ido a essa reunião e de eu ter entrado na literatura infantil. Porque, quando falaram em Madame Dupré – eu adorava os livros dela – [...] era uma oportunidade de eu conhecê-la pessoalmente. [...] Na casa da Madame Dupré foi quando eu conheci eu conheci Lenir Fracaroli, que era uma mulher fantástica, de uma atividade, realmente um dínamo [...] foi quem criou a Biblioteca Monteiro Lobato, ela conseguia verba do governo para fazer isso, fazer aquilo; a Odete Barros Mott, que foi uma das fundadoras do Centro de Estudos de Literatura Infantil Juvenil e várias outras pessoas [...] (Coelho, 2008, p.)

Cabe aqui mencionar a importância que teve na propagação da literatura infantil e juvenil em nosso país o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (CELIJU) do qual Nelly Novaes Coelho, em janeiro de 1973, foi uma das fundadoras. Seu objetivo primordial era a promoção do estudo e o desenvolvimento da literatura infantil e juvenil. Na ata de fundação, datada de 17 de janeiro de 1973, estavam delineadas suas nove metas norteadoras:

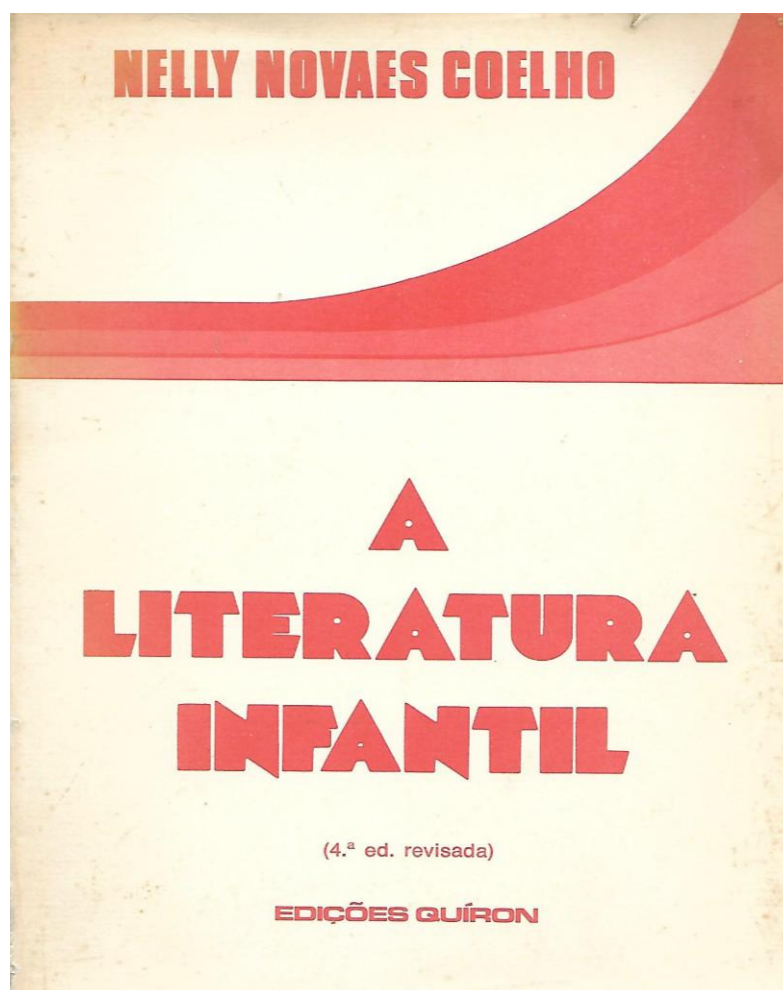
- I- A efetivação, no ensino, da cadeira de Literatura Infantil e Juvenil;
- II- A capacitação específica dos interessados no tema;
- III- O apuramento da técnica e qualidade literária do livro infantil e do juvenil;
- IV- O empreendimento de palestras, conferências e debates sobre o assunto;
- V- O estabelecimento de intercâmbio com entidades congêneres, nacionais e internacionais;
- VI- A propugnação, por adequada orientação da leitura, por crianças e jovens;
- VII- A promoção da divulgação de autores e de livros infantis e juvenis por todos os meios de divulgação;
- VIII-A instituição de cursos para incentivo e descoberta de novos autores;
- IX- A manutenção do contato permanente com editores, livreiros, distribuidores de livros infantis e juvenis para expansão destes e seu aprimoramento gráfico. (CELIJU, 1973)

Absorvida, a partir da fundação Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (CELIJU), pelos estudos da produção literária para crianças e jovens em nosso país, em 1981, Nelly Novaes Coelho publicou *Literatura infantil – história – teoria – análise*, trabalho que viria a se tornar a principal referência em sua área. Na “Introdução” ao volume, sintetizou seus objetivos ao escrevê-lo:

[...] neste livro, nossa preocupação com a iniciação lúdica do pré-leitor no mundo da literatura, através dos livros de imagens sem texto, que propiciam ocasiões adequadas para a nomeação do mundo, caminho aberto para a descoberta da palavra em seu valor básico de representação do real.

A formação do pequeno leitor deve começar bem cedo e prosseguir em gradativo aprofundamento até o final de seu ciclo de estudo, na escola,. Disso depende que o seu convívio essencial com o livro possa continuar fecundo pela vida a fora. Daí a atual preocupação dos estudiosos e organismos educacionais com a literatura infantil. (Coelho, 1987, p.12)

Figura 24 - capa do livro *A literatura infantil*

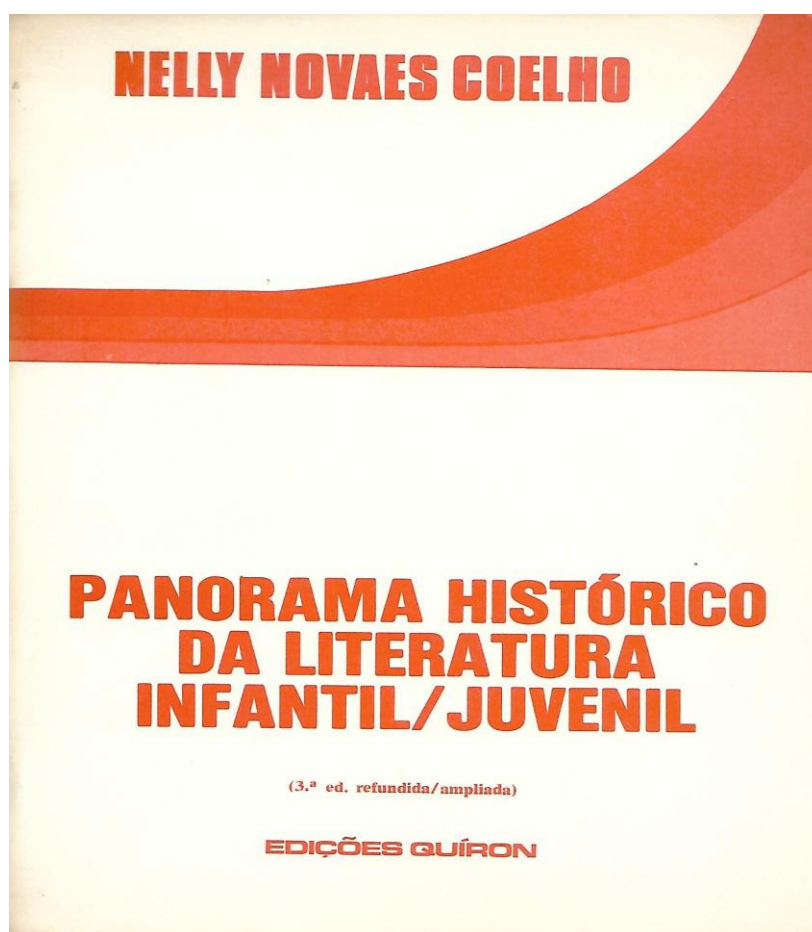


Acervo pessoal

Em 1983, foi lançado o *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil – das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*, no qual realizou admirável apanhado histórico da evolução da literatura infantil desde o Velho Continente até os anos 1980, em nosso país. Na “Introdução”, explicou:

Neste volume, [...] procuramos rastrear a gênese e a evolução da literatura infantil, desde suas origens populares indoeuropéias até o Brasil contemporâneo. Nesse rastreamento preocupamo-nos principalmente com os dados histórico-culturais que, direta ou indiretamente, atuaram (e atuam...) na criação literária (destinada a crianças ou aos adultos) influenciando na escolha e tratamento de seus temas, assuntos, problemáticas, linguagem, estilo, estrutura narrativa, etc. (Coelho, 1983, p.11)

Figura 25 - capa do livro *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*



Acervo pessoal

Conforme disse Nelly na apresentação da quarta edição de seu *Dicionário crítico de literatura infantil/juvenil brasileira*:

Descoberta em nosso século, como uma espécie de ponto de convergência de diferentes áreas do conhecimento e da arte, a literatura para crianças tornou-se uma das matérias-chave para estudiosos ou profissionais de vários campos de atuação: Literatura, Arte-Illustração, Educação, Pedagogia, Didática, Psicologia, Sociologia, Política, Antropologia, Comunicação e seus multimeios, etc. (Coelho, 2006, p.7)

Aos que ainda insistiam em apequenar a importância dos estudos da literatura infantil e juvenil, na mesma apresentação declarou:

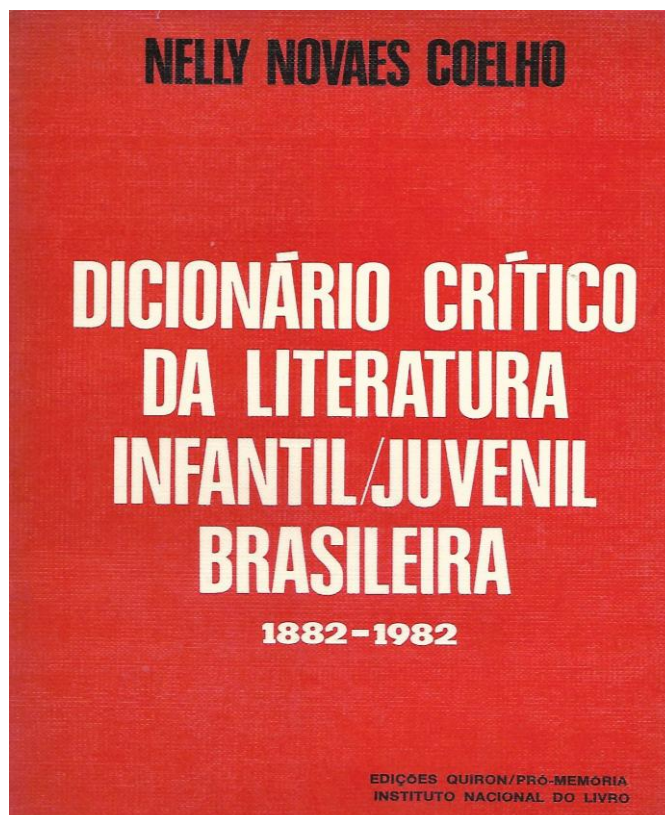
Fenômeno literário aparentemente pueril (e tradicionalmente minimizado como gênero menor), a Literatura Infantil é entendida, hoje, como algo fundamental no processo de formação/transformação da criança e do adolescente. Daí que nestes últimos anos ela tenha assumido uma importância que ultrapassa sua dimensão meramente recreativa ou estética, para se impor como um setor essencial da cultura. (Coelho, 2006, p.7)

Sobre o *Dicionário crítico de literatura infantil/juvenil brasileira*, cuja primeira edição veio a lume em 1983, trata-se de uma obra definitiva para aqueles que se debruçam, até nossos dias, sobre nossa trajetória literária para o público jovem. Desde então, o *Dicionário* acumulou diversas edições, atualizadas pela professora Nelly até 2006, sendo a maior referência em sua área de estudos. Com mais de 1300 páginas, abordando mais de quatro mil livros e 750 autores, é uma prova da capacidade ímpar de trabalho da professora Nelly Novaes Coelho, porquanto redigiu sozinha uma obra que, a princípio, exigiria uma equipe.

Na apresentação à primeira edição de seu *Dicionário crítico de literatura infantil/juvenil brasileira*, foi Nelly quem destacou a envergadura de seu trabalho:

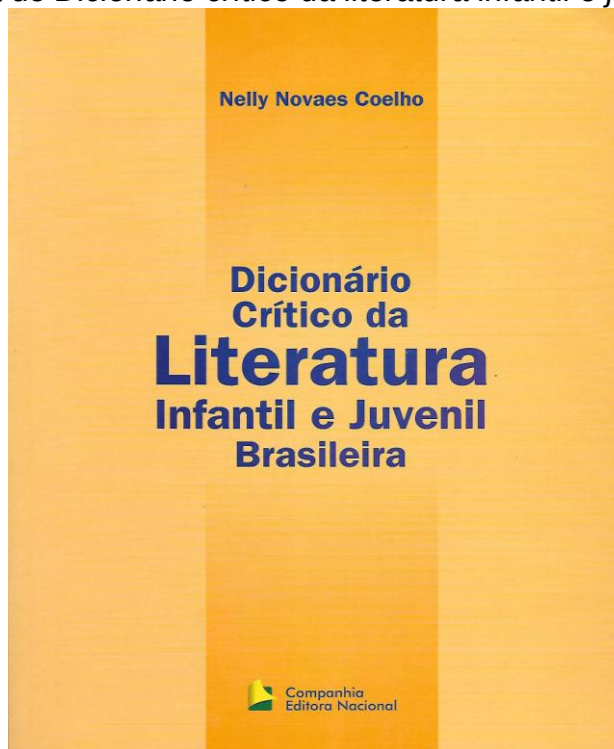
Fruto de trabalho individual (quando a extensa e profusa matéria em causa exigia trabalho de equipe), este dicionário apresentará óbvias lacunas: fenômenos, fatos, autores ou livros que nos passaram despercebidos ou que percebemos mal. Lacunas, cujo risco decidimos assumir por acreditarmos que quem trabalha com o contemporâneo, isto é, com o fenômeno em curso, com a vida em processo, ou aceita o risco do erro ou desiste. Aceitamos o risco; esperando apenas que o saldo positivo seja maior do que o negativo. (Coelho, 1983, p.9)

Figura 26 - capa do *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira 1882-1982*



Acervo pessoal

Figura 27 – capa do *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*



Acervo pessoal

Sua impressionante capacidade de desdobrar-se em múltiplas atividades permitiu que colaborasse, a partir dos anos 1950, com diversos jornais, nacionais e estrangeiros, como *O Estado de S. Paulo* (SP), *Folha da Tarde* (SP), *Jornal da Tarde* (SP), *O Escritor* (SP), *Leia Livros* (SP), *A Tribuna de Santos* (SP), *Diário do Grande ABC* (SP), *Jornal do Brasil* (RJ), *Jornal de Letras* (RJ), *Gazeta do Povo* (PR), *Jornal de Santa Catarina* (SC), *Correio das Artes* (PB), *Suplemento Literário* (MG), *Diário da Manhã* (GO), *Folha de Goiás* (GO), *O Popular* (GO), *Diário de Brasília* (DF), *Diário de Pernambuco* (PE), *Diário do Nordeste* (CE), *O Correio do Povo* (RS), *A Capital* (Lisboa), *Diário de Notícias* (Lisboa), *O Século* (Lisboa), *Comércio do Porto* (Porto), dentre outros tantos.

Contribuições suas também se fizeram presentes em revistas acadêmicas nacionais e estrangeiras, como a *Revista do Centro de Estudos Portugueses* (SP), *Visão* (SP), *Revista Cultura* (DF), *Revista Educação* (DF), *Revista Poesia* (SP), *Convivium* (SP), *Revista da Biblioteca Mário de Andrade* (SP), *Cultura Contemporânea* (RS), *Língua e Literatura* (RJ), *Alfa* (SP), *Cultura Contemporânea* (RS), *Letras Hoje* (PA), *Língua e Literatura* (RJ), *Colóquio Letras* (Lisboa), *A Voz da Alemanha* (Munique), *O Tempo e o Modo* (Lisboa), *Vértice* (Coimbra), *Cadernos de Literatura* (Coimbra), *Revista do Arquivo Português* (Paris), *Revista Caravelle*

(Toulouse), *La Vida Universitaria* (Cidade do México), *Explicación de Textos Literarios* (Califórnia), *Revista do Arquivo Português* (Paris), dentre outras.

Como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, pesquisou a obra do escritor Aquilino Ribeiro, tema de sua tese de doutoramento na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, conforme mencionamos acima. Nesse período, conviveu proximamente com alguns dos mais influentes nomes da literatura portuguesa daqueles idos:

[...] José Cardoso Pires, Fernando Namora ficou um amigão, Rubem A., Augusto Abelaira [...] eu tive o privilégio de ser amiga desse pessoal, ouvir as polêmicas [...] tinha o café onde ficava Fernando Pessoa, que até puserem lá uma estátua dele [...] eu sabia que se eu fosse cinco e pouco, seis horas, eu encontraria o grupo [...] Eu ia e ficava tomando café [...] eu me divertia muito [...] uma noite nós estávamos no café, na Brasileira, e numa roda grande, eu disse ao Abelaira: “Não entendo como vocês, estando numa ditadura como a de Salazar, brigam tanto entre si, em vez de se unirem” [...] Augusto Abelaira fumava cachimbo, então tirou o cachimbo da boca e disse: “Se não fizéssemos isso, estávamos todos mortos, temos que brigar uns com os outros”. [...] na casa do Abelaira [...] ele mostrou um saco plástico, onde tinha um pijama, trouxa de roupa, escova de dentes, pasta, enfim, os primeiros elementos de higiene. (Coelho, 2008)

Sobre a ditadura salazarista, cuja duração se estendeu por mais de meio século, lucidamente observou:

[...] final dos anos 1920, o Salazar foi eleito primeiro ministro, depois acabou ficando ditador [...] a entrada de Salazar foi saudada por todos, Gaspar Simões, José Régio, o pessoal da revista *Presença*. [...] ele veio tirar Portugal de uma crise muito grande, o problema é que [...] ele ficou para sempre. (Coelho, 2008)

Ainda sobre sua relação estreita com Portugal e sua literatura, Nelly Novaes Coelho declarou: “[...] meu marido era português, mas detestava Portugal. Eu descobri Portugal sozinha, porque ele não gostava de Portugal, tanto que ele veio para o Brasil.” (COELHO, 2008)

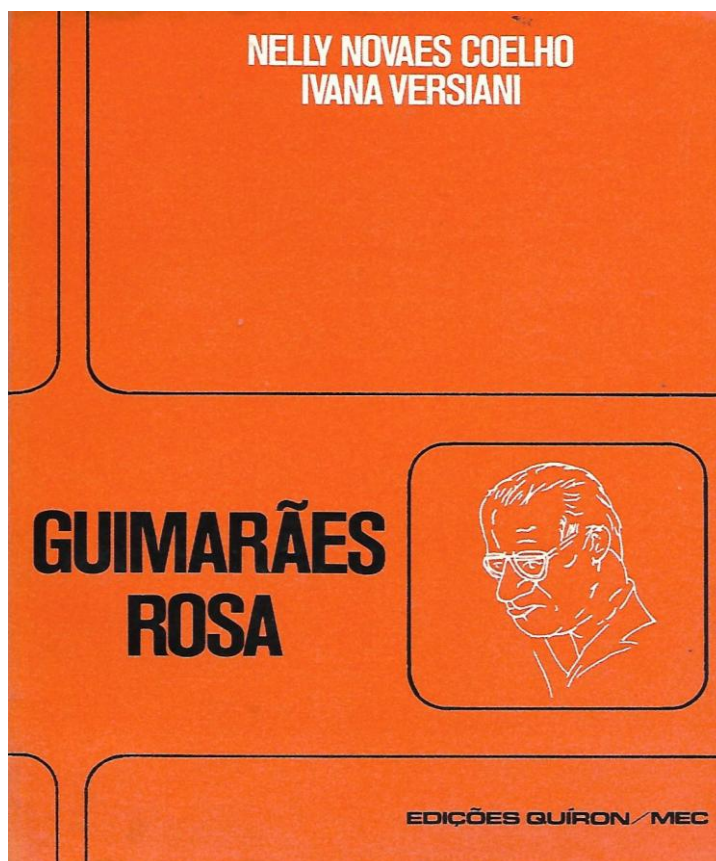
Na década de 1970, criou uma editora, as Edições Quíron, especializada em literatura e crítica literária, cujo catálogo passou de uma centena de títulos, revelando autores nacionais e estrangeiros, como Hilda Hilst, E. M. de Melo Castro, Miroel Silveira, Gilberto Mendonça Teles, Temístocles Linhares, Nereu Corrêa e Fábio Lucas, sobre a qual disse: “A editora, caiu no colo também, as Edições Quíron, era de um amigo de meu marido [...] Seu Floriano Durão veio para o Brasil e resolveu montar um editora, me convidando para dar alguns palpites, inclusive o

nome [...]” (COELHO, 2008)

Foi pelas Edições Quíron que publicou outro trabalho seu, escrito em parceria com a professora mineira Ivana Versiani, sobre a obra de João Guimarães Rosa, que descobrira assim que lera a coletânea de contos *Sagarana*, publicada em 1946. No primeiro capítulo de seu estudo sobre o autor de *Grande sertão veredas*, destacou:

No marco divisor de águas que foi o ano de 46, Guimarães Rosa surge realmente como uma presença definitiva: como o primeiro entre os brasileiros que logrou captar o mundo regional através de um prisma universal. E tão aparentemente virgem de ligações estéticas nascia a ficção rosiana que foi apontada como uma ilha literária em nossas letras. Entretanto, a verdade é que nada surge do nada, e a essência de que ela veio impregnada foi, sem dúvida, preparada por um longo processo de maturação. Foi condicionada pela mesma atmosfera que daí por diante se iria delineando nos novos caminhos de nossa literatura. (Coelho, 1975, p.3)

Figura 28 - capa do livro *Guimarães Rosa*



Acervo pessoal

Um dos primeiros livros que publicou pelas Edições Quíron foi um ensaio sobre a obra de Clarice Lispector, nome que àquela altura estava consolidado em nossas letras e era cada vez mais observado pela crítica, escrito pelo professor paraense Benedito Nunes:

[...] eu precisava de uma fotografia da Clarice e eu ia ao Rio, eu ia sempre ao Rio, à editora José Olympio, porque tinham os almoços para os escritores [...] eu disse: “Vocês me dão o endereço e o telefone da Clarice Lispector, porque eu preciso falar com ela”. Me responderam: “Ih, não. A Clarice não gosta de receber ninguém....” Mas eu insiste: “Eu preciso, eu quero pedir uma foto dela, só vou entrar, pedir a foto, explicar que Benedito Nunes escreveu um ensaio [...]”. Daí eu telefonei e ela foi muito seca. Marcou às três horas da tarde. Eu cheguei ao apartamento e ela muito distante, muito composta, com o cachorrinho, o Ulisses [...] E a conversa foi e ela me contou da vida de diplomata e acabou sentando no chão, eu acabei tomando lanche com ela, depois uma sopa. Moral da história, eu saí de lá eram onze horas da noite [...] (Coelho, 2008)

Entre os anos 1971 a 1979, manteve constante colaboração numa das mais importantes revistas literárias portuguesas, a *Colóquio Letras*. Nela era responsável pela seção “Cartas do Brasil”, estabelecendo intenso diálogo entre nossa literatura e a literatura portuguesa.

Em 1983 organizou uma coletânea de contos do escritor cearense Caio Porfírio Carneiro, intitulada *10 Contos escolhidos*, na qual publicou um estudo introdutório sobre a obra do autor, intitulado “O conto de Caio Porfírio Carneiro e sua vinculação com a realidade”, uma perfeita síntese sobre a prosa regionalista moderna:

Escritor atraído pela vida que se escoa ao ritmo da natureza e ao nível do espontâneo, do rude ou do elementar, o cearense Caio Porfírio Carneiro (radicado em S.Paulo), inscreve-se na linha dos que, nos anos 50/60 para cá, vêm renovando a literatura regionalista brasileira. Renovando, no sentido de ultrapassar a concepção tradicional de regionalismo literário, que identificava, simplistamente, o regional com as peculiaridades de cada região ou então com tradições superadas, provincianas... que, um dia, o progresso urbano deveria eliminar.

Ultrapassando o registro puramente exterior das realidades regionais, a nova ficção regionalista descobre o homem e seus abismos interiores. É essa descoberta do homem, em sua vivência interior, um dos componentes essenciais da criação literária de Caio Porfírio [...] (Carneiro, 1983, p.27)

Figura 29 - capa do livro *10 contos escolhidos* Caio Porfírio Carneiro.



Acervo pessoal

Integrou a Comissão de Literatura do Conselho de Artes e Ciências Humanas da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, o Conselho Editorial do Instituto Nacional do Livro, o Conselho de Diretoria do Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (CELIJU) e o Conselho da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ). Foi também diretora da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), consultora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), integrante da Comissão Julgadora do Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, membro da União Brasileira de Escritores (UBE), do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americano, sediado na Pennsylvania/USA; da Association pour La Pensée Complexe (APC), sediada em Paris e da Fulbright Alumni Association, sediada em Washington/USA. Por fim, foi uma das fundadoras da Comisión Nacional del Centro Latinoamericano para el Desarrollo de la Inteligencia (CELADI).

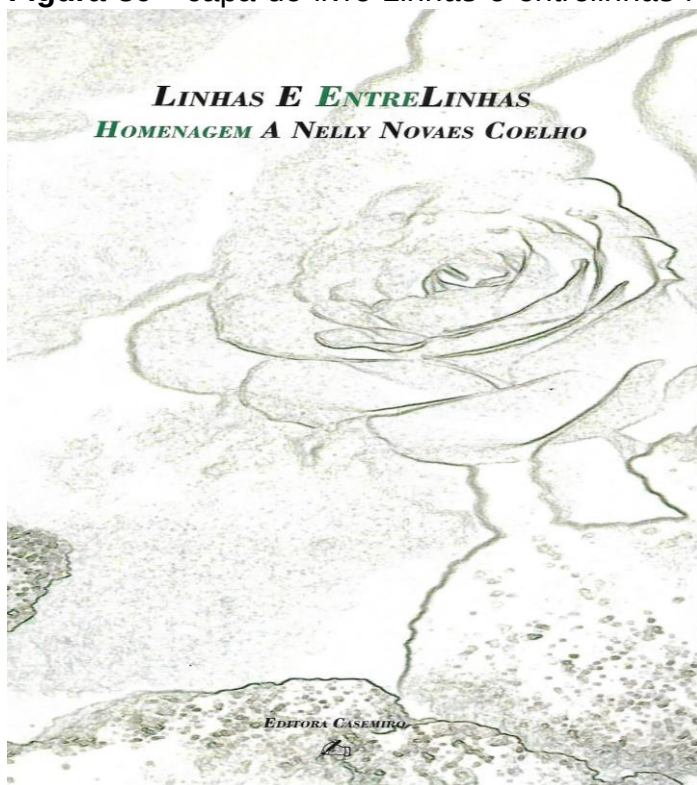
Para homenageá-la por ocasião de seus 80 anos, comemorados em 2002, colegas da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, assim como antigos

alunos tiveram a iniciativa de publicar um livro, que veio a lume no ano seguinte, intitulado *Linhas e entrelinhas – homenagem a Nelly Novaes Coelho*.

Coordenado pelas professoras Elisa Guimarães Pinto, Benilde Justo Caniato, Maria Lúcia Pimentel Sampaio Góes e Maria dos Prazeres Mendes, com apoio do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo e da Fundação Memorial da América Latina, um alentado volume, com quase 400 páginas, trouxe mais de 50 estudos em sua homenagem. Na “Apresentação” da extensa obra, coube à professora Elisa Guimarães Pinto sintetizar aquilo que certamente todos os seus alunos e admiradores subscreveriam:

Bem humorada, astral incrivelmente leve, sem afetação nem maneirismos exóticos, a professora Nelly, num mundo com tantos desafios e contradições, consegue enxergar os abismos de nosso tempo sem deixar de transpirar uma carga de otimismo, na dose de quem sabe que a vida vale a pena ser vivida. Quando sua estrela, parecendo baça, dá sinais de esmaecimento, providencia logo um novo lustro, um brilho renovado. Demonstra, no vigor de seus 80 anos, ter feito um pacto de convivência pacífica com o tempo – nem o tempo a persegue, nem ela foge dele. Cem anos que viva não chegarão, certamente, para metade que seja – das linhas e das entrelinhas. (Guimarães, 2003, p.11)

Figura 30 - capa do livro *Linhas e entrelinhas homenagem a Nelly Novaes Coelho*.



Acervo pessoal

Do início dos anos 2000, é outra obra fundamental de Nelly, *O conto de fadas - símbolos, mitos, arquétipos*, um fecundo estudo da tradição das histórias de fadas, acompanhado de análises das obras de Esopo, Perrault, La Fontaine, Grimm, Andersen, entre outros.

No estudo sobre a tradição dos contos de fadas, Nelly Novaes Coelho destacou uma espécie de volta, naquele início de milênio, às tradições do maravilhoso na literatura, o quanto essa literatura maravilhosa é fonte de conhecimento humano e do seu lugar no mundo. Verdadeiro apanhado histórico e analítico dos grandes nomes fundadores da literatura fantástica, *O conto de fadas – símbolos – mitos – arquétipos*, segundo disse em sua apresentação a escritora Tatiana Belinky:

[...] Neste livro imprescindível, Nelly procura e consegue esclarecer e aproximar o felizardo leitor da sua apaixonante temática: a palavra, o livro, a leitura, a poesia, a emoção, a esperança, a justiça e tanta coisa mais na sua vasta reserva de preciosas informações, fontes de pesquisas e verdadeiras iluminações, sobre – com perdão da óbvia metáfora – a Fênix, sempre rediviva, em todas as épocas e quadrantes, do pequeno mundo: o conto de fadas (que está de volta!)

Viva ele!

E obrigada, Nelly! (Coelho, 2008, p.12)

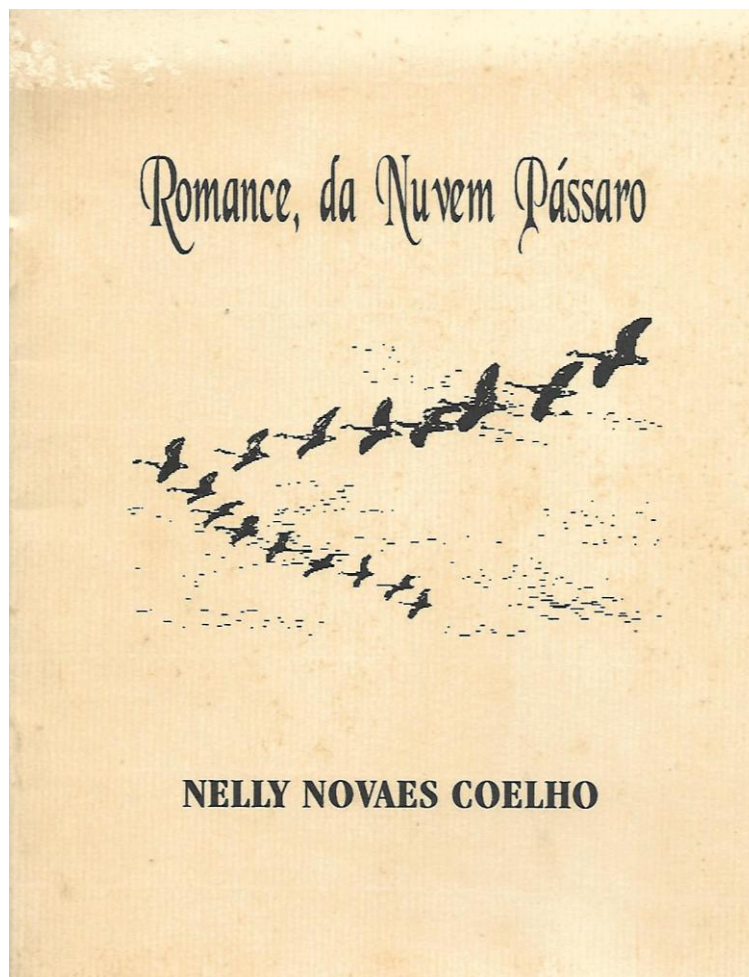
Figura 31 - capa do livro *O conto de fadas símbolos - mitos - arquétipos*



Em edição fora do comércio publicou, no ano de 2000, na cidade de Fortaleza, o opúsculo *Romance, da nuvem pássaro*, em torno da obra de Francisco Carvalho, poeta popular cearense, sobre quem escreveu:

[...] em linguagem lógica, trata-se aqui da eleição da própria poesia popular-folclórica como objeto do “romance” de cordel que os cantadores levam ao povo, nas feiras ou festejos públicos. Portanto, metaforicamente, o poeta anuncia que pretende cantar a poesia, não como ideal absoluto, mas como a que se alimenta da própria vida, arraigada no húus ancestral, - a matéria folclórica, impregnada de maravilhoso e de uma funda sabedoria prática de vida. (Coelho, 2000, p.17)

Figura 32 - capa do livro *Romance, da nuvem pássaro*



Acervo pessoal

Na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, orientou quase uma centena de dissertações de mestrado e teses de doutorado, a última delas, no ano de 2012, quando já chegara aos 90 anos de vida.

Reconhecida pela crítica especializada, foi laureada, assim que começou a publicar seus trabalhos, com Prêmio Crítica, do então Ministério da Educação e Cultura, nos anos 1960. No mesmo período, recebeu da Prefeitura de São Paulo, por duas vezes, o 1º Prêmio de Jornalismo.

Em Portugal, por seu ensaio “Raízes existenciais da poesia bocageana”, mereceu o importante Prêmio Bocage, oferecido pelo Ministério da Educação daquele país.

No ano de 1975, foi laureada com o prestigioso Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria crítica literária, por seu livro *Literatura e linguagem – a obra literária e a expressão linguística* que, desde então, teve sucessivas reedições, tornando-se um clássico para os estudantes de Letras.

Nas orelhas de *Literatura e linguagem – a obra literária e a expressão linguística* expôs, de forma clara, seus objetivos ao escrever aquele trabalho:

Destinado aos estudantes ou interessados na área de Letras e outras afins (Educação, Biblioteconomia, Curso de Formação para o Magistério e Cursos preparatórios para ingresso em Faculdades), este livro propõe uma leitura global do fenômeno literário, a partir de diferentes perspectivas que se inter-relacionam: Língua/Linguagem, Arte/Literatura, Gêneros Literários, Movimentos e Estilos Literários, analisados através do tempo, desde a Antiguidade Clássica até os recentes anos 70, - limiar da Pós-Modernidade. (Coelho, 1993)

Ainda no esclarecedor texto que aparece nas orelhas de *Literatura e linguagem* complementou:

Nesta época de crise de paradigmas, de falência das ideologias e de saturação da imagem (via multimeios de comunicação), urge que o jovem se descubra como importante elo da longa corrente da vida e encontre o seu verdadeiro lugar neste mundo em acelerada transformação. Um dos caminhos mais fecundos para esse encontro é o da Literatura que, através dos tempos, vem transformando em Palavra a longa jornada do homem no mundo; mostrando que a vida é um contínuo aprendizado e que a criação literária é um grande laboratório onde o autêntico conhecimento da vida se processa. (Coelho, 1994)

Sobre as linhas norteadoras de *Literatura e linguagem*, resumiu:

Toda a matéria recolhida neste livro obedeceu a duas ideias mestras:

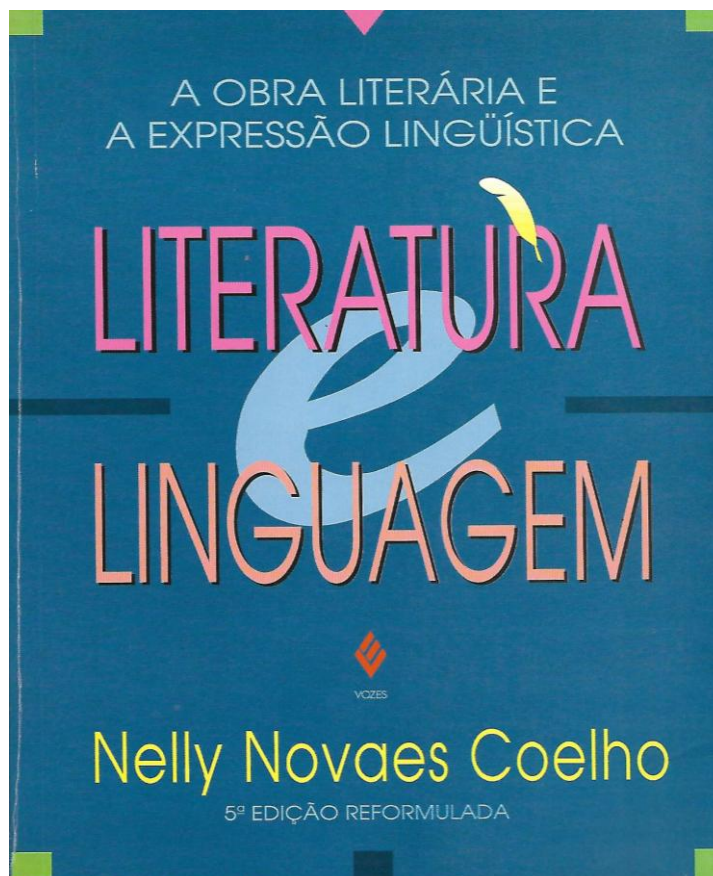
1.”...a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade, não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. “O idioma é a única porta aberta para o infinito...”(Guimarães Rosa in depoimento ao crítico alemão Gunther Lorenz)

2.”A Arte e a Vida fecham um círculo entre si. A literatura tem sido a forma última de expressão de tudo o que mais importa ao homem. Espécie de

ponto de convergência, não apenas da vida, mas de todas as outras formas de cultura, as artes incluídas.”(Vergílio Ferreira, romancista português, in *Um escritor apresenta-se*)

3. Em última análise, este livro pretende tornar acessível aos jovens leitores a ideia de que a Literatura não é mero entretenimento, mas sim uma das mais altas expressões do homem em face do tempo e do mundo em que vive e, no qual, ele dever atuar para transformar... (Coelho, 1993)

Figura 33 - capa do livro *Literatura e linguagem*



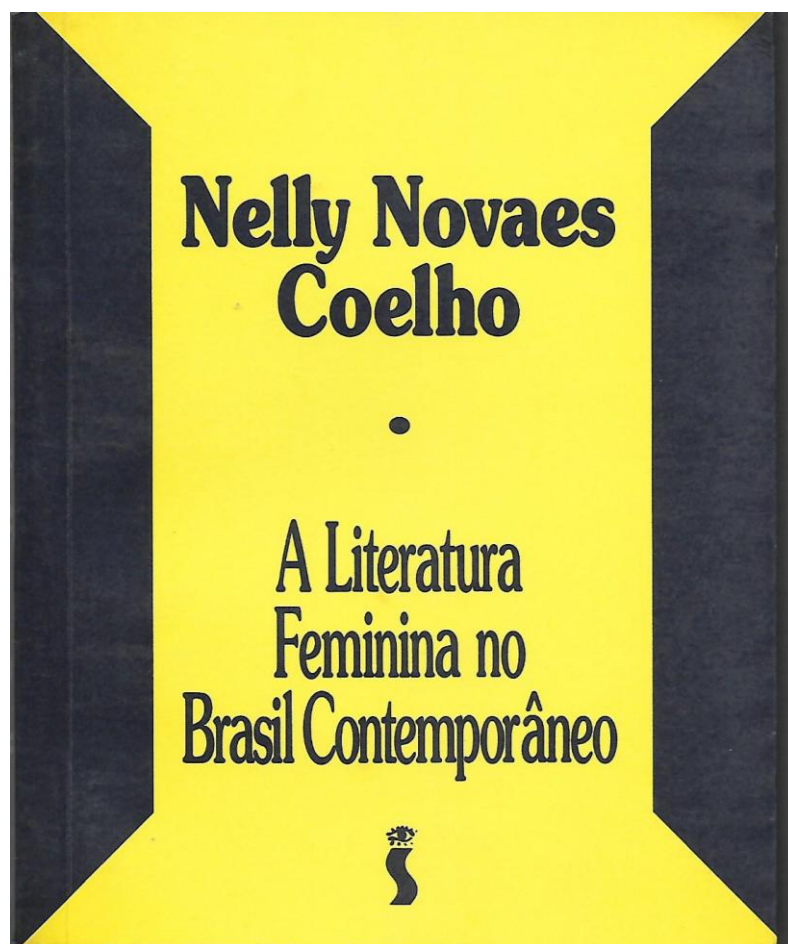
Acervo pessoal

Como vinha se debruçando há muitos anos sobre a produção literária feminina brasileira, no ano de 1993 reuniu, em alentado volume, a que intitulou *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*, 31 ensaios sobre poetas e prosadoras nacionais, abarcando nomes como os de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft, Nélida Pinõn, Rachel de Queiroz, Hilda Hilst, Adélia Prado, Stella Leonardos e Julieta de Godoy Ladeira. Logo a introdução ao volume, reiterando a limpidez de seu pensamento e escrita, ressaltou:

Entre os fenômenos mais significativos deste último quarto de século, no âmbito da literatura e da crítica, está, sem dúvida, o crescente interesse que desde os anos 70 vem despertando não só a produção literária das mulheres, mas também a de literatura infantil juvenil e da negritude. Muito mais que simples moda, esse triplo interesse arraiga em um fenômeno cultural mais amplo: a inegável emergência do diferente; das vozes divergentes; a descoberta da alteridade ou do outro, via de regra, sufocadas ou oprimidas pelo sistema de valores dominantes.

Já não há dúvida de que na base das mudanças, que dia a dia alteram o mundo herdado do passado, está a gravidade e crescente mudança dos conceitos que definiam, social, econômica e politicamente, as figuras da mulher, da criança, do jovem e das chamadas raças “inferiores” (as que, escravizadas pelo “branco/progressista” ajudaram na construção desta nossa esplêndida/absurda civilização do progresso, agora em plena fase de troca de pele...). (Coelho, 1993, p.11)

Figura 34 - capa do livro *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*



Acervo pessoal

Sua preocupação com a literatura produzida pelas mulheres ia além das fronteiras do Brasil, uma vez que, no ano de 2002, iniciou um ambicioso projeto que deveria resultar no livro intitulado *Escritoras de Portugal – roteiro crítico desde a Idade Média até o final do século XX*.

Em julho de 1999, em esclarecedor artigo a que intitulou “O discurso em crise na literatura feminina portuguesa”, publicado na revista portuguesa *Via Atlântica*, ao discorrer sobre a grande representatividade feminina nas letras portuguesas contemporâneas, ponderou:

É nos anos 60 (chamados “dourados” por toda uma geração que passou a viver desordenadamente a “liberdade de escolha”) que, em Portugal como nos demais países, novos escritores se entregam ao experimentalismo da forma, para problematizar a história, o homem ou seu estar no mundo, a possível/impossível liberdade de ser, etc. [...]
Cresce o número de mulheres escritoras. Jovens universitárias (poetas ou ficcionistas), que estreiam nessa época, hoje (1999) já respondem por uma obra madura integrada nos quadros da Literatura Portuguesa. Entre as poetisas: Ana Hatherly, Maria Alberta Ménêres, Maria Tereza Horta, Salette Tavares, Fia Hasse Pais Brandão. Entre as ficcionistas (muitas delas também poetisas), destacamos Ana Hatherly (*O mestre*, 1963). Maria Gabriela Llansol (*Os pregos na relva*, 1962), Eduarda Dionísio (*Comente o seguinte texto*, 1972), Maria Tereza Horta (*Ambas as mãos sobre o corpo*, 1970), Maria Velho da Costa (*Maina Mendes*, 1968), Maria Isabel Barreno (*Os outros legítimos superiores*, 1970) e outras. (Coelho, 1999, p. 126)

Tanto no Brasil, quanto em várias partes do mundo, participou de um sem número de congressos e simpósios, em muitas delas atuando como professora convidada, a destacar: University of Califórnia, University of Pittsburgh, University of Indiana, Universidade de Lisboa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Acre, Universidade Estadual Paulista e Universidade de Campinas.

Em sua vasta bibliografia, publicada no decorrer de quase cinco décadas, destacamos:

- Tempo solidão e morte, 1964;
- O ensino da literatura, 1966;
- Ramalho Ortigão – trechos escolhidos, 1968;
- Três momentos poéticos – Cecília Meireles, Bocage e António Nobre, 1970;
- Mário de Andrade e a jovem geração, 1970;
- Carlos Nejar e a geração de 60, 1971;
- Escritores portugueses, 1972;
- Lygia Fagundes Telles – seleta, 1972;

- Cassiano Ricardo – seleta em verso e prosa, 1972;
- Aquilino Ribeiro, 1973;
- Literatura e linguagem – a obra literária e a expressão linguística, 1974;
- Guimarães Rosa, 1975;
- A literatura infantil – teoria, análise, didática, 1981;
- Dicionário Crítico de literatura infantil/juvenil, 1983;
- 10 Contos escolhidos de Caio Porfírio Carneiro, 1983;
- Panorama histórico da literatura infantil/juvenil, 1983;
- A literatura feminina no Brasil, 1993;
- Literatura – arte, conhecimento e vida, 2000;
- Romance, da nuvem pássaro, 2000;
- Erotismo maldição misticismo em José Alcides Pinto, 2001;
- Dicionário crítico de escritoras brasileiras, 2002;
- O conto de fadas – símbolos, mitos, arquétipos, 2003;
- Escritores portugueses do século XX, 2007;
- Escritores brasileiros do século XX, 2013.

Em mais de duas dezenas de obras coletivas, marcou sua presença, com destaque para:

- *Obra poética Fernando Pessoa* (org. Maria Aliete Galhoz), 1972;
- *Grande dicionário de literatura portuguesa e teoria literária* (org. João Cochofel), 1977;
- *O conto da mulher brasileira* (org. de Edla Van Steen), 1978;
- *José Geraldo Vieira no 40º ano de sua ficção* (org. Maria de Lourdes Teixeira), 1979;
- *Cassiano Ricardo – fortuna crítica* (org. Sônia Brayner), 1979;
- *Memorian a Ruben Andresen Leitão* (org. Sophia de Mello Brayner Andresen), 1981;
- *Guimarães Rosa – fortuna crítica* (org. Eduardo Faria Coutinho), 1983;
- *10 contos escolhidos de Caio Porfírio Carneiro* (com sua organização), 1983;
- *Carlos Nejar – poeta e pensador* (org. Giovanni Pontieri), 1983;
- *Guimarães Rosa – fortuna crítica* (org. Eduardo Faria Coutinho), 1983;
- *Invenções da aurora* (org. Sérgio Agostinho), 1984;

- *Ética, solidariedade e complexidade* (org. Edgard de Assis Carvalho), 1991;
- *Olhar de descoberta* (org. Lúcia Góes Pimentel), 1996;
- *Literatura brasileira em questão* (org. Arnaldo Saraiva), 2000;
- *Guerra colonial: realidade e ficção* (org. Rui Azevedo Teixeira), 2001;
- *Dicionário crítico de Câmara Cascudo* (org. Marcos Silva), 2001;
- *Práxis artística e o discurso social* (org. Francisca Amélia da Silveira), 2001;
- *Abrindo caminhos – homenagem a Maria Aparecida Santilli* (org. Benilde Justo Caniato), 2002;
- *Criança feliz – contos e cantos* (com sua organização.), 2003;
- *In memoriam Vergílio Ferreira* (org. Maria Joaquina Nobre Júlio), 2003;
- *Artes e pantemporaneidade* (org. Alberto Beuttmüller), 2009;
- *Tecendo a literatura: entre vozes e olhares* (com sua organização), 2015.

Prefaciou, por sua estreita ligação com grandes poetas e prosadores brasileiros e portugueses do século XX, bem como pelo seu interesse pela literatura clássica em língua portuguesa, mais de uma centena de obras, a destacar:

- *Casa dos arreios* (Carlos Nejar), 1973;
- *Fogo na noite escura* (Fernando Namora), 1973;
- *O Barão* (Branquinho da Fonseca), 1975;
- *Sumidouro* (Olga Savary), 1977;
- *Antologia poética* (Nauro Machado), 1980;
- *Poesia reunida* (Hilda Hilst), 1980;
- *Memória dos condenados* (Augusto Ferraz), 1983;
- *Nordestinados* (Marcus Aciolly), 1986;
- *Era uma vez um rio* (Marta de Azevedo Pannunzio), 2000;
- *O clarão* (Betty Milan), 2001;
- *Xilogravuras* (Valdir Rocha), 2001;
- *Litania da velha* (Arlete Cruz), 2002.

Deixou inéditos dez livros, merecedores de atenção de nosso mercado editorial:

- Branquinho da Fonseca, da história ao mito;
- O gênero policial na literatura infantil/juvenil;
- Contistas catarinenses contemporâneos;
- Linguagem e consciência mítica em Agustina Bessa Luís;
- Emiliano Pernet e o decadentismo no Brasil;
- Consciência histórica e experimentalismo em Álvaro Guerra: dos mastins à memória;
- A ficção e a poesia de Hilda Hilst em face da crise existencial contemporânea;
- Uma releitura de Augusto dos Anjos;
- Herberto Sales: de Cascalho a Pareceres do tempo: 40 anos de testemunho literário;
- Tradução: núcleo geratriz da literatura infantil brasileira;
- Escritoras de Portugal: roteiro crítico desde a Idade Média até o final do século XX;

Uma das pioneiras a refletir sobre o ensino da literatura infantil e juvenil em nosso país, seu primeiro livro sobre o assunto, *O ensino da literatura* (1966), acabaria por se tornar uma referência, com sucessivas edições. E é, até hoje, embora fora dos catálogos das editoras, como, infelizmente, o conjunto de sua obra, uma referência importante em sua área. Prefaciado pelo seu ex-professor e então colega na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, Segismundo Spina, que destacou:

É altamente meritória toda e qualquer tentativa de recuperação das fontes espirituais da inteligência. O propósito de acertar na aplicação de um método, que venha reabilitar a estagnação em que se encontra o ensino de Literatura na escola secundária, constitui-se numa das tarefas mais imperativas da didática moderna. Vivemos numa época de explosão de novos valores, de reformulação visceral dos padrões tradicionais de ensino, e como tal, uma nova pedagogia literária impõe-se como terapêutica urgentíssima de revitalização do ensino da coisa literária, de dinamização do aprendizado (Coelho, 1974, p. 12).

Ao finalizar seu rico prefácio a *O ensino da literatura*, o professor Segismundo Spina muito justamente salientou:

O trabalho de Nelly Novaes Coelho parece-nos haver atingido o seu objetivo: exposto de maneira clara, quase coloquial, e fundamentado numa longa experiência docente, vem ele ao encontro daquilo que esperávamos,

pois temos certeza de que se constituirá, não só num breviário ideal de todos os professores de literatura no ensino médio, como num vestibulo seguro para os cursos superiores de Letras. Era este um trabalho que gostaríamos de haver realizado” (Coelho, 1974, p. 14).

Na Introdução a *O ensino da literatura* foi a professora Nelly Novaes Coelho quem situou seus leitores quanto a seus objetivos ao escrever aquele manual:

Acompanhando o movimento reformista que vai por todo o mundo, a escola brasileira está passando, também, por uma fase de remodelação interna: por uma reformulação dos métodos didáticos e mesmo da estruturação dos currículos. Na esteira dessa necessidade de reformulação, entrou também o ensino de literatura, encarado como importante instrumento educativo. Procurando encontrar caminhos para uma nova abordagem da expressão literária, a ser realizada pelos meninos ou pelos adolescentes, várias técnicas metodológicas têm sido experimentadas. Muitas se têm revelado satisfatórias, outras falharam. Porém, estamos ainda na fase das experiências (isoladas ou de grupos), experiências que não tiveram tempo de amadurecer bem para serem sistematizadas e publicadas, a fim de que todos os interessados pudessem, por sua vez, experimentá-las e enriquecê-las com sua própria visão. De todas essas tentativas, muito pouco tem podido ser divulgado até agora. Colocamo-nos, portanto, dentro dessa linha de experiências, para tentarmos a sistematização de alguns procedimentos metodológicos, experimentados pessoalmente, ou simplesmente observados no trabalho dos colegas. Conseguiremos atingir nosso objetivo didático com esta publicação? Guardadas as devidas proporções e indiscutíveis distâncias, sentimos o mesmo receio que Gaston Bachelard revela na introdução de seu livro “*La poétique de l'espace*”, ao comentar a distância que havia entre o que se diz em aula e o que se registra em livro. (Coelho, 1974, 15)

Finalizando a lúcida introdução, citou o trecho da obra *La poétique de l'espace*, de Bachelard que servira de base para suas reflexões:

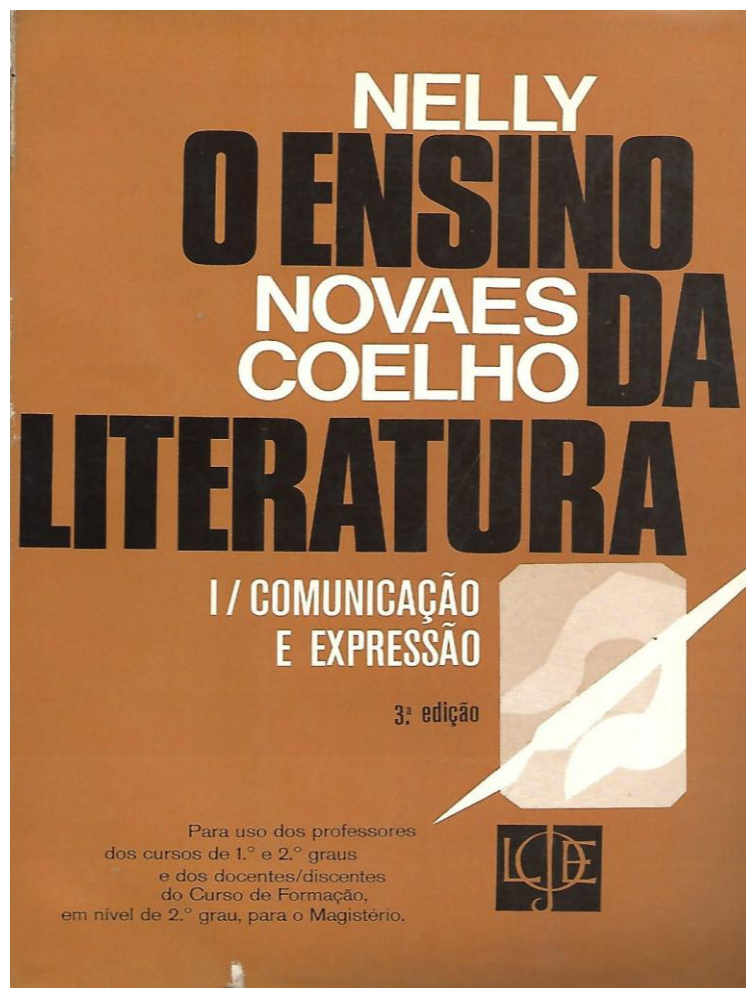
É grande a distância entre as palavras que confiamos livrimente ao público solidário e as palavras necessárias para escrever um livro. No ensino oral, movido pela alegria de transmitir conhecimento, muitas vezes a palavra pensa. (Coelho, 1974, p.16)

Na orelha da obra, o crítico Ivan Cavalcanti Proença ponderou o quanto era Nelly qualificada para escrever um livro que se propusesse a dar ferramentas a professores de literatura para que o ensino da disciplina fosse pleno e prazeroso:

O ensino da literatura não poderia ser mais adequado, na própria medida que a autora, a professora Nelly Novaes Coelho, sempre se dedicou (e viveu) este próprio ensino das técnicas e das teorias literárias, conjugando-as à aplicação em obras de poesia e ficção. E toda experiência colhida em salas de aula – portanto muito mais importante do que um simples teorizar ou discorrer sobre métodos – a professora Nelly vem trazendo para o público estudantil e colegas seus, de magistério, através de ensaios, publicações em relivros, revistas, etc. Associam-se, deste modo, a vivência

diária, com os alunos, e uma preparação muito voltada para a concretização desta experiência, tentando prolongá-la a quem dela necessitar. (Coelho, 1974, p.18)

Figura 35 - capa do livro *O ensino da literatura*



Acervo pessoal

Conforme costumava dizer, sua preocupação à frente da sala de aula era conciliar o real e o concreto, ou seja, os programas acadêmicos que precisavam ser cumpridos e o espírito e a consciência daqueles que em breve se dedicariam ao exercício docente.

Nas aulas, sempre que possível, abordava o verdadeiro fosso entre a universidade e a vida real, a massificação do ensino, o descompasso entre o saber e o conhecimento midiático.

O vazio de sentido, tão visível na sociedade moderna, a nos conduzir a uma neutralidade destrutiva, era algo muito constante em seu discurso.

Percebi, em 36 anos de docência, nos quais passei pelos ciclos básico, médio e superior, que a massificação educacional e cultural a que somos impelidos cresce a cada dia mais, pois os alunos que recebemos são, no mais das vezes, destituídos de sentido e consciência para suas ações e mesmo obtendo grau de bacharéis ou licenciados na área da educação, ao se defrontarem com a docência, muitas vezes perdem-se, reproduzindo modelos educacionais fracassados, acarretando graves prejuízos a seus alunos.

Em seu *Memorial* para obtenção do título de professora titular da Faculdade de Filosofia Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no ano de 1984, Nelly Novaes Coelho destaca sua missão prioritária como docente: formar professores e a omissão, que classifica por inconsciente, a gerar, segundo palavras suas:

[...] a ação subliminar e policialesca do espírito que, no geral, domina o ambiente universitário, censurando preocupações 'secundárias' com a preparação dos futuros professores, e exaltando as atividades voltadas para as pesquisas de cúpula ou para a formação dos futuros pesquisadores [...] (Coelho, 1984, p.1)

Prosseguiu, logo adiante, nos questionamentos sobre o currículo do curso de Letras a ponderar que:

Embora, oficialmente, esses dois objetivos estejam presentes e igualmente enfatizados na regulamentação curricular da USP, a verdade é que, extraoficialmente, valorizam-se muito mais aqueles que se dedicam à pesquisa (o a formar a elite de pesquisadores) do que os que se preocupam com a formação de professores. (Coelho, 1984, p.2)

Sobre a convicção que movia seus mais nobres ideais a favor de uma nova consciência acadêmica para a formação de professores, asseverou:

Sentimo-nos, hoje, bastante livres para reconhecer e admitir que em todos esses anos de preocupação básica com os caminhos mais fecundos para a preparação dos futuros professores, tentamos, inconscientemente, responder à censura implícita do meio universitário e compensar o nível 'inferior' ou 'secundário' daquela preocupação dominante, por uma atividade crítica incessante. Talvez, até obsessiva. (Coelho, 1984, p.2)

A fazer balanço sobre os percalços que até então enfrentara, disse:

Voltando os olhos para esse caminho percorrido, perguntamo-nos, hoje, se essa indefinida sensação de censura que nos incitava a superar-nos, não teria sido apenas fruto de nossa própria imaginação. Se o foi, é muito tarde para voltarmos atrás. Mas bem pesadas as consequências, sentimo-nos, hoje, gratificadas, pelo estímulo que ela (real ou imaginada) acabou exercendo sobre nosso trabalho. (Coelho, 1984, p.2)

A extensa experiência de Nelly Novaes Coelho mostra-nos que, a par da vasta pesquisa acadêmica que desenvolveu, largamente comprovada pela vasta bibliografia que deixou, com quase quatro dezenas de livros publicados, além de centenas de artigos em revistas científicas, sua preocupação básica foi no sentido da busca de caminhos mais fecundos para a preparação de futuros professores.

Nelly, portanto, com uma ação efetiva e que gerou magníficos frutos, respondeu à censura implícita ou explícita de muitos de seus colegas na universidade, mostrando a eles que a formação docente jamais é inferior ou secundária em relação à pesquisa acadêmica, segundo ela, muitas vezes “obsessiva”.

Tendo concluído o curso de Letras Neolatinas da Universidade de São Paulo em 1959, Nelly assistiu, dois anos depois, a 20/12/1961, a votação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que desde 1948 vinha se arrastando no Congresso Nacional. Era o período do governo João Goulart, que promoveu debates progressistas em vários setores da sociedade e que seria derrubado menos de três anos depois, com o Golpe de 1964.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional trazia em suas linhas mestras a democratização do ensino, visando, sobretudo, o progresso social, num período de significativos avanços nos debates sobre nossas mazelas sociais.

Pela Lei de Diretrizes e Bases de 1961, a leitura e a interpretação de textos literários passava a ser uma das atividades chaves dos novos currículos dos cursos secundários, assim como a formação dos futuros professores, nos cursos de Letras, precisava ser revista.

O que se propunha era não mais dar ênfase ao enfoque estético, tradicionalista, a valorizar tão somente o beletrismo entrevisto nas obras-primas, mas sim o enfoque sócio-estilístico, ou seja, a descoberta das relações essenciais que existem entre os valores de uma dada sociedade ou época e os estilos surgidos.

Do exposto, depreende-se que não se tratava de simples mudança de métodos, mas sim de mentalidade, ou melhor, de um novo conceito de literatura. E como é sabido, métodos ou técnicas, são assimilados em curto espaço de tempo, todavia, mudança de mentalidade ou de comportamento exigem prazos extensos.

Observou Nelly, num sintético apanhado histórico sobre os processos de aprendizado:

Nos anos 1950, começa, para nós que então nos iniciávamos na docência, a difícil tarefa de adaptar os processos aprendidos na faculdade à nova clientela estudantil e aos novos objetivos do ensino do vernáculo e da literatura vernácula. Desde então, até hoje, foi nessa tarefa que nos empenhamos todos, procurando atender às contínuas mudanças trazidas por novas medidas oficiais ou pelas circunstâncias da própria mutação cultural que o mundo tem sofrido neste quarto de século [...] (Coelho, 1984, p.3)

Ainda sobre os primórdios de suas experiências em sala de aula, disse a professora Nelly:

Cada curso, cada aula tornou-se ocasião de experiências para que pudesse conciliar uma situação real e concreta (o programa em vigor, o verdadeiro nível intelectual dos alunos e os apelos dominantes em suas vidas) e um ideal (a intencionalidade do programa; o nível desejável dos alunos; o estímulo à formação de seu espírito de pesquisa e de sua consciência docente; o atendimento aos apelos de sua vida real...). Dessa preocupação constante, a carreira foi-se fazendo, como também nossa atividade crítica se ampliando e se multiplicando em publicações. (Coelho, 1984, p. 4)

Nelly, nos anos 1970, trouxe à tona a discussão da massificação do ensino e seus efeitos devastadores na formação de consciências críticas e preparadas para as transformações sociais:

Entre os múltiplos aspectos da influência da massificação, sem dúvida, o mais responsável pelo distanciamento entre vida e cultura universitária é a patente e constante rarefação de sentido que caracteriza os 'media'. Que os analistas dos fenômenos de comunicação de massa com propriedade têm trabalhado as raízes do chamado vertigem do real. Citou o pensador francês Baudrillard, para quem a expressão 'vazio de sentido' é algo inconscientemente desejado pelas massas, que preferem passivamente o fascínio do 'médium' e o seu efeito siderante. No entanto, qualquer fascínio não revela o sentido, mas sim sua dissimulação. O fascínio nunca é ou será o sentido, nem tão pouco o aumento do sentido. (Coelho, 1984, p.5)

A política de massificação estudantil que tomou conta de amplos setores universitários, segundo Nelly:

[...] chega cada vez menos trabalhada pelos processos educativos ou culturais dos primeiros estágios, aqueles que, naturalmente, desde a infância, deviam prepará-la para a indispensável e fecunda integração no processo dos estudos superiores." Segue afirmando que "essa despreparação de base é aprofundada pela formação (ou deformação) mental que minimiza o sentido e a consciência da realidade para enfatizar suas dimensões visíveis epidérmicas e não - problemáticas. (Coelho, 1984, p.5)

O despreparo de parcela robusta dos estudantes de Letras, para o que Nelly chama de “razão inata, em posturas distintas como razão prática, teórica, ética, estética, etc.” (Coelho, 1984, p.5) é, certamente, um dos fulcros de nosso fracasso educacional.

A massa estudantil, em parcela predominante, é resultado, segundo Nelly, da massificação cultural que cresce em larga escala. Segundo observou, quase 50 anos atrás, essa massa chega à universidade:

[...] cada vez menos trabalhada pelos processos educativos ou culturais dos primeiros estágios, aqueles que, naturalmente, desde a infância deviam prepará-la para o indispensável e fecunda integração no processo dos estudos superiores. (Coelho, 1984, p.5)

Refletindo sobre o despreparo dos alunos que chegam ao nível superior, afirmou:

A despreparação de base é aprofundada pela formação mental (ou deformação?) assistemática, veiculada pelos meios de comunicação de massa que, conforme seus analistas, minimizam o sentido e a consciência das coisas para enfatizar suas dimensões visíveis, epidêmicas e não problemáticas. (Coelho, 1984, p.6)

Pelas lúcidas citações de Nelly, acima transcritas, é possível observar que o ensino, no mais das vezes fragmentado, parcelado ou sem aparente unidade, acarreta consequências desastrosas na comunidade estudantil. Consequências que se desdobrarão em sucessivas gerações de alunos mal formados.

Os estudantes veem-se despreparados para exercitar o que Nelly classifica por “razão inata em posturas distintas como razão prática, teórica, ética, estética, etc.” (Coelho, 1984, p.6)

Trata-se de uma massa de estudantes que decodifica tudo que consegue apreender, através de uma lógica que Nelly classifica por:

[...] caseira ou simplista, familiar. Razão que não vai além das meras aparências do fenômeno estudado ou da referencialidade imediata das frases. Razão que obedece à lei do menor esforço que rege a maioria da humanidade e que resulta em não se importar com nada que ultrapasse seus interesses imediatos. (Coelho, 1984, p.6).

A respeito da má formação dos estudantes, noutro trecho, atentou Nelly:

Habituada, portanto, à rarefação de sentido que caracteriza a imagem de mundo atual, a nova classe estudantil, com que lidamos em Letras, tem dificuldades quase intransponíveis para compreender (ou se sentir atraída por) qualquer atividade mental que não se ligue direta ou indiretamente aos interesses concretos de sua vida imediata. (Coelho, 1984, p.6)

A pensar sobre sua atuação como educadora, Nelly salientou:

Foi pela pressão da necessidade de uma ordem de transformações que, de maneira mais ou menos intuitiva, busquei encontrar caminho mais curto e fecundo para me comunicar com os alunos e engajá-los nos estudos literários. (Coelho, 1984, p.6)

Seguiu afirmando, pouco adiante, a respeito da essencialidade da literatura na vida humana:

Empenhamo-nos, desde o início, em levá-los a descobrir a literatura como algo essencial às suas vidas, por que desde sempre acreditamos na importância que ela assume, não só na formação da consciência de mundo de cada um, como a grande mediadora entre o seu e as múltiplas experiências de vida que lhe seriam possíveis, mas também como o grande instrumento que pode auxiliá-lo na auto-realização interior que dinamizará seu fazer social. (Coelho, 1984, p. 7)

A insistir na importância da literatura no processo de formação dos estudantes, disse:

E é na linguagem literária (em seus vários níveis: poética, coloquial, jornalística, culta, vulgar, etc.) que encontramos o instrumento mais adequado, pois é nela (e não no sistema linguístico, fixado pela gramática) que o universo da linguagem existe como um organismo vivo. (Coelho, 1974, p.45)

Em 1971, durante o período mais duro da ditadura militar implantada em nosso país com o Golpe de 1964, entrou em vigor uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que, dentre outros pontos, retirou dos programas do ensino médio a literatura portuguesa como disciplina autônoma, trazendo sérios danos ao que Nelly chama por “despertar de nossa consciência histórica, como fator básico para qualquer povo.” (Coelho, 1984, p.7)

[...] uma nova lei de educação que tirou a filosofia, o latim...[...] ficou Comunicação e Expressão [...] esse novo currículo, eu vi o resultado dele anos depois, com os alunos que estavam chegando, absolutamente despojados de cultura, sem nenhum interesse pela literatura [...] conversando com colegas da Faculdade de Educação, eu disse: “A gente podia fazer um curso onde fosse dada literatura juntamente com Metodologia e Didática [...], bolamos um curso, que era dividido em

módulos [...] quando foi apresentado na Faculdade de Educação, o diretor não aprovou. Um ex-aluno, que era professor lá, disse que ao ler o projeto, o diretor da Faculdade de Educação disse: “Que poder a Nelly está querendo?” [...] por aí, você vê que as pessoas pensam miúdo. [...] Eu daí comecei a procurar gente de Letras, [...] porque nossos alunos não saem preparados para dar aula [...] vão fazer um ano de metodologia, daí estudam só teoria, onde eles vão fazer ligação? O currículo já estava patinando, o currículo não ajudava...Quando eu vi que ninguém queria, eu disse: “Sabe de uma coisa? Eu vou criar!” Então o projeto que eu tinha feito para a Faculdade de Educação foi apresentado para o Conselho de Departamento e foi[...] uma zombaria. “Mas por que você vai se meter com isso?” Argumentei: “Precisamos formar os professores que vão trabalhar com as crianças.” [...] Quem apoiou muito foi o Alfredo Bosi, ele foi quem deu o parecer favorável [...] (Coelho, 2008)

Sobre a extrema importância de uma disciplina nos cursos de Letras que desse conta da literatura produzida para crianças e jovens, ponderou Nelly:

[...] a literatura para criança foi sempre, com exceção, por exemplo, do Lewis Carroll, que escreveu “Alice no país das maravilhas”, uma literatura didática, era para obedecer, era para transmitir para as crianças os valores da sociedade cristã, liberal, burguesa, quer dizer, liberal tinha muito pouco, não é? Então, era uma literatura menor, [...] (Coelho, 2008)

Ao ponderar a respeito da importância dos estudos da literatura portuguesa, durante a vida escolar, Nelly disse:

[...] pode-se afirmar, sem risco de erro, que a valorização da literatura e da cultura portuguesas permite descobrir não só o húmus português na gênese e configuração de nossa literatura e cultura, desde os tempos coloniais até o início do século, como também a significação ou valor da Literatura Portuguesa, do passado ao presente, no panorama da literatura ocidental. (Coelho, 1984, p.8).

Refletindo o quanto o espírito individualista do Romantismo chegou até o homem contemporâneo, Nelly destacou:

Nós estamos no olho do furacão. Porque nós estamos com um sistema que vem de longe, que era o sistema da Era Romântica, ainda muito do individualismo, eu tenho o meu e acabou, não é? Então ainda temos o sistema forte, ele está vigente, é só a gente abrir o jornal, ligar a televisão e ver o que se passa [...] E já estamos com uma cultura nova, que começou a ser engendrada no começo do século XX [...] eu vejo na literatura os frutos dessa cultura e ela está se chocando com o sistema que está firme, está firmíssimo, vai demorar muito para mudar [...] (Coelho, 2008)

A respeito do equívoco de ser a literatura não ser tratada em nossa educação como disciplina central, disse:

[...] por causa da literatura ser considerada um gênero menor, convencionou-se, portanto, que para criança tinha que passar “ipsis litteris” o sistema. Qual era o grande elemento para o sistema funcionar? Obediência absoluta, compreende [...] (Coelho, 2008)

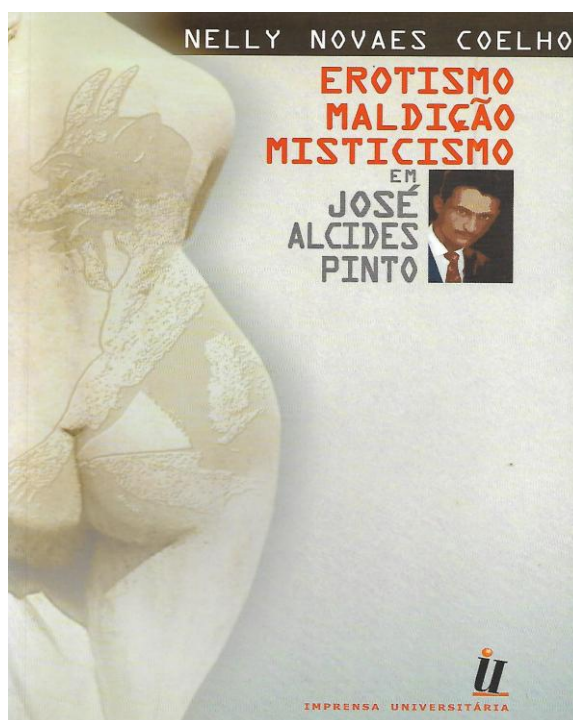
Ao discorrer sobre o Pós-Modernismo, salientou o que considerava seu marco cronológico:

[...] esta consciência da palavra eu descobri lendo a literatura contemporânea, na linha do existencialismo, do “nouveau Roman”, enfim, todas as rupturas da primeira metade do século XX, que começa com o Modernismo e que eu chamo de pós-modernos. Nós estamos em pleno pós-moderno, não estamos mais guiados pela razão cartesiana, que era a base do mundo antes de nós, era a razão que explicava tudo. E, a partir das descobertas do Einstein, [...] a gente sabe que a realidade não é exatamente aquilo que você pode chegar com conhecimento lógico e total, porque muita coisa escapa. [...] há muitas interpretações do pós-moderno, mas, para mim, o que o define e que eu vejo na literatura infantil e na literatura adulta, é exatamente a falência da razão tradicional [...] Darwin resolveu escrever sobre a origem das espécies [...] essa explosão pegou Dostoiévski, pegou Machado de Assis, pegou Eça de Queirós, mas ainda o sistema era outro [...] (Coelho, 2008)

Em 2001, trouxe a lume mais um ensaio em que se debruçou sobre a obra do poeta e ficcionista cearense José Alcides Pinto, intitulado *Erotismo maldição misticismo em José Alcides Pinto*, por muito tempo não devidamente observada pela academia e pelos críticos literários. A respeito do autor, sintetizou:

Escritor que está entre os raros que tiveram a ousadia (ou a loucura) de assumir a literatura como destino, como vocação em seu sentido mais profundo (e pagando o preço que a sociedade cobra por essa decisão), José Alcides Pinto é dos que têm dado voz a esse homem cindido pelas forças antagônicas e poderosas (bem/mal, Deus/diabo, Eros/Tanatos...) inerentes à condição humana, e que só a cultura de cada época consegue (ou não) equilibrar ou torná-las complementares e não contraditórias.” (Coelho, 2001, p.7)

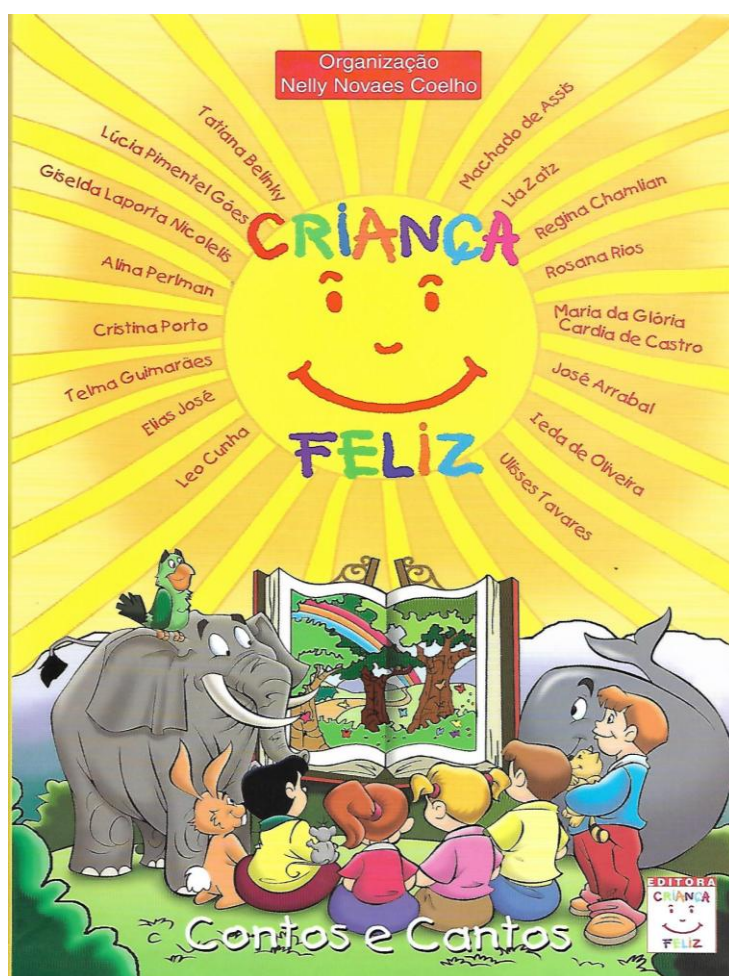
Figura 36 - capa do livro *Erotismo maldição misticismo* em José Alcides Pinto



Acervo pessoal

No ano de 2002, organizou uma das melhores antologias de contos e músicas infantis, intitulada *Criança feliz – contos e cantos*. Nela compareceram alguns dos mais importantes nomes da literatura infantil e juvenil contemporânea, como Tatiana Belinky, Telam Guimarães Andrade, Elias José, Giselda Laporta Nicolelis, Rosana Rios, José Arrabal, Lia Zatz e Leo Cunha, dentre outros nomes não menos significativos da literatura infantil e juvenil.

Figura 37 - capa do livro *Criança feliz contos e cantos*



Acervo pessoal

Sabedora da importância da música na formação da criança selecionou para a antologia composições de Helena Cabral e Oswaldo Biancardi, reproduzindo na edição da obra as partituras das músicas, 16 ao todo, gravadas num cd que acompanhou o livro.

Figura 38 - capa do cd *Criança feliz contos e cantos*



Acervo pessoal

No prefácio de *Criança feliz contos e cantos*, dirigindo-se ao público da obra, observou:

Ao entrar neste livro, você vai se encontrar com diversas e divertidas (às vezes, tristes) situações ou histórias, vividas por personagens que, embora não pareça, têm muitas coisas em comum com você e seus amigos e amigas. Sabe por quê?

Na verdade, toda história, mesmo quando vivida por animais, trata de sentimentos comuns a todos os seres humanos: alegrias, raivas, medos, necessidade de afeto, inveja, vontade de poder... É o que você descobrirá ao ler os contos aqui reunidos. (Coelho, 2002, p.9)

No posfácio da antologia, dirigiu-se aos pais e professores de seus leitores, explicando a razão de tê-la organizado:

O objetivo maior deste projeto, “Criança feliz – contos e cantos”, é oferecer aos professores e pais um instrumental dinâmico que possa ser usado para envolver os novos aprendizes da cultura em uma prática prazerosa com as duas manifestações básicas do ser e da voz humana: a fala (a palavra narrativa) e o canto (a palavra musicada). [...]

O valor existencial dessas duas formas de comunicação humana tem sido legitimado, desde a origem dos tempos. É só lembrarmos que os mais antigos vestígios da presença do homem na terra e de seu conhecimento de mundo ficaram gravados em imagens ou palavras inscritas na pedra ou pergaminho ou no papiro, etc., sempre narrando experiências humanas. E, da mesma forma, a música (os sons ordenados em melodias e ritmo) em ritos sagrados ou cantos populares, foi transmitida de geração para geração e permanece viva até hoje, nas suas comunidades, como expressão de uma sabedoria antiga que alimenta o viver alegre do povo ou do espírito religioso. As formas de viver mudam, mas o ser humano não. (Coelho, 2002, p.173)

Em 2013, em concorrida e memorável noite, a professora Nelly lançou, na Casa das Rosas, importante espaço para a difusão da literatura, mantido pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, outro de seus mais extensos e importantes trabalhos, o livro *Escritores brasileiros do século XX – um testamento crítico*.

No substancioso volume, com quase 1000 páginas, percorreu a trajetória literária de 81 autores brasileiros, dentre eles Ariano Suassuna, Aníbal Machado, Antonio Callado, Autran Dourado, Antonio Olavo Pereira, Assis Brasil, Bernardo Élis, Câmara Cascudo, Campos de Carvalho, Cornélio Pena, Cyro dos Anjos, Dyonélio Machado, Fernando Sabino, Graciano Ramos, Guimarães Rosa, João Antonio, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Amado, José Américo de Almeida, José Cândido de Carvalho, José J. Veiga, José Lins do Rego, José Mauro de Vasconcelos, Josué Montello, Lima Barreto, Lúcio Cardoso, Malba Tahan, Mário de Andrade, Mário Palmério, Marques Rebelo, Moacyr Scliar, Monteiro Lobato, Murilo Rubião, Osman Lins, Oswald de Andrade e Raduan Nassar.

Figura 39 - Nelly Novaes Coelho e Ariano Suassuna



Fonte: Coelho (2008)

Na apresentação à obra, de modo muito ilustrativo, citou alguns nomes de vulto no universo do saber, reproduzindo algumas citações dessas figuras, pertencentes às mais distintas áreas das humanidades, que aqui reproduzo:

“Cultura não é somente o armazenar de conhecimentos, mas a capacidade de interrogar o nosso tempo” (Vergílio Ferreira)

“Cultura é como a atmosfera, não se vê, não se apalpa, entretanto é impossível viver fora dela e continuar pertencendo à humanidade.” (José Saramago)

“A Palavra cria o Real. O que não é nomeado não existe.” (J. Lacan)

“Nós somos aquilo que lemos e lemos aquilo que somos.” (G. Perissé)

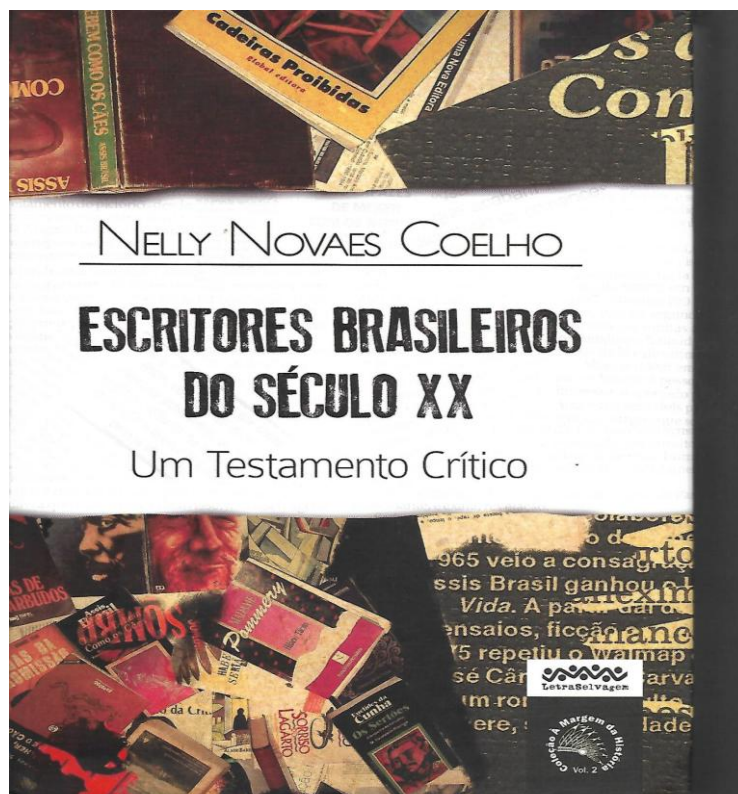
“A crítica não é uma homenagem à verdade do passado, ou à verdade do ‘outro’, ela é a construção do inteligível de nosso tempo” (Roland Barthes)

“Ao mundo mergulhado em coisas prosaicas, é preciso dar novamente uma dimensão estética. Qualquer movimento revolucionário no futuro vai precisar de Poesia, de Literatura.” (Herbert Marcuse)

“A imaginação, a fantasia – presente nos mitos e na literatura – é, acima de tudo, a atividade criativa, da qual provêm as respostas para todas as perguntas sobre a vida: ela constitui a origem de todas as possibilidades do viver.” (C. G. Jung)

“Dos mais diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio são extensões de sua vista; o telefone, da voz; o arado e a espada, extensões de seu braço. Porém, o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória da humanidade, da imaginação criadora e da vida vivida para além das aparências.” (Jorge Luis Borges) (Coelho, 2013, p.11)

Figura 40 - capa do livro *Escritores brasileiros do século XX*



Acervo pessoal

Atenta ao necessário diálogo entre a literatura e as artes dramáticas, no ano de 1998, a professora Nelly fez duas adaptações de textos literários da escritora Hilda Hilst, sobre cuja obra, àquela altura, havia dedicado diversos estudos.

A pedido da atriz Rosi Campos, adaptou *A obscena Senhora D*, de autoria de sua amiga Hilda Hilst. Outra incursão pela dramaturgia aconteceu a pedido da atriz Vânia Guerra, quando, a partir de uma seleção de textos novamente de Hilda Hilst, escreveu o monólogo “Hilst Furacão”.

Também estabeleceu extraordinário diálogo entre a literatura e as artes plásticas. No IV Encontro de Estudos Comparados de Literatura Portuguesa, realizado pela Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, em agosto de 1999, fez uma conferência a que intitulou “A poesia – espaço de convergência das multilinguagens”, na qual começou por citar Michel Foucault, que em seu clássico *As palavras e as coisas* disse:

...talvez seja tempo de nomear essa imagem que aparece no fundo do espelho [...] embora saibamos que a relação da linguagem com a pintura é uma relação ambígua. Não que a palavra seja imperfeita, nem que, em face do visível, ela acuse um déficit que se esforçaria em vão por superar. Trata-se de duas coisas irreduzíveis uma à outra... (Foucault, 1996. p. 25)

A respeito da fusão de linguagens artísticas, aprofundada na segunda metade do século XX, asseverou:

[...] nestes últimos anos, se aprofundou o questionamento (e a ruptura) dos limites, tradicionalmente existentes entre os fenômenos naturais e culturais; entre os gêneros literários ou entre as artes em geral. As linguagens, antes “irreduzíveis” umas às outras, passam a dialogar; os gêneros se confundem; o espaço para as pesquisas se abre à ótica transdisciplinar ou, como diz Edgar Morin, à “ótica da complexidade”, que tende hoje a substituir a tradicional “ótica simplificadora” e abrir caminho para novas leituras de mundo, provocadas pela revolução em processo, nestes tempos de multiculturalismo. (Coelho, 1999, p. 32)

Em seus 95 anos de vida, recebeu importantes prêmios e distinções, dos quais destaco os mais importantes, em ordem cronológica:

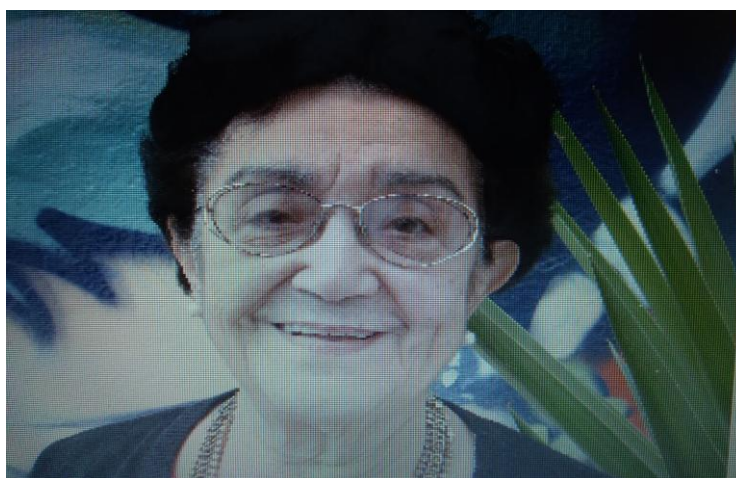
- 1960 - 2º Prêmio Crítica – Ministério da Educação e Cultura – pelo ensaio “A poesia de Álvares de Azevedo”;
- 1960 - 3º Prêmio Crítica – Ministério da Educação e Cultura – pelo ensaio “Literatura e cultura”;

- 1962 - 1º Prêmio Crítica – I Festival Brasileiro de Literatura da Academia Teresopolitana de Letras - pelo ensaio “O eterno instante na poesia de Cecília Meirelles”;
- 1962 – 2º Prêmio Crítica - Ministério da Educação e Cultura – pelo ensaio “Solidão e luta em Graciliano Ramos”;
- 1963 – 1º Prêmio Crítica – A Tribuna de Santos – pelo ensaio “Ramalho Ortigão: o homem, o educador e o escritor”;
- 1964 – 1º Prêmio Crítica – II Festival Brasileiro de Literatura – Academia Teresopolitana de Letras – pelo ensaio “O romance brasileiro em sua dimensão regionalista”;
- 1964 - 2º Prêmio Crítica – Ministério da Educação e Cultura – para o ensaio “O mundo poético de Antero de Quental”;
- 1964 - 4º Prêmio Crítica – para o ensaio “A poesia sacra de Gregório de Matos”
- 1966 - Prêmio Bocage – Ministério da Educação de Portugal – pelo ensaio “As raízes existenciais da poesia bocagiana”;
- 1967 - 1º Prêmio Jornalismo – Prefeitura Municipal de São Paulo – pela colaboração na imprensa em 1966;
- 1969 - 1º Prêmio Jornalismo – Prefeitura Municipal de São Paulo – pela colaboração na imprensa em 1968;
- 1973 - Representante da delegação brasileira no Congresso Internacional A Arte de Portugal – Ministério da Educação de Portugal - com a conferência “As aventuras de Diófnanes: a prosa ficcional do século XVIII sob nova perspectiva”;
- 1974 - Representante da delegação brasileira no Congresso Internacional de Literatura Infantil – International Board on Books for Young People (IBBY) – com a conferência “O público leitor e seu acesso ao livro”;
- 1974 - Prêmio Jabuti – Câmara Brasileira do Livro – pelo livro *Literatura e Linguagem*;
- 1975 - Prêmio APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) – pelo livro *Guimarães Rosa*:

- 1975 - Diploma de Honra – União Brasileira de Escritores – pela atuação na área literária e cultural em 1974
- 1979 - Diploma de Honra – Câmara Brasileira do Livro – pela colaboração no movimento editorial brasileiro
- 1979 - Convidada de Honra – II Symposium on Portuguese Traditions – University of California;
- 1993 – Prêmio Clara Ramos – União Brasileira de escritores – pelo conjunto da obra
- 1997 – Comendadora Cultural – Universidade do Minho
- 1998 – Prêmio Jaburu – Conselho Estadual de Cultura de Goiás – Personalidade do Ano
- 2002 – Homenagem pelos 80 anos – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)
- 2003 – Troféu Vasco Prado – 10ª Jornada Literária de Passo Fundo
- 2003 – Título de Honra – Associação de Ilustradores e escritores de Literatura Infantil e Juvenil
- 2003 – Troféu Rio – União Brasileira de Escritores – pelo conjunto da obra

Em 2022, numa iniciativa da União Brasileira de Escritores, foi criado o Prêmio Nelly Novaes Coelho de Literatura Infantil e Juvenil, entregue em dezembro daquele mesmo ano, em cerimônia realizada na Universidade de São Paulo.

Figura 41 - Nelly Noaves Coelho aos 86 anos de idade.



Fonte: Coelho (2008)

4 A METODOLOGIA DE NELLY NOVAES COELHO

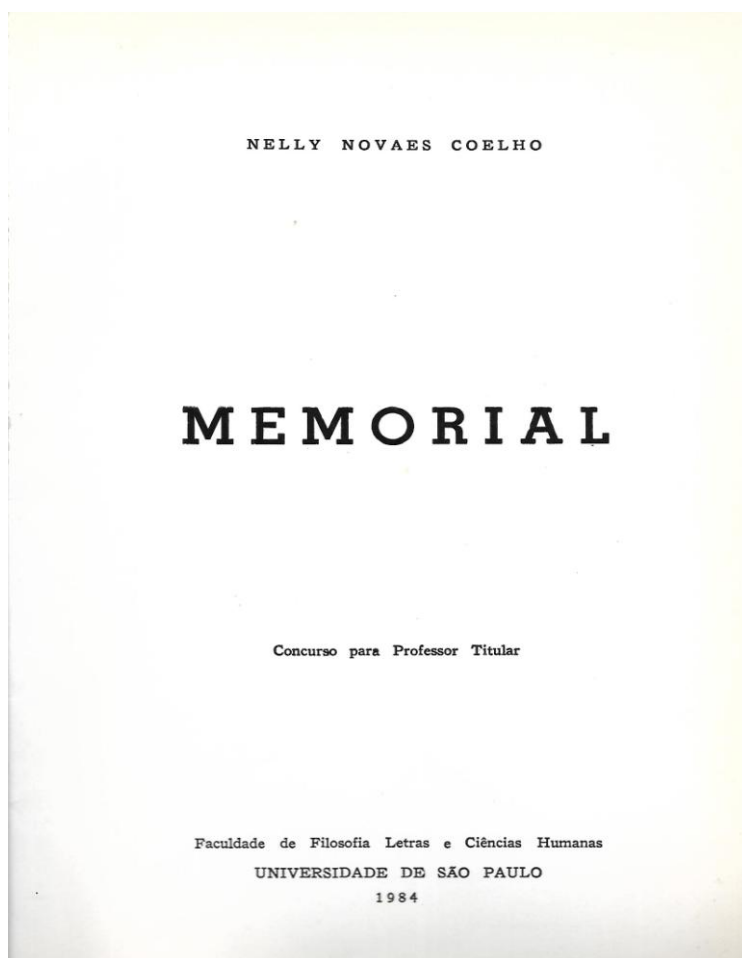
É Nelly, quem em seu *Memorial* para o concurso de professor titular da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, lapidariamente começou por nos oferecer seus caminhos metodológicos no ensino da literatura:

Simultaneamente à preocupação docente com o que e por que selecionar dentro da matéria de cada programa, a fim de orientar os alunos no processo de aprendizagem, preocupamo-nos sempre com o como apresentarmos tal matéria. E nesse sentido, as variações metodológicas têm sido constantes. Desde o enfoque histórico/estético, assimilado nos bancos da faculdade, até a abordagem culturalista que nos orienta atualmente, muitas foram as experiências feitas, os enganos, acertos e desacertos. (Coelho, 1984, p.8)

No que se refere à sua formação, ainda no *Memorial* do concurso para professor titular da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, declarou:

Tendo interrompido os estudos no momento em que deveríamos nos preparar para entrar na faculdade no início dos anos 1940, e só voltando a eles, já em idade adulta, na segunda metade dos anos 1950, é evidente que nossa formação cultural se fez de maneira difusa. Nesses anos de afastamento, sofremos a influência da cultura comum, generalizada na sociedade brasileira dos anos 1940/1950, ou melhor, da cultura humanista comum à classe média dessa época. Habituaamo-nos, desde muito cedo, a ler vorazmente e a ver na literatura uma situação humana emocionante, dramática ou lírico/amorosa, e envolver homens, mulheres e problemas que direta ou indiretamente, eram semelhantes aos da vida que se vivia no mundo real. (Coelho, 1984, p.9).

Figura 42 - capa do Memorial concurso para professor titular da Universidade de São Paulo.



Acervo Pessoal

Complementando seu depoimento sobre questões envolvendo da discussão da linguagem literária e seus desdobramentos, salientou:

A linguagem literária, que sempre nos fascinou, tinha então um valor específico: o de contar histórias fascinantes, vividas por gente diferente daquela que vivia no dia a dia comum. Enfim, a literatura se nos oferecia, então, como privilegiado veículo de prazer e emoção que, ao mesmo tempo, acabava por ser um instrumento (falso ou verdadeiro, não importava) de conhecimento do homem e da vida e também um modelo de comportamento onde status a ser atingido. Literatura fazia parte da vida cotidiana e era algo sedutor que nos descobria o humano e o social, em termos jamais comparáveis com o que podíamos descobrir, por experiência própria, na vida concreta e comum que nos era dado viver. (Coelho, 1984, p.9)

Pouco mais adiante, a respeito do limitado conhecimento que até então obtivera sobre a teoria da literatura, Coelho (1984, p. 10) enfatizou: “Ao entrarmos na

faculdade, essa nossa primitiva noção de literatura relacionada à vida foi, de certo modo, reforçada pelos diferentes ângulos, através dos quais ela nos foi proposta para estudos, nas diferentes áreas”.

Com referência aos valores filosóficos assimilados durante sua formação universitária, registrou:

Assim é que, tanto o determinismo positivista, que levou Taine a propor seu famoso modelo: raça, meio e momento, e definir a obra literária como um produto natural, em suas palavras, ‘como o açúcar ou o vitriolo’ quanto o sociologismo materialista de Karl Marx, que apontava o desenvolvimento econômico da sociedade como um processo de história natural e a mola das transformações no mundo; ou, ainda, o psicologismo de Freud, que apontava na origem da obra literária as profundezas de um inconsciente marcado pro neuroses, advindas de bloqueios de ordem sexual e de um certo Complexo de Édipo, não fizeram mais do que consolidar nossa compreensão primeira acerca do que era literatura fenômeno essencialmente social e, por excelência revelador do humano. Apesar de suas inegáveis diferenças, tais modelos teóricos apontavam para a decifração do humano em função do social. (Coelho, 1984, p.10).

Sobre sua formação humanista, obtida desde os primeiros anos da graduação em Letras, afirmou que fora:

[...] reforçada pelo pensamento historicista do Prof. Fidelino de Figueiredo, principalmente por seu continuador, Prof. Antonio Soares Amora. Na prática, a ciência e a história de literatura, visadas por tal pensamento, correspondiam a uma série de monografias dispostas em ordem cronológica, que visavam explicar o fato literário pelas circunstâncias históricas, sociais e biográficas a ele ligadas. Por outro lado, a crítica como direção de espírito, concretiza-se como crítica temática, realizada através do método histórico e da análise de texto: a busca do por quê? da obra (ou seu tema geratriz), através do o quê? (seus elementos componentes) e como? (o estilo, a maneira pela qual a matéria literária foi tratada pelo autor). (Coelho, 1984, p. 11)

Com essa orientação, dada por dois professores que considerava essenciais em sua formação, assim afirmava: “[...] definia-se conceitualmente uma atitude em relação à literatura que vinha consolidar a que, empiricamente, já existia em nosso espírito: a que ligava literatura, homem, vida e sociedade”. (Coelho, 1984, p.11)

No campo do desenvolvimento dos estudos da literatura brasileira, suas referências ligaram-se a dois professores da Faculdade de Filosofia Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo, Souza Lima e José Aderaldo Castello, historicista o primeiro e histórico – esteticista o segundo, “dando grande ênfase às relações existentes entre obra literária e ideias estéticas”. É o momento em que, para Nelly:

A crítica deixava de ser temática para ser biográfico – esteticista, isto é, a obra devia ser investigada em confronto com as premissas estéticas de sua época ou com a posição estética abertamente assumida por seu autor (expressa em ensaios críticos, manifestos, prefácios, etc.). (Coelho, 1984, p.11)

Ao tratar das influências estrangeiras que lhe formaram criticamente, mencionou que:

Simultaneamente a esses enfoques (o temático e o esteticista) que trabalham com a obra e seus fatores extra-literários, em outras áreas, novas possibilidades de leitura iam sendo desenvolvidas: as que se preocupavam basicamente com parte ou fragmentos da obra, ou melhor, com o texto em lugar da obra. Nessa linha estão: a estilística (via Espanha, com o professor Luis Amador Sanchez e, a seguir, com o professor Júlio García Morejón); explication du texte (via França, com o professor Bonzon, através de alliance Française) e o New Criticism, com seu close reading (via Inglaterra/Estados unidos) com que entramos em contato, fora da universidade, nos cursos da Cultura Inglesa. (Coelho, 1984, p.12).

Aludindo ao crítico e romancista inglês C. P. Snow e aos questionamentos sobre cisão de culturas, destacou que: “[...] foram esses os novos caminhos que se nos propunham (à docência e à crítica literária) em fins dos anos 50, e cujos efeitos chegavam ao Brasil com bastante atraso, em relação à Europa e aos Estados Unidos.” (Coelho, 1984, p.12)

Em outro momento, sobre as novas descobertas e leituras, Nelly Novaes Coelho afirmou:

Em nosso trabalho pessoal, pela primeira vez, nos defrontávamos com a duplicidade básica que havia cindido a cultura no século XX, desde o momento em que a visão científica do real pôs em questão a legitimidade da visão poética (ligada à metafísica tradicional). Repentinamente roubado de seu estável elenco de valores aferidores, o estudioso brasileiro, naquele final de década de 50, via abrirem-se diante de si duas vias bem distintas para a leitura e a compreensão da literatura: uma, a do enunciado pragmático, de valor referencial, com o uso científico da linguagem (via nova crítica); a outra, a do enunciado poético, de valor metafórico, o uso emotivo da linguagem (via crítica humanista). (Coelho, 1984, p. 12)

Prosseguindo, a respeito de suas novas reflexões filosóficas e metodológicas, reconheceu o quanto o processo de mudança no ensino da literatura demorou a se dar:

Só bem mais tarde compreendemos que essas novas posturas nos exigiam não apenas mudança de método, mas de atitude em face da literatura, para poder resistir a uma inglória comparação com a linguagem científica, para a qual, fatalmente, ela perdia em rigor de verdade e em objetividade, a linguagem emotiva, poética, passava a ser valorizada em sua concretude e a se constituir em reino autônomo, em universo ideal da palavra, que mantinha com o mundo concreto apenas grosseiras

aproximações. Procurando sintonizar-se com a objetividade científica que impulsionava o progresso do mundo, a literatura abdicava de seu contorno idealizante e de seu subjetivismo, para instituir o texto como única realidade válida. (Coelho, 1984, p.13).

Sobre o que chamou por “cisão das duas culturas e suas consequências”, pautadas pelo humanismo e a crítica textual, disse:

Na verdade, essas duas posturas antagônicas (a humanista e a textual), com facilidade acomodaram-se entre si, uma vez que, na prática, nenhuma se nos impunha de maneira radical. A verdadeira cisão só começou a nos pressionar, realmente, na segunda metade dos anos 1960, quando chegamos à conclusão de que os métodos textuais (estilística, “close reading”, “explication du texte”...) resultavam parciais, fragmentários e insatisfatórios quanto aos resultados práticos de penetração na significação maior da obra literária (confessamos que, com eles, nunca conseguimos ir além de meras aplicações escolares, durante os cursos). Por outro lado, sentíamos a necessidade de ultrapassar os limites da crítica humanista (quase exclusivamente conteudística) que adotamos no início; e tentamos outros métodos hermenêuticos que então se divulgavam entre nós. (Coelho, 1984, p. 13)

Nelly declarou, a partir de sua própria experiência em sala de aula, que através dos métodos meramente textuais de ensino de literatura, nunca obteve resultados concretos por parte de seus alunos, restando leituras rasas e marcadas pela falta de um mergulho mais abrangente na essência do que o autor desejou exprimir.

Rompidas as barreiras da mera interpretação estilística do texto literário, salientou Nelly que:

Tanto o sociologismo genético (via Realismo Crítico de Lukács e, principalmente, de Goldman e sua ampliação da dialética marxista), como a psicocrítica genética (brilhantemente estruturada por Jean Paul Weber e Charles Mauron) nos atraíram, pois ambos substituíam a leitura crítica do pormenor ou de partes da obra (própria dos métodos textuais), por uma leitura globalizante que trabalhava com conjuntos e, assim, pareciam ultrapassar os limites da crítica humanista tradicional. (Coelho, 1984, p.14).

Ainda sobre sua revisão no campo metodológico do ensino de literatura, afirmou:

Primeiro tentamos explorar as homologias estruturais de Goldmann (tendo como apoio as críticas de Lukács acerca do Realismo Crítico e da literatura contemporânea); depois, as obsessões temáticas de Weber e as “metáforas obsessivas” de Mauron. E se, com relação a estas últimas, não fomos além das meras cogitações teóricas e tentativas falhadas de aplicação (devido às óbvias dificuldades de método, que exigia o conhecimento do psiquismo do autor da obra) com relação ao segundo, aproveitamos uma série de sugestões operatórias para a leitura crítica da ficção (principalmente no estabelecimento das homologias entre as estruturas da ideologia social e as da obra individual, cujos modelos nos eram dados pelos dois críticos citados). (Coelho, 1984, p. 14).

Cabe-nos aqui mencionar que, naqueles anos da década de 1960, chegava ao Brasil a filosofia existencialista de Jean Paul Sartre, cujo arcabouço teórico trazia algumas ferramentas para a leitura textual.

Nelly citou que foi a partir da leitura de um estudo sobre o poeta Baudelaire, feito por Sartre, que se sentiu estimulada a mergulhar na filosofia existencialista e nas proposições que trazia.

A respeito da contribuição oferecida pela filosofia existencialista no universo dos estudos textuais, confessou que:

[...] a leitura crítica de uma obra passava a incidir na multiplicidade de significações, passíveis de serem detectadas em suas estruturas objetivas vistas não em si, mas como expressão de uma consciência estruturante, segundo interpretação de J. Starobinsky. Extrair o sentido dessas significações, dado pelo projeto humano que os alicerçava, torna-se o objetivo do novo método teórico. Divulga-se com ele uma nova preocupação com o tema. (Coelho, 1984, p.14).

Referentemente ao que classificou por “significações do projeto humano”, observou:

A intencionalidade ou a escolha do ser forma o arcabouço e dão o suporte à experiência literária, obviamente o tema (expressão síntese daquela experiência humana) subjacente na obra torna-se elemento de interesse básico para a leitura crítica. [...] Em última análise tal experiência, fundamentada na busca da escolha de ser que está no centro de toda imagem de mundo, revelaria a maneira peculiar pela qual cada homem vê suas relações consigo mesmo, com o outro, com Deus (=princípio absoluto) e com o cosmos. (Coelho, 1984, p.15).

Momento decisivo, segundo registrou em seu *Memorial*, porquanto, a partir dali, entregava-se:

[...] a uma nova atitude crítica diante do texto literário, que era extremamente atraente, mas difícil. Tal como as posturas de caráter cientificista (a psicocrítica e a sociologia) e embora em polo oposto, a postura crítica existencialista também apontava para um princípio unificador e totalizante e propunha um modelo inteligível que redundava em uma atividade crítica e altamente fascinante e ordenadora. Daí, sem dúvida, a sua rápida aceitação nos meios acadêmicos. E assim, a crítica temática voltava a se nos impor. (Coelho, 1984, p.16)

Elegendo o tema como elemento-base a ser atingido, através da análise das estruturas, motivos e linguagem da obra, a experiência crítica de natureza existencialista remetia, novamente, a uma compreensão global da manifestação

literária, tal como as diretrizes anteriores (a humanista, a psicanalista e a sociológica), embora iluminando outras áreas.

4.1 A nova ordem de compreensão textual proposta por Nelly Novaes Coelho

No depoimento que concedeu ao Museu da Pessoa, no ano de 2008, poética e filosoficamente sintetizou: “A palavra, veja, é a matéria prima da literatura. E a palavra é aquilo que nos mostra, que nos confirma como humanos.” (Coelho, 2008)

Em seu livro *Literatura: arte, conhecimento e vida*, reafirmando a importância da literatura, escreveu:

E é na linguagem literária (em seus vários níveis: poética, coloquial, jornalística, culta, vulgar, etc.) que encontramos o instrumento mais adequado, pois é nela (e não no sistema linguístico, fixado pela gramática) que o universo da linguagem existe como organismo vivo. (Coelho, 2000, p. 73).

Nelly propôs-se, ainda nos idos da década de 1960, a uma nova ordem de compreensão do texto literário. Como ela mesma afirmou, não uma “ordem radical”, mas sim “intencional”.

A ordem intencional a que se refere Nelly opera seja incidindo na decifração da temática da existência ou na dialética do existente. Na primeira vertente, temos pensadores como George Ponlet, Jean-Pierre Richard e Jean Paul Weber. Na segunda, Jean Paul Sartre, Starobinsky e G. Blin, todos eles buscando a intencionalidade imanente à obra, ou, mais amplamente, a temática. Ao ir de encontro ao pensamento existencialista, Nelly ressaltou que:

Por um momento pareceu-nos que a postura crítica ideal havia sido encontrada: tratava-se de submeter a obra literária a uma sondagem dialética que ia das partes para o todo por elas formado, enquanto o todo, ao ser apreendido, lhes daria a significação final, total e abrangente, segundo o sentido oculto que o ordenava e que à análise cabia desvendar.” (Coelho, 1984, p. 16).

Ao que chama de “vai e vem dialético”, Nelly Novaes Coelho (1984, p. 17) ponderou que: “ [...] surgiu, a princípio, como altamente satisfatório, na medida em que parecia atender à compreensão circular apontada por Dilthey, como

funcionamento de toda interpretação do homem.”

Mais adiante, sobre o pensamento psicanalítico freudiano, as concepções existencialistas sartrenianas e o materialismo marxista asseverou:

Com Freud, vai-se do vivido, consciente ou inconsciente, ao esquema psicanalítico que, uma vez reconhecido, é integrado pela consciência. Com Sartre, vai-se dos projetos particulares ao projeto fundamental da existência, a partir do qual voltamos àqueles e os esclarecemos. Com Marx, vai-se das particularidades da infra-estrutura (=o econômico a práxis) para a globalidade da superestrutura (=as ideologias diretores) que, ao ser remetida àquela, a explica. (Coelho, 1984, p.16).

O que se depreende é que, além de apontar para a “compreensão circular”, a crítica existencialista apresentava também o caráter totalizante apontado por Heidegger, quando analisa o chamado “círculo hermenêutico” como tentativa de compreensão dos fenômenos humanos. Nas palavras de Nelly:

Fenômenos que por um movimento de totalização explícita procura apanhar a totalidade implícita do sentido, revelado à luz de um saber prévio, movimento circular que longe de ser vicioso pertenceria à própria estrutura de sentido. (Coelho, 1984, p.18).

Embora reconhecesse a validade dos princípios da crítica existencialista e a intensidade de suas proposições teóricas, Nelly confessou:

[...] nossas tentativas de aplicação prática sido frustradas, pois depararam com uma séria dificuldade a vencer, como chegarmos ao conhecimento do projeto humano que daria sentido último à obra e que deveria ser buscado na pessoa do escritor? (Coelho, 1984, p.19).

Para ela, a leitura calcada no existencialismo também não correspondeu às suas incessantes buscas, pois:

Obrigava-se a ver uma crítica das relações escrita/escritor, o que dá uma evidente superioridade ao autor em relação a seu texto. Foi essa peculiaridade, basicamente negativa para uma leitura crítica que se quer de literatura e não de psicologia, o que nos decidiu a abandonar de vez a proposta existencialista. (Coelho, 1984, p. 19).

No decorrer de sua experiência acadêmica e dos exercícios de suas práticas de ensino junto a seus alunos, salientou:

Ao procedermos ao balanço das ideias críticas e procurarmos o porquê de nossas frustradas tentativas de encontrar um novo e satisfatório caminho para a leitura crítica e para o ensino de literatura, é que compreendemos a

reação humanista representada por tais posturas (=a sociológica, a psicologista e a existencialista) em face dos métodos textuais, dos 'close readings', que deixavam o homem fora de suas cogitações analíticas e interpretativas. (Coelho, 1984, p. 20)

Ao fazer uma espécie de balanço das correntes críticas mais importantes do século XX, Nelly salientou que “todas elas representaram uma tentativa de restauração da verdade humana da literatura.” (Coelho, 1984, p. 21)

O fato é que quando trafegamos pela história da crítica literária no século XX, percebemos uma alternância das concepções humanistas e científicistas.

Em seu clássico *Introdução a uma ciência pós-moderna*, o professor Boaventura de Souza Santos ao discutir as questões metodológicas e hermenêuticas contemporâneas, sabiamente observou:

O grande debate metodológico da ciência moderna tem sido sempre, desde Bacon e Descartes até hoje, o de saber qual a participação na criação de conhecimento, do sujeito e do objeto, ou, o que é o “mesmo”, qual a participação da teoria e dos fatos, ou ainda, qual a participação dos conceitos e da observação. As correntes objetivistas, naturalistas e empiristas privilegiam a participação do objeto, dos fatos e da observação, enquanto as correntes racionalistas, idealistas e subjetivistas, privilegiam o sujeito, a teoria e os conceitos. Nas suas formulações extremas, as primeiras correntes tendem a reduzir o conhecimento à ação do objeto: os objetos são pré-constituídos, a observação é neutra, o conhecimento corresponde à realidade e copia-a. Nas suas formulações extremas as segundas correntes tendem a reduzir o conhecimento à ação do sujeito: não existe realidade fora ou para além dos conceitos com que postulamos a sua existência, a observação é a teoria em ação, o conhecimento é uma invenção. (Santos, 2012, p.72)

Igualmente atenta às ideias propostas pelas concepções estruturalistas, Nelly observou:

A tentativa de elevar a linguagem literária a mesmo nível do valor e do poder da linguagem científica (=aquela que se impõe pela evidência do progresso mundial, impulsionado pela técnica) tenha atuado dinamicamente na rápida proliferação dos modelos estruturalistas. (COELHO, 1984, p.19)

Sobre o ideário estruturalista, sintetizou Coelho (1984, p.22), de modo exemplar: “À paixão da existência e à busca de seu sentido oculto, opunha-se agora a paixão do sistema. Recusa-se como superficial aquele sentido que Sartre e os existencialistas apontavam no âmago dos seres e situações.”

Em sua essência, o que o estruturalismo procurou era, segundo Nelly Novaes Coelho, um:

Sistema, um conjunto de relações que se mantêm através dos tempos, independentemente das coisas que são relacionadas por elas. Para entendermos os fenômenos era necessário, pois, procurar não o seu sentido oculto, mas o sistema que lhes era pré-existente e que os explicaria. (COELHO, 1984, p.23)

No universo do pensamento estruturalista, necessário lembrar as contribuições de Lévy-Strauss, no campo da antropologia; de Michel Foucault, no campo da história das ideias, filologia, literatura etc.), e de Lacan, no campo da psicologia.

Nelly confessou ter sido, num primeiro momento, grande seu esforço de compreensão, aceitação e adaptação aos novos procedimentos de leitura e análise de leitura, exigidos pelo “boom” estruturalista. Em suma, a investigação do texto e nada mais do que o texto, como diz Serge Doubrovsky (1966, p.32), em *Pourquoi la nouvelle critique*, se aceitarmos a definição de cientificismo como: “A ideologia que consiste em hipostasiar um método particular de investigação científica em sistema universal de explicação pela ciência, podemos dizer que o estruturalismo é o cientificismo da segunda metade do século XX.”

Parece nítido, partindo das leituras sobre a fundação do pensamento estruturalista, da qual o filósofo Gaston Bachelard foi um de seus primeiros interpretes, propondo, em seu *La poetique de l'espace* que “não é o ser que ilumina as relações, mas as relações que iluminam o ser.” (Bachelard, 1957, p.63).

Foi Bachelard, dentro do pensamento fenomenológico, que fundamenta o estruturalismo, através do que classificou por “poética das imagens”, fundindo elementos da fenomenologia e da psicanálise, quem desbravou a abertura a que Nelly define por “genial” na sondagem do texto literário.

Outro ponto a ser lembrado a respeito de Bachelard e a exigência de que a experiência seja precedida por um projeto não-cartesiano, ou seja, de que a experiência científica da crítica literária seja “colhida pela teoria antes de ser descoberta pela observação”, conforme nos ensina o filósofo em seu ensaio *Le nouvel esprit scientifique*, publicado no ano de 1934.

Cabe também atentar para o fato de que, dentro da nova forma de interpretar a produção literária, desaparece a antiga hipótese de trabalho que, posteriormente, a experiência crítica deveria confirmar ou negar.

A partir de Bachelard, a hipótese de trabalho, o projeto, o esquema, por estarem vinculados à experiência através de uma nova intuição, são tão reais quanto a própria experiência. De forma categórica, em seu *Le nouvel esprit scientifique*, diz o pensador que “a experiência científica é uma razão, uma hipótese teórica confirmada.”

Nos anos 1960, instaurou-se, nos meios universitários brasileiros, o que Nelly definiu por “império do formalismo”. Nele, os modelos substituem os temas como princípio ordenador da leitura crítica.

O que se depreende é que muitas pesquisas e análises nascidas no campo científico, dentre elas as de teor linguístico e antropológico, passaram também a nortear o campo das pesquisas literárias.

Lévi-Strauss, em seu ensaio *Antropologia estrutural*, afirmou: “as pesquisas estruturais não oferecerão quase interesse se as estruturas não forem traduzíveis”. (Strauss, 1958, p.78). Criticando os rumos que o método formalista acabaria por tomar, Nelly observou que:

Na prática, o que se viu foi uma verdadeira caça aos textos que se prestassem para a aplicação dos modelos divulgados, numa interpretação simplista dos princípios do método, ou, então, tomando ao pé da letra certas afirmações dos pesquisadores originais. (Coelho, 1984, p.24)

Em sua lúcida avaliação crítica da perda de rumos de muitos daqueles que se pautaram pelo pensamento estruturalista, ponderou: “Na defesa da objetividade indispensável a um conhecimento que se quer científico, a exigência de modelos vem impedir a presença do possível elemento perturbador do esquema: a subjetividade do sujeito pensante e criador.” (Coelho, 1984, p. 25)

Para Nelly, a aplicação estreita dos métodos estruturalistas, sob a chancela das últimas conquistas das ciências exatas e humanas e ainda confiante de que estava correspondendo às mais prementes exigências do novo mundo que se abria para o homem, também redundou em interpretações reducionistas.

No ensaio “A nova utopia: a literatura e o homem criador do futuro”, integrante do livro *Edgar Morin – religando fronteiras*, de 2004, Nelly Novaes Coelho fez pungente apelo aos seus leitores:

É urgente que este mundo belo/horrível se reumanize...mas como? Onde?, Podem perguntar os que ainda se sentem perdidos no caos atual. Sigam a “seta orientadora” que aponta para o grande caminho: o do corpo-a-corpo do eu-com-a-palavra. É no espaço dessa nova utopia que a literatura

surge como a grande via que leva à conscientização. É, conseqüentemente, como possível antídoto, à banalização/deterioração reinantes e, principalmente, como “guia iluminador” para todo aquele que se sente responsável pelo amanhã que está sendo semeado hoje. Essa pode ser, realmente, a nova utopia a ser sonhada, o homem criador de si mesmo, sabendo-se parte integrante do outro. “Por quem os sinos dobram”, perguntou Hemingway. Quem somos nós, senão Quixotes, Faustos, Hamlets, Robinsons Crusoés, Riobaldos, Dom Casmurros, Marias Mouras e outros e outras...Divididos entre o ser, o fazer e o ter, num mundo sem paradigmas? Com certeza, um dos caminhos a serem percorridos pela nova utopia é o da literatura (ponto de convergência da multiforme existência humana. Preparemo-nos para ela.. (Rosing, 2004, p. 57)

No ano de 2004, ao participar do Colóquio Europa em Obras – a construção literária e cultural de um continente, que se propunha a debater o fenômeno cultural no mundo moderno, Nelly assim se expressou:

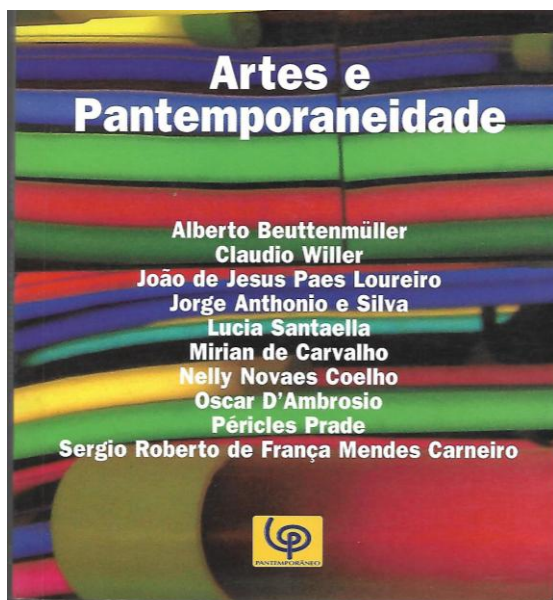
Apesar da alienante fragmentação atual, a vocação histórica do humanismo continua presente no homem. Como novo centro do mundo e se sabendo continuador da corrente da vida e da história, ele procura, através dos mil caminhos propostos pelo presente, redescobrir ou reinventar o percurso feito, antes dele, pela humanidade. Conhecendo esse percurso, ele, com certeza poderá se armar melhor para a luta que o mundo lhe opõe e poderá, um dia, dar uma nova resposta às antiquíssimas interrogações: “Quem sou eu?, “ Qual a minha tarefa no mundo?”. Um dos caminhos, sem dúvida, é o da literatura – a palavra que, desde a origem dos tempos, nomeou, tomou realidade e eternizou a efêmera aventura humana...(Coelho, 2004, p.3)

Em 2009, convidada pelo artista plástico Valdir Rocha a participar de uma coletânea sobre o diálogo entre as artes do passado e do presente, numa perspectiva interdisciplinar, intitulada *Artes e pantemporaneidade*, juntamente com nomes de proeminência da crítica literária e de artes do país, como Lucia Santaella, Oscar D'Ambrosio, Claudio Willer, João de Jesus Pais Loureiro e Péricles Prade, dentre outros, uma vez mais deixou evidente a necessidade de diálogo entre as diversas expressões artísticas, sobretudo ao citar o filósofo norte-americano Thomas Hanna:

O filósofo Thomas Hanna (*Corpos em Revolta*, 1970) vai mais longe: sua visionária “cultura somática” (que engloba Darwin, Freud, Jung, Nietzsche, Kante, Marx...) analisa a rebelião cultural que já estaria se processando nos corpos humanos, nas mentes aceleradas, nos corpos em revolta, que se agitam/atuaam no novo ambiente. Aquele que vem sendo criado/construído pela inteligência dos homens e que, ao se realizar e expandir em plenitude, com o neste nosso tempo, está transformando o próprio homem (que o criou e nele habita) ao “mutante cultural” – criador de uma nova cultura que se revolta contra a cultura herdada. Nietzsche já

antevira o surgimento do Super-Homem...Jung descobre que é o próprio homem, em sua ação transformadora sobre o mundo, que através das eras vai reelaborando as matrizes arcaicas do inconsciente coletivo (espaço de imagens arquetípicas que modelam o ego e, sobre as quais, este, por sua vez, com o tempo, acaba por atuar, reelaborando-as...).Processo esse, que se perpetua no tempo...(Rocha, 2009, p.104)

Figura 43 – capa do livro *Artes e pantemporaneidade*



Acervo pessoal

4.2 A construção de uma ciência da literatura

O pensamento estruturalista, ao buscar uma espécie de “crítica pura”, que estabelece relações não mais entre autor e leitor, mas entre a escrita e a leitura, cortou os vínculos significativos entre obra e autor.

Segundo Roland Barthes (1980) em seu ensaio intitulado *Aula*, o estruturalismo buscou a recusa do que chama por “construções da intencionalidade.” Em *Crítica e verdade*, Barthes assevera que o objeto da crítica literária “não será mais os sentidos plenos da obra, mas, ao contrário, o sentido vazio, que suporta todos.” (Barthes, 1992, p.92).

A contemplar o pensamento semiológico, em franca expansão nos anos 1960, é também Barthes, em seus “Ensaio críticos”, que afirmou: “A literatura não é senão linguagem, isto é, um sistema de signos; seu ser não está em sua mensagem, mas em seu sistema.” (Barthes, 1996, p.77).

Ao tratar das ideias de Barthes, Coelho (1984, p.23) observou que nelas: “[...] ecoam as pesquisas de Merleau Ponty, iniciadas já nos anos 1940, a nosso ver, das mais positivas entre as que se diluem nas múltiplas atitudes formalistas.” Vinculado ao estruturalismo, Merleau Ponty, segundo Nelly (1984, p.25): “[...] retomando a ideia saussureana da língua como sistema, enfatiza por um lado, a neutralidade ou a insignificância da palavra quando isolada da rede de relações que ela constrói dentro da frase, e, por outro, o poder criado da palavra.”

As reflexões de Merleau Ponty, incluídas em seu ensaio intitulado *As aventuras da dialética*, evidenciam a necessidade de nos libertarmos de toda conceituação prévia que limite a palavra dentro de uma significação rígida e endurecida, deixando-nos sempre atentos à possível invenção que ela carregue em si. Sua afirmação de que “la parole maitrise, son language” torna-se, sem dúvida, um novo ponto de partida tanto para o leitor quanto para o crítico e o professor preocupados com a essência da linguagem em relação ao ser humano.

Partindo da premissa lançada por Merleau Ponty, de que a palavra cria a linguagem e integra o próprio tecido do pensamento, reconhecendo que este último tem suas raízes no homem, podemos concluir que para chegarmos à verdade ou à essencialidade humana o melhor caminho é sondar sua linguagem poética ou ficcional. Como bem disse Nelly (1984, p.28) a respeito da importância da palavra no campo ficcional: “[...] uma vez sondada em sua rede de relações, a palavra ficcional abre caminhos para que se possa atingir a radicalidade do homem.”

Desde o momento em que passou a contemplar a extensa produção estruturalista, ponderou:

[...] encetamos, assim, novo e penoso percurso entre uma prolixa bibliografia por vezes fascinante, mas na maior parte confusa e estéril, pelo menos para nós, no que dizia respeito a experiências concretas com a obra literária e no sentido de se atingir não só o conhecimento, o seu valor em si, mas também sua importância ou significação para os homens

(e especificamente para a juventude atual que, a nós, professores, cabe orientar). Como? Para que? Haveria ainda lugar para literatura nesse mundo da imagem, da velocidade e do pragmatismo cada vez mais acentuado? (Coelho, 1984, p. 29)

Nelly afirmou não ter sido muito difícil descobrir que o estruturalismo:

[...] não era apenas um método de trabalho com a literatura, mas uma mudança de mentalidade, fazendo com que se vislumbresse a superioridade da técnica sobre a arte (ou melhor, da máquina sobre o homem) ou dos meios de comunicação de massa sobre a cultura intelectual sedimentada. (Coelho, 1984, p. 30).

Aqui julgamos importante trazer o pensamento de Gérard Genette, crítico literário francês, que embora afinado com o ideário estruturalista, conseguiu enxergá-lo criticamente, a ponto de, num de seus principais livros, *Raisons de la critique pure*, vindo a lume em 1969, ter afirmado:

Olhamos tanto tempo a literatura como um mensagem sem código que agora se torna necessário olhá-la por um instante como um código sem mensagem.” (Genette, 1969, p. 51). No mesmo livro, páginas adiante, o crítico francês, lucidamente observa: “a análise estrutural deve permitir a separação dos vínculos de formas e o sistema de sentidos. (Genette, 1969, p. 87).

Não nos gera dúvida o fato de que o exercício da leitura crítica envolve atenção quanto às suas significações. Tais significações, também parece claro, podem mudar de sentido entre uma época e outra, mas jamais podem ser ignoradas.

Indo ao encontro de nossas concepções críticas da literatura, Nelly defendeu ser “no espaço da linguagem e no encontro entre uma problemática e uma escritura que as significações do texto poderão ser apreendidas.” (Coelho, 1984, p. 36).

Voltando a Doubrovsky e a seu *Porquoi la nouvelle critique?*, é perfeita a síntese que ele faz sobre as novas perspectivas de leitura crítica, havidas naqueles anos 1960:

[...] esta língua, que manejavamos com intrépida segurança, de repente é preciso contestá-la: impossível falar de literatura de agora em diante, sem nos interrogarmos sobre a linguagem; impossível interrogarmo-nos sobre a linguagem, sem conhecermos os trabalhos no campo da linguística e da psicanálise; impossível também limitarmo-nos a esses trabalhos sem integrá-los em uma filosofia total do homem. Em suma, é a própria concepção do homem, constituída e depositada historicamente na linguagem cotidiana, a que vacila [...] O que caracteriza a cultura do nosso tempo, é a profunda renovação que ela sofreu: a imagem do homem não pode mais ser fornecida pelas humanidades tradicionais e pelo pensamento clássico. Inúmeras ciências humanas surgiram, a filosofia, nas pegadas de Husserl, mudou de fisionomia e se voltou inteiramente para a elucidação do concreto, abandonando os grandes sistemas. Nossa cultura assumindo integralmente o passado, tornou-se antropológica e é lugar de um confronto entre as ciências humanas e as filosofias da existência. [...] No confronto fundamental de nosso tempo, entre a cultura antropológica e a cultura filosófica, creio que a segunda pode fornecer o princípio de uma compreensão unitária do homem, porque ela engloba a primeira, enquanto o inverso não é verdadeiro. (Doubrovsky, 1966, p. 29)

Nas trilhas do pensamento de Doubrovsky, a revisão da leitura crítica passa pela reinterpretação da cultura e da literatura em bases antropológicas.

Num primeiro momento, a aceitação das bases antropológicas pode parecer uma simples volta ao ponto de partida humanista, aquele que compreendia a literatura e a vida, a história e o mundo como fenômenos criados à imagem do homem. No entanto, esse retorno ou essa ideia de circularidade são, no fundo, apenas aparentes. É Nelly (1984, p. 39), quem de nodo arguto, salienta que: “[...] onde parece existir um círculo, há realmente o fim de um ciclo e surge uma espiral: a volta já se dá em plano acima do plano inicial, pois no processo evolutivo do conhecimento não pode haver retrocesso.”

O pensamento de Nelly, uma vez mais, vai ao encontro do que escreveu Bachelard, em sua *O novo espírito científico*:

[...] a história humana pode bem, em suas paixões, preconceitos, em tudo que proceda de impulsos imediatos, ser um eterno recomeço. Mas o estruturalismo (juntamente com a linguística), a certa altura, afirma-se como um novo absolutismo e um novo autoritarismo no nosso cenário intelectual. De um momento para o outro, pareceu-nos que tudo estava ainda por começar em nosso trabalho profissional e que havíamos recuado para a estaca zero, pois o já feito até então nada mais parecia valer. (Coelho, 1984, p.21)

Ainda a respeito da radicalização da visão estruturalista, Nelly disse que:

[...] ao ser eliminado o sujeito pensante, como princípio ordenado, evidentemente também o modelo circular, que operava a partir de uma consciência ordenadora, é posto em questão e substituído pelos modelos estruturais anti-humanistas, que operam fora ou independentemente da consciência. (Coelho, 1984, p. 38)

Michel Foucault, em *As palavras e as coisas*, estabeleceu a formulação de que à crítica, que exige uma consciência avaliadora, opõe-se o comentário, como atitude válida para perscrutar o que denomina “a linguagem na irrupção de seu ser, interrogando-o na direção de seu segredo.” (Foucault, 1989, p. 182).

Na reinterpretação da cultura e da literatura em bases antropológicas, segundo Nelly, é que se configura um dos caminhos mais válidos em direção à conquista de uma nova postura crítica:

[...] verdade que, com a aceitação dessa dimensão antropológica, tem-se a impressão de que se fechou um círculo e voltamos ao ponto de partida humanista, a que compreendia a literatura, a que compreendia a literatura, a vida, a história, e o mundo como fenômenos criados à imagem do homem. (Coelho, 1984, p. 24)

Entretanto, segundo Nelly, o retorno ou a circularidade são apenas aparentes, pois: “[...] onde parece existir um círculo há realmente o fim de um ciclo e surge uma espiral: a volta já se dá em plano acima do plano inicial. No processo evolutivo do conhecimento não pode haver retrocesso”. (Coelho, 1984, p. 25).

Ao fundamentar seu pensamento, a partir das ideias de Bachelard, citou, uma vez mais, *O novo espírito científico*:

[...] a história humana pode bem, em suas paixões, preconceitos, em tudo que proceda de impulsos imediatos, ser um eterno recomeço. Mas há pensamentos que não recomeçam, são os pensamentos que foram retificados, alargados, completados [...] Ora, o espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento do conhecimento. (Bachelard, 1999, p. 64)

Da mesma forma, o pensamento crítico não conhece o retorno a um plano de sondagem ultrapassada, pois o seu avanço e transformação resultam sempre de uma “retificação do saber e de um alargamento do conhecimento”, conforme nos ensina Nelly.

Profunda também a lição de Edgar Morin sobre o processo de conhecimento humano, na qual Nelly igualmente se pautava:

O conhecimento deve certamente utilizar a abstração, mas procurando construir por referência do contexto. A compreensão particular necessita da ativação da inteligência geral e a mobilização dos conhecimentos de conjunto. Marcel Mauss dizia: ‘É preciso recompor o todo.’ Acrescentemos: é preciso mobilizar o todo. Certamente, é impossível conhecer tudo no mundo, bem como apreender suas transformações multiformes. Mas, por mais aleatória e difícil que seja, o conhecimento dos problemas – chave do mundo deve ser perseguido, sob pena da imbecilidade cognitiva. Tanto mais que hoje o contexto de todo conhecimento político, econômico, antropológico, ecológico constitui o próprio mundo. É o problema universal para todo o cidadão: Como adquirir a possibilidade de articular e organizar as informações sobre o mundo. Mas para articulá-las e organizá-las é preciso uma reforma do pensamento. (Morin, 2004, p.33)

Sobre os movimentos muitas vezes circulares do pensamento, Nelly Novaes Coelho afirmou: “o que pode parecer volta, será apenas a retomada de uma atitude básica que evoluiu, depois que foi abandonada pela incorporação do novo que a ultrapassara.” (Coelho, 1984, pg. 40).

Na análise do processo de evolução histórica e o que ele trouxe ao universo das concepções filosóficas, segundo Nelly:

[...] o que antes era domínio exclusivo do homem, segundo a imagem forjada pelas humanidades tradicionais e pelo pensamento clássico, passa a ser domínio do ântropo, do ser que está nas origens dos tempos e cuja essencialidade precisa ser redescoberta. É o ântropo que abre caminho ao mito a ser redescoberto ou reinventado em nossos tempos. (Coelho, 1984, p.42).

Parodiando velho ditado popular, Nelly afirmou: “diz-me como analisas e o que buscas na literatura (ou na arte, em geral) e dir-te-ei quem é ou qual é a tua época.” (Coelho, 1984, p. 45).

Depreendemos, assim, que, na verdade, cada época tem suas preferências estéticas, assim como suas idiossincrasias, muitas vezes só percebidas pelas gerações futuras.

Rastreado o pensamento de Nelly, percebemos que, simultaneamente a uma redescoberta do homem, na origem do processo histórico-literário, impõe-se a adequação do espírito crítico e científico, para que possamos compreender a literatura em seu processo de produção e recepção, como uma forma estética da práxis social.

Sobre as constantes transformações do conceito de literatura, Nelly constatou: “[...] chegaremos à permanente transformação e redefinição da literatura, uma vez que dialeticamente é o processo de mudança de função o que determina de maneira definidora a transformação da noção de literatura.” (Coelho, 1984, p. 31).

Do ponto de vista metodológico, tratando da leitura crítica, defendeu Nelly que:

[...] a leitura crítica da obra literária deve ser orientada por uma intuição que aponta a hipótese de trabalho com a linguagem. Entretanto, não se trata aqui de uma intuição inocente, mas sim armada de uma bagagem cultural sintonizada com a época em que a obra literária surgiu. (Coelho, 1984, p. 48).

Refletindo sobre a complexidade da natureza da literatura e o saber do leitor crítico Nelly observou:

[...] a bagagem cultural dos críticos é, necessariamente, diferente de um para outro, compreendendo-se, assim, que uma mesma obra possa ser objeto de diversas críticas, basicamente diferentes entre si, e, no entanto, válidas (desde o momento que tenham atingido e sondado um aspecto verdadeiro da obra). (Coelho, 1984, p. 49).

Do que expusemos até agora, partindo do pensamento de Nelly Novaes Coelho e daqueles que o embasaram na esfera teórica, é possível afirmar que uma leitura

crítica aprofundada, a dar conta do texto literário com maior amplitude, resulta da integração crítica. Portanto, a leitura crítica deverá trabalhar dialeticamente tanto com os dados literários, ou seja, a escritura e a estrutura da obra, como com os dados extraliterários, ou seja, a leitura dirigida por uma intuição primeira, com ambos caminhando juntos, de modo a iluminar o texto literário.

Nelly, observando a dinâmica do processo de capacitação de seus alunos para o desenvolvimento da leitura crítica, diz ter optado, nos cursos de graduação de que esteve à frente: “[...] por dar mais ênfase às ideias patentes ou latentes na especificidade literária das obras estudadas do que propriamente ao valor literário intrínseco, ali implícito”. (Coelho, 1984, p. 36).

A debilidade intelectual de boa parte dos alunos que chegam à universidade, fez com que Nelly vislumbasse a necessidade de:

[...] dar-lhes ideias; despertar-lhes a consciência crítica do mundo à sua volta; descobrir-lhes o poder e as possíveis funções da palavra na realização dos indivíduos, levando-os, então, a descobrir a essência literária de si, como valor autêntico. (Coelho, 1984, p. 51).

Para Nelly, o primeiro passo a ser tomado por aquele que ensina literatura é levar os seus alunos “a compreenderem com mais facilidade a função da literatura no mundo dos homens.” (Coelho, 1984, p. 52)

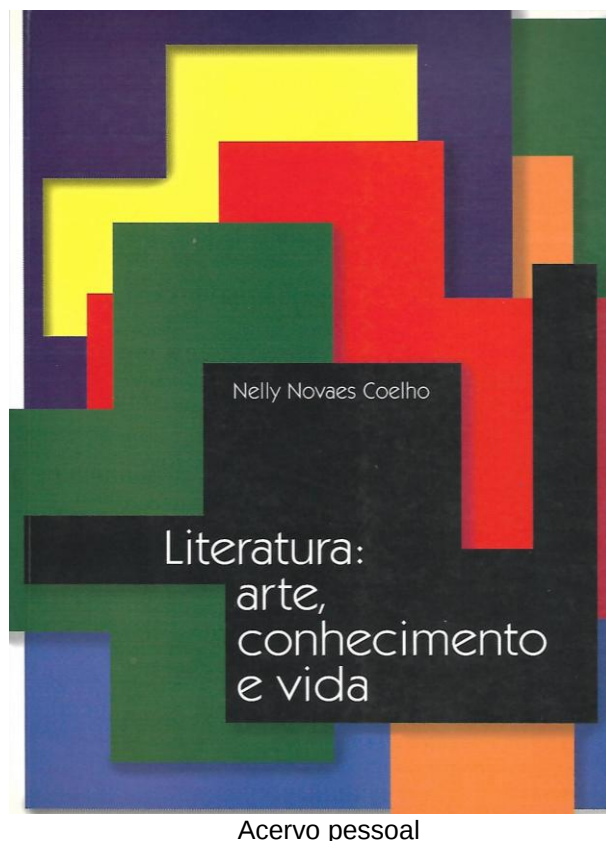
Em seu livro *Literatura, arte, conhecimento e vida*, publicado em 2000, indagou: “É a literatura um Fio de Ariadne no labirinto do ensino neste limiar de milênio?” (Coelho, 2000, p. 11).

No mesmo livro, atentou para o fato de que sua interrogação é feita em face de um horizonte de expectativas em que se entrelaçam os seguintes fatores:

1. O atual momento de caos e transformações estruturais profundas, em que está engendrado um novo mundo, cujo conhecimento global ainda escapa a qualquer tentativa de organização;
2. A nova óptica de conhecimento da complexidade e o novo método de pesquisa (inter ou transdisciplinaridade) que, nos anos 1960, surgiram na área dos estudos avançados (restritos a especialistas) e que, nos últimos dez anos (1990-2000) já se tornaram temas de debates públicos em congressos, seminários, etc., com a proposta de uma nova linha de pensamento que corresponda à complexidade das realidades descobertas pela ciência pós-Einstein;
3. O ensino, esfera de ação que, pro natureza, deveria ser a cúpula do organismo social (ou a síntese dos valores consagrados pela sociedade), hoje, devido ao processo de mutação em curso no mundo, passa igualmente por um período de ‘troca de pele’: as estruturas e os métodos tradicionais estão superados e a renovação educacional necessária ainda está em gestação;

4. A literatura, a palavra escrita, a leitura, que há muito passaram para o plano secundário no contexto da nossa aldeia global (o mundo sem fronteiras, monitorado pela imagem, som, velocidade, visualidade, virtualidade, etc.) vêm sendo resgatados como forma (ou meio) mais eficaz para a nova leitura de mundo que se faz urgente para a formação de crianças e jovens ou para a reciclagem de adultos (Coelho, 1984, p. 20).

Figura 44 - capa do livro *Literatura, arte, conhecimento e vida*



Na apresentação de *Literatura e linguagem* salientou, ainda na primeira metade dos anos 1970:

Nesta época de crise de paradigmas, de falência das ideologias e de saturação da imagem (via multimeios de comunicação), urge que o jovem se descubra como importante elo da longa corrente da vidas e encontre o seu verdadeiro lugar neste mundo em acelerada transformação. Um dos caminhos mais fecundos para esse encontro é o da literatura que, através dos tempos, vem transformando em palavra a longa jornada do homem no mundo, mostrando que a vida é um contínuo aprendizado e que a criação literária é um grande laboratório, onde o conhecimento da vida se processa. (Coelho, 1993, p.22)

Em entrevista concedida ao jornalista Antônio Lisboa de Moraes, do jornal *Opção*, de Goiânia, a 15 de novembro de 1998, quando por ele perguntada sobre

sua opinião a respeito do que disse o escritor norte-americano Gore Vidal, para quem “a teoria literária quer destruir a literatura”, declarou:

A linguística e a teoria da literatura, a semiótica, aquelas disciplinas que investigam o mecanismo da linguagem, se impuseram como o olhar novo sobre a literatura. Elas usam a literatura como pretexto para mostrar um método. Daí, quando se vai ler um ensaio através da ótica da teoria da literatura, formalista, seja da corrente americana ou francesa, se vê a demonstração de um método de aprofundamento dos mecanismos de composição de linguagem. E não a obra. Então, nesse caso, ele tem razão de dizer que se vai deixar a obra em segundo plano. Na verdade, essas correntes não têm a intenção de compreender a literatura, mas demonstrar instrumentos de investigação linguística. Elas acabam usando a literatura como um documento. A crítica que pratico usa todo esse instrumental complexo em função do que a obra literária nos pede. Não vou ter uma postura estruturalista para ler a obra. Mas a obra é quem vai me dizer quais os instrumentos que devo usar para revelá-la ao leitor. (Moraes, 1998, p.2)

Na mesma entrevista, ao ser indagada sobre se a crítica literária impressionista era descartável, respondeu:

Digamos que seja descartável no sentido de que o leitor que está escrevendo a respeito esteja preocupado com a repercussão da obra nele mesmo. Isso pode ser uma curiosidade, para mostrar a percepção daquele crítico. Se se está interessado na personalidade dele. Nesse caso, fica descartável. Se se tem como objetivo a obra literária, não vai se fiar na impressão de um leitor, por mais inteligente e sensível. A não ser por curiosidade, para saber o que alguém superinteligente e fluente pensou e escreve de tal obra. (Moraes, 1998, p.3)

Ao estabelecermos o diálogo entre o pensamento e as proposições de Nelly Novaes Coelho e o pensamento do filósofo da linguagem Jorge Larrosa, percebemos vários pontos em conexão entre ambos, especialmente se nos pautarmos para o que diz o pensador espanhol em seu livro *Linguagem e educação depois de Babel* (2004), no qual observou que:

[...] o discurso da pedagogia tem sido composto por uma gramática de regras finitas”. Em seus questionamentos sobre o ato da leitura o filósofo espanhol poderá: “Cada dia lemos, às vezes falamos de nossas leituras dos outros, todos nós sabemos ler e, às vezes, ensinamos outros a ler, habitualmente usamos com plena normalidade e competência a palavra ler...mas, talvez, ainda, não saibamos o que é ler e como tem lugar a leitura. (Larrosa, 2004, p.27)

Igualmente a Nelly, Larrosa nos instiga para sairmos dos velhos paradigmas do pensamento pedagógico e para nos centrarmos na intrínseca relação entre a experiência e o sentido.

É também Larrosa quem nos fala em “habitar literariamente a educação”, uma

vez mais confluindo para o que preconiza Nelly Novaes Coelho, defensora da ideia de que a literatura é o ponto de partida para a reforma do ensino.

Roland Barthes, a refletir sobre as questões envolvendo a linguagem e a escrita, considerou, em seu livro *Aula*, fruto de sua aula inaugural de Semiologia Literária, no Collège de France, que a literatura “faz do saber uma festa” e “se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor”:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoé*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso do socialismo ou da barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no momento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, Isto é o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza, nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto e esse indireto é precioso. Por outro lado, ela permite designar saberes possíveis, insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação e esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. (Barthes, 1980, p.30).

O filósofo Edgar Morin, por cujo pensamento Nelly, a partir dos anos 1970, passou a se interessar, dá-nos outra lição perene sobre o papel da literatura, contida em *Meus Demônios*:

A Literatura teria superioridade sobre a história e a sociologia; ela considera os indivíduos como inseridos num meio, numa sociedade, numa história pessoal. Ela trata dos seres enquanto sujeitos, com suas paixões, seus sentimentos, seus amores, todas as coisas que, falando do singular, do concreto, das individualidades, são mais facilmente apagadas pela sociologia. Aí reside sua superioridade: em Proust, Dostoiévski e em tantos outros vocês tem a realidade humana em sua plenitude. (Morin, 1997, p. 88).

Em trabalho que sintetiza de forma exemplar os problemas do ensino da literatura em nosso país, sob o título *Na história do ensino da literatura no Brasil – problemas e possibilidades para o século XXI*, a professora Maria do Rosário Longo Mortatti observou:

[...] o ensino da literatura é um momento didático-pedagógico do ensino escolar formal, intencional e organizado, que, por sua vez, integra o processo de formação (integral), com a finalidade de contribuir para o processo de emancipação humana. Assim, na expressão “ensino de literatura”, tem-se, simultaneamente, a indicação de objeto de ensino escolar e de um momento específico de ensino e aprendizagem, que

integra o processo educativo e que se refere ao lugar e à contribuição da literatura para a educação, por meio do ensino.” (Mortatti, 2014, p.29)

No recém-publicado *Depois do fim – conversas sobre literatura e antropoceno*, o escritor Paulo Scott, em seu ensaio “Linguagem, intemperança e direito à literatura”, ao refletir sobre a importância da literatura em nossas vidas e a dialética que ela compreende, mencionou o crítico literário e professor Antonio Candido:

Ainda em Candido: “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso, é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscria; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes.” E adiante: “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos de bem e o que chamamos de mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Por fim, “Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.” (Secches, 2022, p.94)

Na conclusão a seu ensaio, Paulo Scott, com clareza e força constatou o poder inquestionável que a literatura carrega se quisermos nos conhecer de modo mais real e profundo:

Um país, uma sociedade, um governo, precisam entender que sua própria existência, a partir da lógica de acelerado consumo do planeta, estabelece, sob qualquer ângulo, uma dinâmica, um trajeto, de não retorno, uma partida. Na preocupação e no registro de Antonio Candido está uma solução para um modo de interromper essa inércia. Se a presença e esse avanço são irreparáveis, justo pela falta de visibilidade do problema, pela falta de debate, a solução poderia estar na chamada de um número maior de agentes à participação, à ocupação do protagonismo, por meio de um debate público nunca ocorrido, mediado pela arte, pela literatura, porque disso, desse acolhimento, vem o engajamento, vem a responsabilidade. Há etapas para chegar a essas consciências; a literatura é uma delas, mas, como já explicitado, há outras tantas etapas para chegar à literatura, à sua dimensão mais complexa. A presença humana passará pelo acirramento das leituras divergentes a respeito do futuro e da afirmação da dignidade da existência que, para se realizar, precisa avançar no alcance de melhores condições, muito além das mínimas condições, para os que são excluídos. E tudo isso passará pela inevitável revisão dos direitos – da qual participarão os que não querem direito nenhum aos outros, a todas e todos, não haverá, para quem quer que seja, direito algum.” (Secches, 2022, p.95)

No ensaio “O que o discurso literário ensina ao pesquisador” (2015), Ângela Castello Branco Teixeira, Giuliano Tierno de Siqueira e Luiza Helena da Silva Christov, discutem sobre os aprendizados de escrita no contato com o discurso literário, indagando o que literatura ensina ao pesquisador e refletindo quais são os

aspectos em que o discurso das ciências humanas pode aprender com o discurso literário, a partir da leitura do poema ‘O mar e o canavial’, de João Cabral de Melo Neto.

Nas linhas finais de seu trabalho, os autores, poeticamente, respondem quais são os ensinamentos da literatura a seus pesquisadores: “Inventar. Trazer a voz. A cor. Daquilo que foi pesquisar.”

A síntese oferecida pelos ensaístas, a partir da leitura do poema de João Cabral de Melo Neto, sem a menor dúvida, foi exatamente o caminho buscado pela professora Nelly Novaes Coelho em sua trajetória como docente e pesquisadora, ao longo de mais de cinco décadas, permitindo a todos aqueles que tiveram o privilégio de assistir às suas aulas e ler às suas obras, uma profunda reflexão sobre o poder transformador que a literatura exerce em nossas vidas.

No volumoso livro *Linhas e entrelinhas – homenagem a Nelly Novaes Coelho*, o escritor Caio Porfírio Carneiro observou de modo bastante sensível a estatura intelectual e humana da grande mestra para tantas gerações:

Para além da doutora em letras, professora universitária, ensaísta, pesquisadora, crítica literária, conferencista, dicionarista, articulista versada nos mais variados temas no mundo das letras, do passado ao presente – Nelly Novaes Coelho sempre foi para mim, desde que a conheci, nem sei quando, lá pelos idos do final da década de cinquenta do século que passou, uma criatura rara. Eu nunca vi, ao longo de todas essas décadas, uma única vez, a Nelly aborrecida, sem aquele sorriso amigo, aquela alma cativante, aquela simplicidade plena de carinho e afeto, para com amigos e desconhecidos. É a sua maneira de ser, que nos leva a ter, para com ela, uma admiração toda especial. (Carneiro, 2003, p. 54)

Aos 101 anos, em 2022, o professor e filósofo Edgar Morin, amigo querido de Nelly Novaes Coelho, publicou pequeno livro, intitulado *Despertemos*, com algumas reflexões sobre o conturbado momento por que passa o planeta com a ascensão de movimentos ideológicos autoritários em vários países, mesmo naqueles com elevados níveis educacionais. Nele trata do que define por “metamorfose humanista” por que vem passando a humanidade, “... iniciada com a abolição da escravidão e continuada pelas descolonizações...” e que “tende a humanidade plena de todas as pessoas, apesar dos racismos e supremacismos abjetos, apesar do sectarismo dentro dos próprios movimentos de emancipação.” (Morin, 2023, p.54).

Em suas ponderações sobre a encruzilhada em que se encontra o mundo contemporâneo, como tem feito ao longo de sua vida, Morin, assim como o fez Nelly

Novaes Coelho, exalta, noutro trecho de *Despertemos*, a importância da literatura e da educação na construção do que define por “metamorfose humanista”:

Ao mesmo tempo, a metamorfose começou na relação homem/mulher desde as Sufragistas do final do século XIX até os grandes movimentos feministas e o #MeToo de hoje, tendendo a uma reforma antropológica capital. Também começou com as inúmeras associações e movimentos de solidariedade que ainda se chocam contra os egoísmos e as compartimentações sociais. Começou com a extensão da cultura para além das castas superiores e com as grandes obras de Montaigne, Shakespeare, Goethe, Tolstói, Dostoiévski, que possibilitam olhar de frente para a condição humana. Começou nas ciências microfísicas, cosmo-físicas, biológicas e humanas, em que o racionalismo estreito do determinismo declina em proveito de uma racionalidade aberta que reconhece as complexidades. Poderia continuar com uma grande reforma na Educação que generalizasse uma reforma do pensamento (Morin, 2023, 55)

Ainda a lembrar o filósofo Edgar Morin, desta feita noutro trabalho recente seu, *Lições de um século de vida*:

Escritores, filósofos e acadêmicos sofrem de desmedido complexo de reconhecimento. Cada um gostaria de ser reconhecido, se não como gênio, pelo menos como o melhor entre seus pares. Cada livro é como um filho querido para o qual se espera um destino glorioso que repercutirá sobre seu autor.

Daí advém orgulhos, vaidades, desprezos, maldades, às vezes calúnias contra os que são vistos como rivais ou, pior, como inimigos. (Morin, 2021, p.105)

Sabendo como poucos dialogar com o passado e suas tradições, sem, no entanto, apenas repeti-lo mecanicamente, tal qual comumente faz o ensino tradicional, Nelly Novaes Coelho manteve-se sempre atenta às mudanças de paradigmas, porquanto, tal qual salienta a psicopedagoga e arte-terapeuta Cristina Dias Alessandrini:

Afinal, o passado pode ser reconhecido como um parâmetro – o que devemos ou não manter em nosso rol de prioridades – devidamente atualizado para os contextos do presente, que constroem um futuro com mais consciência e integridade, com mais amorosidade e pertinência, enfim com mais sentido. Diante dessa premissa, somos participantes de uma revolução silenciosa em que guerreiros de uma nova ordem encontram respaldo para uma atuação qualitativamente conectada em uma maneira mais humana de educar, em moldes maleáveis e em estruturas flexíveis de ensino. É claro que as antigas salas de aula permanecem vibrando com novas configurações que delas emanam. Sem dúvida, regras e diretrizes norteiam a ação educacional nos vários contextos de significado do que e do para que ensinar, do como e do quando desenvolver esta ou aquela dinâmica com certo grupo, certa classe. (Alessandrini, 2001, p. 103)

Como tão bem atentou o professor Jorge Larrosa em palestra realizada no ano

de 2004, na Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada “A operação ensaio – sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida”, que dialoga extensamente com a contribuição de Nelly Novaes Coelho no campo do ensaísmo literário nacional:

[...] no ensaio, não se trata de presente como realidade, mas como experiência. No ensaio trata-se de dar forma a uma experiência do presente. É essa experiência do presente a que dá o que pensar, a que deve ser pensada. A questão do ensaio é o que nos acontece agora, quem somos agora, o que podemos pensar e o que podemos dizer e o que podemos experimentar agora, neste exato momento da história. Por isso, quando o ensaísta adota a máscara do historiador, o tema de suas histórias não é o passado, mas o presente. O que interessa ao ensaísta-historiador é a história do presente: não a verdade de nosso passado, mas o passado de nossas verdades; não a verdade do que fomos, mas a história do que somos, daquilo que, talvez, já estamos deixando de ser. (Larrosa, 2004, p. 34)

Merece igualmente atenção o que disse a professora Ligia Chiappini a respeito da democratização da leitura, em *Reinvenção da catedral*, obra fundamental sobre o ensino da Língua e da Literatura:

Tratar da democratização da leitura é tratar de manuais didáticos, da escolha de livros e de métodos; tratar com amplitude política a questão educacional é descer simultaneamente à concretude do trabalho em sala de aula. Não há um antes para estabelecer uma política de leitura, um antes para identificar “condições de produção”, um antes para “esclarecer as determinações de classe do leitor”, para, depois, discutir concretamente uma “pedagogia da contestação”. (Chiappini, 2005, p.179)

Por fim, em trabalho intitulado “A escrita de si no texto acadêmico – potência e cuidados no convite ao conhecimento”, apresentado no IX Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, em junho de 2021, a professora Luíza Helena da Silva Christov trouxe questionamentos que em vários aspectos dialogam com a universalidade e atemporalidade da obra da professora Nelly Novaes Coelho, toda ela permeada por sólidas raízes humanistas:

A filosofia do século XXI, em diálogo com a psicanálise e com as análises sociológicas e históricas que revelam a constatação de que a história humana não é história de progresso ou da edificação de sociedades igualitárias, reúne diferentes filósofos em torno do compromisso de pensar a experiência humana como imponderável, como devir, como acontecimento, como imbricado de múltiplas relações de difícil determinação. Teoria da Complexidade, que tem em Edgar Morin um notório representante, permite pensar as diversas camadas do real, sem reduções e simplificações banalizadoras de experiências. (Christov, 2021)

4.3 A nova Base Nacional Curricular (BNCC) no ensino da literatura e o pensamento de Nelly Novaes Coelho

Conforme ponderou o professor André Cechinel (2019, p. 1), da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC): “[...]em nome de uma educação supostamente crítica, a BNCC precariza a potência de fato formativa do literário e daquilo que não tem uma aplicabilidade imediata

Ao tratar do que classifica por competências, a BNCC, que entrou em vigor no ano de 2018, Cechinel salientou:

A partir das [...] dez competências gerais da Educação Básica, listadas na introdução, surgem, então, as competências específicas de cada uma das quatro áreas do conhecimento que compõem o Ensino Médio: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. São as competências de cada área, por sua vez, que definem as habilidades que serão desenvolvidas ao longo do Ensino Médio. (Cechinel, 2019, p.2)

No caso específico da Língua Portuguesa, objeto da competência Linguagens e suas Tecnologias, a BNCC estabelece um total de sete competências específicas e 53 habilidades que devem ser organizadas pelo que denomina cinco campos de atuação social: campo da vida pessoal, campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo da atuação na vida pública. Cabe-nos ressaltar que a literatura situa-se, especificamente, no campo artístico-literário, composto, na BNCC, por nove habilidades específicas. De acordo com o professor Cechinel, em seu ensaio sobre a BNCC:

Para além do desconforto que significa localizar todo o percurso formativo em torno de códigos matemáticos e de uma mecânica fechada de meios e fins que estimula um procedimento adaptativo, por meio de uma estrutura conceitual que em muito se aproxima da linguagem do empreendedorismo de si que caracteriza a nova razão de mundo [...] os alunos devem desenvolver competências e habilidades vinculadas a campos específicos que, na verdade, em sua maioria, flertam de perto com os espaços de atuação profissional, evidenciando a aversão da BNCC a processos intransitivos ou mesmo inúteis, num utilitarismo em profunda sintonia com o espírito de nosso tempo. Essa política do uso ou da aplicação imediata significa, para a literatura, em particular, a sua própria negação. Como já se disse várias vezes, a literatura encerra uma experiência que não pode ser operacionalizada [...] Nesse sentido, não se trata apenas de afirmar que não há qualquer vínculo direto entre a literatura e a promoção de competências e habilidade, mas sim de lembrar que o caráter formativo da literatura se apresenta na utilidade de sua inutilidade [...].Na BNCC, tudo serve para alguma coisa, não havendo lugar para restos, resíduos,

negatividade, dispêndio, etc; por conta disso, o literário emerge controlado pela necessidade de promover um determinado fim ou uso não raro exterior a ele. (Cechinel, 2019, p. 5)

A atual BNCC, no que se refere ao ensino da literatura, segundo o professor Cechinel:

[...] faz prevalecer o que chama de “escolha individual, [...] problemática no que tange aos estudos literários como um campo crítico constituído de objetos particulares e recorrentes, que não podem nem devem, portanto, resultar da simples motivação criativa individual, principalmente numa fase em que o contato com a literatura necessita da escola para passar por um amadurecimento analítico e criativo. Sem o enfrentamento desde cedo com as dificuldades que a escrita e a leitura literária impõem, é a própria literatura que sai perdendo, pois além de não formar um público leitor específico, exigente e atento às particularidades da obra, ela permanece reduzida a uma imediatez irrefletida que alimenta um imenso clube de escritores cujas produções apenas se assemelham a diários íntimos repletos de anotações e sentimentos intercambiáveis entre si e que, com isso, oferecem testemunho concreto da irrelevância do campo para a vida escolar. (Cechinel, 2019, p.6)

O utilitarismo da atual BNCC, não leva em conta, segundo o professor Cechinel, que “[...] falar de literatura é, sobretudo, falar de uma relação específica com o tempo, ou melhor, operar uma mudança no modo como nos entregamos, temporalmente aos objetos.” (Cechinel, 2019, p.10)

Em suas digressões de cunho filosófico, Cechinel afirmou que “[...] a literatura apenas se mantém literária se sua experiência se mantiver exterior ao utilitarismo que domina o nosso mundo e, não por acaso, também a BNCC.” (Cechinel, 2019, p.11)

O pesquisador Rafael Vicente Ferreira, ao também mergulhar no texto da BNCC de 2018, muito oportuna e lucidamente observou que:

[...] essa maquinaria, apoiada no discurso de um sujeito neoliberal, empreendedor, resiliente e conservador, pretende determinado processo de subjetivação, pretende contingenciar as categorias de linguagem, subjetivação e sonho que utilizamos para narrarmos a nós mesmo aquilo que somos e fazemos. A produção desse regime de verdade tem como alvo a totalidade dos corpos do aparato escolar – estudantes, docentes, coordenação, direção, gestão – produzindo uma qualidade específica da experiência e produção de si dentro de seus critérios positivos. Dentro do aparato escolar, o governo da alma produz a todos com seu sonho neoliberal, sendo que a tarefa de sonhar, quem a faz, somos nós mesmos. Que sonho de resistência e potência sonharemos diante desse governo da alma. (Ferreira, 2021, p.27)

A confrontar-se ao reducionismo proposto pela atual BNCC quanto ao ensino da literatura, conforme buscamos mostrar nos tópicos anteriores, Nelly Novaes Coelho,

sensível ao universo repleto de infinitudes que é o literário, desde o início de sua atuação como docente e pesquisadora, nos propôs a ideia de que os saberes jamais se reduzem a qualquer espécie de tecnicismo, visando a resultados imediatos e previsíveis. Como ela mesma dizia, o mais importante é “[...] a subjetividade do sujeito pensante e criador.” (Coelho, 1984, p.20).

Considerando-se a contribuição de Nelly Novaes Coelho e os recentes debates provocados em torno da BNCC, percebemos que a legislação vigente muito pouco acena para a valorização do ensino da literatura na educação básica, para uma formação que indique às nossas crianças e aos nossos jovens o real caminho e a importância do exercício da cidadania. Para tanto, imperiosa se faz uma formação cidadã.

Ocorre-me, após essas breves digressões sobre nossa recente BNCC e o ensino da literatura, as atualíssimas, apesar de redigidas há mais de 40 anos, linhas do professor Paulo Freire, em seu fundamental *A importância do ato de ler*:

Uma das qualidades mais importantes do homem novo e da mulher nova é a certeza que têm de que não podem parar de caminhar e a certeza de que cedo o novo fica velho se não se renovar. A educação das crianças, dos jovens e dos adultos tem uma importância muito grande na formação do homem novo e da mulher nova. Ela tem de ser uma educação nova também, que estamos procurando por em prática de acordo com as nossas possibilidades. Uma educação completamente diferente da educação colonial. Uma educação pelo trabalho, que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentive os educandos a pensar certo. Uma educação que não favoreça a mentira, as ideias falsas, a indisciplina. Uma educação política, tão política quanto qualquer outra educação, mas que não tenta passar por neutra. Ao proclamar que não é neutra, que a neutralidade é impossível, afirma que a sua política é a dos interesses do nosso povo. (Freire, 1994, p.86)

De modo complementar ao pensamento de Paulo Freire, a educadora Silvia Castrillón, em seu ensaio *O direito de ler e de escrever*, destacou:

Tenho razões para crer que ganharíamos muito se inscrevêssemos os programas de incentivo à leitura e à escrita em projetos políticos de mudança social, de participação, de democratização, para os quais a melhora da educação é uma condição básica. (Castrillón, 2011, p.65)

A refletir sobre o papel dos cursos de licenciatura, que muitas vezes formam de modo fragmentado seus alunos, Bernadete A. Gatti, em “Formar professores: os dilemas da formação e educação escolar em artes”, propõe o que podemos chamar de nova ordem de aprendizagem para os educandos:

[...] precisamos nos preocupar em garantir para as novas gerações aprendizagens significativas, considerando que o fato educacional é cultural, que o papel do professor é central e que o núcleo do processo educativo é a formação dos alunos; processo que se constitui pelo entrelaçamento de fatores cognitivos, afetivos, sociais, morais, dos conhecimentos, dos fazeres, do uso das técnicas ou de recursos diversos, etc., na direção de um pensar que possa distinguir fatos e questões e ter sentido crítico na direção de um pensar que possa distinguir fatos e questões e ter sentido na direção de sua autonomia de escolhas. (Gatti, 2018, p.73)

A pouca atenção tantas vezes dada à educação, tema que ao longo de sua vida Nelly Novaes Coelho nunca deixou de colocar em primeiro plano, recentemente foi objeto do livro *Diálogo/educação* das filósofas Marcia Tiburi e Nadja Hemann. Foi Marcia Tiburi quem trouxe a oportuna e triste constatação:

Em um mundo que desvaloriza a educação, a alma de cada um está também abandonada. No lixo social em que só vale o que pode ser consumido o que faz aparecer, esperamos que a vida se resolva por si só. Nesse contexto, em que se ama uma resposta, porque se tem medo da própria vida, tantos pressupõem uma natureza ou uma verdade prévia que explique o ser humano em função de classe, cor, sexo, etnia, país. A educação sofre e ideologia de um mundo pronto e acabado em que o ser humano abandonou sua potência mais rara, a capacidade de pensar. Uma educação para a liberdade e emancipação que nos leve para longe dessa triste ideologia parece impossível. (Tiburi, 2014)

A professora Izabel Cristina Petraglia, em seu revelador ensaio *Edgar Morin – a educação e a complexidade do ser e do saber* salientou a debilidade de nossos currículos escolares, atribuída, sobretudo, à sua fragmentação:

O currículo escolar é mínimo e fragmentado. Na maioria das vezes, peca tanto quantitativa quanto qualitativamente. Não oferece, através de suas disciplinas, a visão do todo, do curso e do conhecimento uno, nem favorece a comunicação e o diálogo entre os saberes; dito de outra forma, as disciplinas com seus programas e conteúdos não se integram ou complementam, dificultando a perspectiva de conjunto e de globalização, que favorece a aprendizagem. (Petraglia, 2001, p.69)

Edgar Morin (200, p. 24), em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, ensaio que viria a se tornar um clássico da filosofia da educação, ao tratar do chama por “as cegueiras paradigmáticas”, observou: “Não se joga o jogo da verdade

e do erro somente na verificação empírica e na coerência lógica das teorias. Joga-se também, profundamente, na zona invisível dos paradigmas. A educação deve levar isso em consideração”.

No ano de 2003, em conferência que apresentou no SESC São Paulo, a que deu o título de “A nova utopia: a literatura e o homem criador do futuro, Nelly Novaes Coelho citou o que o pensador francês Jean Onimus chama por “Cultura-mosaico” e as suas consequências no universo da educação:

Engendra-se a “cultura mosaico” [...], difundida pelos multimídias (TV, internet, videogames, etc.), cultura de fragmentos díspares, na qual tudo vale tudo, portanto, nada vale nada. É esse momento em que nos é dado viver. Cabe-nos, pois, enfrentar o desafio desse novo e inabarcável real e ficarmos atentos às novas óticas que vêm sendo apontadas pelos pesquisadores e pensantes.

É em face dessa nova realidade *in fieri*, que o problema da educação se coloca como um desafio ao mundo pensante. Em todas as nações multiplicam-se as discussões sobre urgentes reformas de ensino. [...] Esse o grande desafio deste novo século: religar os saberes dentro de uma nova estrutura globalizante. (Coelho, 2003, p.4)

A respeito do insucesso das diversas Leis de Diretrizes e Bases em nosso país, desde os anos 1950, na mesma conferência realizada no SESC São Paulo, valendo-se de seu olhar crítico sempre atento, disse:

No Brasil, desde os anos 50/60, o ensino entrou em crise aberta: as sucessivas Leis de Diretrizes e Bases, que vêm tentando reequacionar os sistemas de ensino nos vários graus, não têm alcançado mudanças básicas. O que é compreensível, pois, por natureza, o sistema educação/ensino deve ser o cume ou a síntese do sistema ético-sócio-político-econômico consagrado pela sociedade. Como esta, há muito, entrou em crise estrutural, evidentemente, as novas propostas educacionais não têm condições de se organizarem como um todo coerente. Continuaremos (como os demais países, a despeito das naturais diferenças entre cada um em processo de experimentação).

Novas teorias, métodos e saberes vêm sendo divulgados e aplicados por pequenos grupos, com maiores ou menores resultados, mas sem alcançar a maioria das escolas. [...] Os currículos precisam ser adaptados aos novos tempos. Exige-se uma mudança de mentalidade. E como sabemos isso é difícil, exige muito tempo de maturação. Daí a inevitável situação a que chegamos, como Margaret Mead define bem: “chegamos ao ponto em que temos que educar as pessoas naquilo que ninguém sabia ontem e prepará-las para aquilo que ninguém sabe ainda, mas que alguns terão que saber amanhã”. E pouco antes, já Marx, diante das novas ideias que defendia, dissera: “quem irá educar os educadores?”. Enfim, diante dessa realidade (que somos impotentes para alterar a curto ou médio prazo) a possível saída está na adesão à Nova Utopia: cada qual, dentro de suas circunstâncias de vida, assumir-se como um criador do futuro e se organizar para tal. Comom dizia Ortega y Gasset: “yo soy yo y mis circunstancias”. (Coelho, 2003, p.5)

Defensora da ideia dos temas transversais dentro dos parâmetros curriculares, a demonstrar suas sólidas preocupações com o destino da humanidade, Nelly observou que:

Embora ainda não esteja fundamentado numa teoria explícita, parece claro que a ideia básica desse novo projeto é levar os educandos a descobrirem que cada realidade unitária, estruturada como algo completo em si, na verdade pertence a uma realidade maior, um todo abrangente e ao qual ela está ligada por certas vias comunicantes. Nessa ordem de pensamento, o educando acabará por assimilar a ideia de que o mundo é um valioso ecossistema, que precisa ser preservado por todos, para que a espécie humana não pereça, pois o homem é um ser da natureza, antes de ser moldado pela civilização que ele mesmo criou. E mais: descobrir que o seu eu, aparentemente isolado e independente dos demais, pertence realmente a um grande ser, que é a humanidade, a qual para existir, depende visceralmente que cada indivíduo que há constitui cumpra a sua tarefa. (Coelho, 2000. p.22)

Sua abrangente leitura de assuntos que extrapolavam as ciências humanas, fez com que lesse, nos anos 1990, o livro *O ponto de mutação – a ciência, a sociedade e a cultura emergente*, do físico austríaco Fritjof Capra, defensor da educação ecológica, para quem:

Todo e qualquer organismo – desde a menor bactéria até os seres humanos – passando pela imensa variedade de plantas e animais, é uma totalidade integrada e, portanto, um sistema vivo. [...] Porém, os sistemas não estão limitados a organismos individuais e suas partes. Os mesmos aspectos de totalidades são exibidos por sistemas sociais – como o formigueiro, a colmeia ou uma família humana – e por ecossistemas que constituem numa variedade de organismos e matéria inanimada em interação mútua. O que se preserva numa região selvagem não são as árvores ou organismos individuais, mas a teia complexa de relações entre elas. (Capra, 1991, p.4)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais de seis décadas, de forma intensa e ininterrupta, a professora e escritora Nelly Novaes Coelho dedicou-se ao trabalho docente com raro talento e dedicação, a quase totalidade desse tempo, à docência de nível superior.

Nascida numa época em que a opressão sobre as mulheres, fruto de uma sociedade patriarcal que até hoje insiste em fazer-se presente entre nós, foi desde muito jovem uma desbravadora pela conquista de espaços no mercado de trabalho e no universo acadêmico.

O sonho frustrado de tornar-se pianista não a impediu de trilhar por outros caminhos e tornar-se, quando já passava dos 30 anos de idade, casada e mãe, intelectual profícua, cuja extensa obra, no campo da crítica literária e do ensino da literatura é até hoje referência para muitas gerações de estudantes e profissionais das letras.

Figura de afazeres múltiplos, paralelamente à brilhante carreira docente na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde orientou pesquisas de pós-graduação até os 90 anos, foi articulista de importantes veículos de imprensa, nacionais e estrangeiros, com destaque para o período em que assinou, semanalmente, críticas de resenhas de livros para o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, a convite de seu diretor, o professor e escritor Décio de Almeida Prado.

Sua intensa atividade no *Suplemento Literário* permitiu que estabelecesse sólidas amizades com muitos dos nomes mais proeminentes da literatura brasileira produzida a partir da década de 1940, deles angariando profundo respeito e admiração.

Visionária, ainda nos anos 1970, percebendo que a literatura infantil e juvenil não era devidamente observada na esfera acadêmica, criou na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo a disciplina Literatura Infantil e Juvenil, publicando, no início dos anos 1980, seu célebre *Dicionário de Literatura Infantil/Juvenil Brasileira*, referência obrigatória para os estudiosos da área.

Antes disso, ainda nos 1960, quando lecionou Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, foi a responsável por apresentar ao leitor brasileiro o genial escritor argentino Jorge Luis Borges.

Também foi verdadeira ponte entre as literaturas brasileira e portuguesa, ao divulgar por aqui os autores e livros dos mais destacados nomes da poesia e da prosa lusitana. E em Portugal, onde assinou uma coluna sobre autores brasileiros, numa das mais importantes revistas daquele país, a “Colóquio Letras”, fez com que autores e obras surgidos em nosso país, sobretudo a partir dos anos 1950, fossem divulgados.

Precursora nos estudos sobre a representatividade feminina na literatura, além de uma obra que se tornou referência na área, *A literatura feminina no Brasil*, escreveu o monumental *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, obra central que reúne desde o Brasil colônia, informações sobre as mulheres que se dedicaram às letras.

Desde muito cedo, preocupou-se com as questões relativas à formação de professores em nosso país, com a visão demasiadamente academicista das universidades, que se dedicando mais à pesquisa, muitas vezes deixa de lado a formação para boas práticas docentes.

Sua longa e produtiva vida, marcada por um legado humano e intelectual ímpar, certamente haverá de ser lembrada não só por aqueles que foram seus amigos e alunos, mas também pelas novas gerações.

Fugindo à tola vaidade daqueles que se consagram nos estudos acadêmicos, Nelly Novaes Coelho nos legou, através do conjunto de sua obra, reflexões ímpares sobre o universo literário. Solitariamente, produziu trabalhos que continuam grandes referências no campo da crítica literária nacional. Diante da indiferença ou crítica infundada de seus pares, perseverou inabalável na realização de seus projetos e como frequentemente a ela me refiro, foi uma gigante de pouco mais de um metro e cinquenta de altura.

Para encerrar estas evocações em torno de Nelly Novaes Coelho, vale lembrar o que ela mesma costumava dizer sobre a existência humana: “[...] a vida é um contínuo aprendizado e a criação literária é um grande laboratório, onde o autêntico conhecimento da vida se processa.” (Coelho, 2003, p.25)

REFERÊNCIAS

- ABREU, Adílson Avansi de. **Universidade e sociedade**, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- AJZENBERG, Bernardo. São Paulo, **Folha de São Paulo**, 7/9/1998.
- ALESSANDRINI, Cristina Dias. **Criatividade psicologia, educação e conhecimento do novo**. São Paulo: Moderna, 2001.
- ANDRADE, Mário. **Poesia completa**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARTHES, Roland. **Ensaio crítico**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BRAYNER, Sônia (org.). **Fortuna crítica Cassiano Ricardo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- CARNEIRO, Caio Porfírio. **Nelly Novaes Coelho, simplesmente**. São Paulo: Casemiro, 2003.
- CASTRILLÓN, Sílvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.
- CECHINEL, André. **Semiformação literária: a instrumentalização da literatura na nova BNCC**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2019.
- CHIAPPINI, LIGIA. **A reinvenção da catedral**; São Paulo, Cortez, 2005.
- CHRISTOV, Luíza Helena da Silva. **A escrita de si e texto acadêmico – potência e cuidados no convite ao conhecimento**; São Paulo: IX Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2021.
- CHRISTOV, Luíza Helena da Silva _____. (org.). **A voz de professores de artes: encontro entre universidade e ensino fundamental**. São Paulo: Porto de Ideias, 2016.
- CHRISTOV, Luíza Helena da Silva. **Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos**. São Paulo: Porto de Ideias, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Edições Quíron, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. **A nova utopia: a literatura e o homem criador do futuro**. São Paulo: SESC, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **A poesia – espaço de convergência das multilinguagens**. São Paulo: FFLCH/USP, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **A presença do Brasil na vida e na obra de Ferreira de Castro**. São Paulo: Separata do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **Aquilino Ribeiro**. São Paulo: Edições Quíron, 1973.

COELHO, Nelly Novaes. **Colóquio Europa em obras**. São Paulo: SESC, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Criança feliz contos e cantos**. São Paulo: Criança Feliz, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Depoimento ao Museu da Pessoa**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de literatura infantil/juvenil brasileira 1882-1982**. São Paulo: Edições Quíron, 1982.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: Nacional, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COELHO, Nelly Novaes **Erotismo, maldição, misticismo em José Alcides Pinto**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Escritores brasileiros do século XX**. Taubaté: Letra Selvagem, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **Escritores portugueses**. São Paulo: Edições Quíron, 1973.

COELHO, Nelly Novaes. **Escritores portugueses do século XX**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Edições Quíron, 1975.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura, arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **Mário de Andrade para a jovem geração**. São Paulo: Saraiva, 1970.

COELHO, Nelly Novaes. **Memorial concurso para professor titular**. São Paulo: FFLCH/USP, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas símbolos – mitos - arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **O discurso em crise na literatura feminina portuguesa**. Lisboa: Via Atlântica, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **O ensino da literatura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. São Paulo: Edições Quíron, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. **Ramalho Ortigão trechos escolhidos**. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

COELHO, Nelly Novaes. **Romance, da nuvem, pássaro**. Fortaleza: Edição da Autora, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Tempo solidão e morte**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.

COELHO, Nelly Novaes. **Três momentos poéticos**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

DOUBROVSKY, Julien Serge. **Porquoi la nouvelle critique?** Paris: Mercure de France, 1966.

FERREIRA, Rafael Vicente. **BNCC arte: entre o sonho neoliberal e o governo da alma**. São Paulo: UNESP, 2021.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **Essa escola chamada vida**. São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete A. **Formar professores: os dilemas de formação e a educação escolar em artes**. São Paulo: Terracota, 2018.

GENETTE, Gérard. **Fiction et diction**. Paris: Le Seuil, 2014.

GUIMARÃES, Elisa. **Linhas e entrelinhas**. São Paulo: Casemiro, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, Carl G. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LARROSA, Jorge. **A operação ensaio – sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**. Florianópolis: UFSC, 2004.

LARROSA, Jorge . **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LARROSA, Jorge . **Esperando não se sabe o quê**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LINS, Álvaro. **Jornal da crítica**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

LINS, Álvaro. MORAES, Antônio Lisboa. **A crítica que ilumina**. Goiânia: Opção Cultural, 15/11/1998.

MORIN, Edgar. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MORIN, Edgar. **Despertemos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

MORIN, Edgar. **Lições de um século de vida**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2021.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **O ensino da literatura**. Curitiba: Educar em Revista, 2014.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin a educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PONTY, Merleau. **As aventuras da dialética**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PONTY, Merleau. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

QUEIROZ, Eça. **Correspondência de Fradique Mendes**. Porto: Lelo, 1945.

ROCHA, Valdir (org.). **Artes e pantemporaneidade**. São Paulo: Pantemporâneo, 2009.

RÖSING, Tania M. K. **Edgar Morin religando fronteiras**. Passo Fundo: UPF, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. São Paulo: Graal, 2012.

SARTRE, Jean Paul. **O que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1985.

SECCHES, Fabiane (org.). **Depois do fim conversas sobre o antropoceno**. São Paulo: Instante, 2022.

SNOW, C. P. **As duas culturas e uma segunda leitura**. São Paulo: Edusp, 2015.

TEIXEIRA, Ângela Castello Branco; SIQUEIRA, Giuliano Tierno; CHRISTOV, Luíza Helena da Silva. **O que o discurso literário ensina ao pesquisador**. Santa Maria: Anpap, 2015.

TIBURI, Marcia; HERMANN, Nadja. **Diálogo/educação**. São Paulo: Senac, 2014.